

rem a sustentação quotidiana, & não guardar para o dia seguinte. Por essa causa as assinou por exemplo para a confiança da providencia, não aos animaes da terra; porque entre estes ha algũs, que fazem celleiros, & guardam para o futuro, quaes vemos as formigas. Polla qual razão o zelador da pobreza, & ostentador da providencia S. Francisco N. P. aborrecia as formigas, como desconfiadas da largueza, & cuidado diuino, de que canta o Psalmista: *Abris vossa mão, & encheis a todo o animal de benção, quer dizer de fartura. Abençoou Deos por certo na criação às aues do Ceo, & os peixes do mar, & não as bestas, & animaes da terra: não porque não fossem todas igualmente creaturas suas, & pollo mesmo merecedoras de benção; mas porque nos queria ensinar entãõ, como depois o fez neste Euangelho, que guernassemos a confiança de sua providencia por aquellas creaturas, que tendo necessidade de corporal sustentação, não faziam celleiro, nem guardavam para o outro dia, como algũs animaes da terra. Porque os que em Deos poem seu cuidado, & confiança, & da terra se leuantam per meditação das cousas celestiaes, como as aues do Ceo: & os que pondõ em o Senhor sua confiança, & esperança fogem da terra, & se acolhem aos secretos do mar, tratando sómente do salgado de suas lagrimas, & amargoso de sua penitencia: estes alcançam aquella benção do Senhor: Vinde abençoados de meu Padre. Mas os que como bestas da terra andam continuamente a fossar nella, & a buscar della seu remedio; estes taes não são dignos daquella preciosa benção. E exprimindo esta mesma doutrina conclusão o Senhor todo este discurso dizendo. Não tratteis de ser sollicitos para amanhã, isto he para o futuro. O dia de amanhã será sollicito de si mesmo: quer dizer tratã consigo a ne-*

cessidade de se tratar do mantimento. Bastalhe ao dia sua malicia, quer dizer seu trabalho, ancia, & desuello.

23 Ia antigamente foi tolhido aos Israelitas naquelle geral prouimento, que o Ceo lhes mandaua de pão, que ninguem guardasse delle para o outro dia. Porque como era razão que o Ceo daua, era discredito do Senhor entregar o seruo a sua industria, o que da providencia liberal delle dependia. Saber o qual diz Ruperto, que nisso pretendia Deos a fé de seu pouo, para que descarregando nelle o cuidado, deixassem de ser sollicitos, para o dia que estaua por vir. E discredito, diz S. Ambrosio, que he de Deos cuidar-se delle que ha de faltar com a razão aos que o seruem. He indicio de não se ter por seu, o desconfiar de sua providencia; porque o Sabio diz: Ao pequeno, & ao grande fez elle mesmo, & igualmente tem cuidado de todos. E se bem he verdade, que ninguem perguntado dirã que desconfia da providencia diuina, nem deixa de pôr nelle sua esperança; com tudo huns ha que tem esperança viua, outros que a tem morta. Morta he a esperança daquelle que dizendo que cre, & espera em Deos, fia tanto de sua industria, & agencia, que nella empregua todo seu coração, sem deixar delle nada à providencia diuina. Deste, morta he a esperança, como pode ser morta a fé, que he sem obras. A esperança viua, de que fala S. Pedro, que nos regenerou Deos para ella; esperança he dos regenerados, confiados filhos. Esperança viua diz S. Chrysofostomo, que lhe chamou para reprehender àquelles que occupados com as cousas da terra, tem esperança morta. E S. Paulo afirma que a Fé se funda, & arraiga mais polla esperança do Euangelho. E chamase esperança do Euangelho, segundo S. Agostinho, a daquelles que cõforme ao Euangelho, a poem toda no Padre celestial. Deste argumento dis aqui o

Ps. 144. n. 16.

Gen. 1. n. 22.

Rup. lib. 3. in
Exod. cap.

Amb. in Luc.
12. lib. 7.

Sap. 6. n. 8.

1. Petr. 1. 3.

Chrysof.
hom. 9. ex
Decem.
Coloss. 1. n. 23

Aug. Tract.
12. de verb.
Apost.

Hic. n. ult.

diuino Mestre: que se não falta o Ceo com a razão aos Coruos inuteis, aos passaros, & aues do Ceo, que nem semeiam, nem recolhem; mas nelle naturalmente confiã, como em Senhor, & Creador, & conseruador: quanto menos faltará como pae a aquelles que nelle sobrenaturalmente confiã, racionais, seruos, & filhos.

24. Deuem logo os seruos de Deos, os filhos do Padre celestial, & os seguidores de Jesus Christo viuer com confiança Euangelica na terra, como as aues do Ceo, buscando diligencia, pollos bemfeitores, pollos amigos espirituales, & fieis deuotos, ou tambem pollo trabalho de suas mãos, ou de suas sciencias a sustentação quotidiana para si, & para os que tem por sua conta. As aues do Ceo voam ligeiras hũas às flores, & heruas, outras às sementeiras, outras aos fructos das arvores, outras aos corpos mortos, & carnes viuas, em que fazem prezas. Mas todas, & cada hũa dellas ao q̄ ha mister conforme a sua natureza; não ajuntando com auareza para o futuro com cuidado superfluo. O superfluo he cuidado de genios, como o Senhor diz logo abaixo: isto he de gente que não tem fé, & que só tratta do presente seculo. De Marco Antonio se le, que sendo cruel, & rapaz, deu a hum cozinheiro hũas cascas, que a hum fidalgo tomara; porque lhe fez hũa cea de que gostou muito. E para estas demasias pretendeo dobrar hum anno os tributos em Asia, & de effeito o fizera, se Hyberas hum Procurador da Cidade o não reprimira dizendo que mandasse dar aos campos duas vezes os fructos no anno, & que entãõ lhe dariam a elle os tributos dobrados. E de Cayo Caligula se diz, que lhe não bastauam tributos do Imperio de hum anno para hũa cea. Porem (acrecenta Seneca) que isto fizesse hum Senhor de todo o mundo, algũa cousa sofriuel era em respeito das demasias de outros, que de seu tem pouco, & gastam muito.

Senec. de Cōsolat. ad Albiūm c. 9.

Algũs ha(ainda mal) Ecclesiasticos, que continuamente trattam em differenças de gostos temporaes, & manjares. Acerca do qual diz o mesmo Seneca: Ha muitos, que se não contentam para se fartarem, com o ventre, & boca; mas até com os olhos são golosos. Não ha cousa melhor (dizem) que ver morrer diante dos olhos hum barbo de seixo. Daime ca hum vaso de vidro em que o veja saltar, & pullar.

25. E porque segundo S. Boauentura, poderia alguem replicar a esta razão do Senhor, & dizer, que antes porque os homens são racionais, não deuem fiar tanto do instincto, & providencia natural, se não de sua industria, & cuidado; confirma o seu argumento com outra razão, que acrescenta. *Qual de vos outros cuidando (isto he à força de cuidado, & industria) pode acrescentar hum couado a sua estatura?* Em S. Lucas mais claro se acrescenta: Pois se nem isto, que he minimo podeis, para que sois sollicitos das outras cousas? Esta razão do Senhor he como profunda, difficiltoza de explicar, porem não se ha de applicar ao que se segue do vestido do corpo, se não ao antecedente discurso da sollicitadaõ do comer. Se bem pode seruir ao seguinte discurso do vestir em gerar superfluo cuidado, que a perfeição Euangelica tolhe destas cousas. E he como se dixerá segundo o mesmo Doutor Seraphico: Se o augmento do corpo, que entre as obras naturaes he hũa cousa de minima importancia, por quanto nada vai em que o corpo, & estatura seja maior, ou menor; & cõ tudo isto nenhũ desconcente da sua, por pequena, pode por mais diligencia que faça acrescentar nella cousa algũa, porque isso he só do Author da natureza: assi tambem he seu, & de sua providencia o daruos o necessario para a sustentação natural. Logo neste genero superflua he vossa sollicitadaõ, & cuidado destas cousas

Boen. in Luc.

Tex. Luc. 11. n. 26.

cousas exteriores. Porque segundo o Philosopho, todas as cousas, que constam de natureza, tem termo, & razão de grandeza, & augmento. E este Deos o dá, & não a diligencia humana. Donde dizia a mae dos sette santos Martires Machabeos: Eu não sei de que modo vos outros apparecestes em meu ventre; porque nem eu vos dei o espirito, & a alma, & a vida, & os membros de cada hum de vós, eu os não formei. E o Apostolo, Deos lhe dá o corpo assi como quer. E nota que couado aqui se poem como medida certa polla incerta, & indeterminada; como se dixerá, qualquer grandeza mais da estatura, conforme ao vão desejo de cada hum. E poem o exemplo mais no augmento, que na diminuição da estatura; porque he natural desejo nos pequenos de corpo o serem maiores, & naturalmente se estiram para não parecerem pequenos. Como também natural nos grandes a jactancia da estatura, donde Deos aduertio a Samuel que nos filhos de Isai, ou Iesse não respeitasse para a coroa, a grandeza da estatura; porque o que elle para Rei escolthera, pequeno era do corpo. Sem embargo de parecer a Caietano que elle era da estatura de Saul, & que não recusara suas armas mais que por não ter uso dellas. Porem o texto com Samuel, dá bem a entender, que Dauid era pequeno.

26 Segue-se em o texto. *E do vestido para que sois sollicitos? Considerai os lirios do campo, como crecem, nem trabalham, nem fiam. Digouos que não Salamam em toda sua gloria se vestio como hum destes. Pois se o feno do campo que hoje he, & amenham se lança na chamine, Deos assi veste, quanto mais a vós outros, gente de pouca fé?* Este he o terceiro argumento, ou segunda parte do segundo argumento principal conjuncto; Em o qual proua polla prouidencia acerca do vestido, com exemplo dos lirios do campo; assi

como hauia prouado a do comer com o das aues do Ceo. E apontou os lirios como em genero indeterminado por todas as flores, & boninas do campo, cuja fermosura he tão admiravel, & suas cores tão naturaes, & varias, que arrebatam aos sentidos humanos, & aleuantam a consideração as cousas diuinas. Donde S. Chrysofomo: *Para que vestio Deos com tanta galhardia ate as heruas do campo? Para mostrar sua sabedoria, & copia de virtude; para que de todas as partes aprendessemos sua gloria. Porque não são sós os Ceos os que cantam sua gloria, mas também a terra. E o Psalmista ao Ceo, & à terra com suas plantas, & heruas manda, que o louuem. Estrellas são da terra as flores, que ornão; como flores do Ceo as estrellas, que o enfeitam. Porem não poz o Senhor o exemplo nas estrellas, que também naturalmente, & sem trabalho, ou industria sua algũa luzem, & logram resplandores tantos; porque tem estas de mais a mais a perpetuidade de seu ser, & duração; & o Senhor queria concluir com a fragilidade das flores a maior razão de ter o Ceo cuidado dos homens. Nem tão pouco quiz trazer exemplo as aues, das quaes algũas como animados ramalhetes, vestem tam galhardamente, que sempre fora verdadeiro dizer, que nem Salamam em toda sua gloria vestira como hũa dellas. Porque esses passaros tem por seu modo especie algũa de jactancia, & vaã gloriação no galhardo de suas pintadas penas, & no soberbo de seus penachos, & copetes, segundo S. Chrysofomo o aduerte. O que não tem os lirios, & boninas do campo, que sem sombra de ostentação, são naturalmente galantes.*

27 E porque o artificio nunca vence ao natural, & nunca os arremedados da arte chegam à perfeição da natureza, allega o Senhor com a gloria de Salamaõ, que entre todos os

1 Machab. 7

n. 22.

1 Cor. 15. n. 38

Ps. 148. n. 3.

2 Reg. 16. n. 7

Cajet. ibid.

Text.

Chrysof. in
Gloss.

Ps. 148. n. 3.

Chrysof. in
hom. 23. in
Matth.

principes do mundo, foi gloriosissimo, potentissimo, & sapientissimo, para poder com a noticia, que teue cabal de todas as cousas naturaes, chegar a toda a perfeição da arte nas cores, & bizarras dos vestidos de sua galharda pessoa, & famosa Corte. Isto he o que diz, que nem Salamam em toda sua gloria, pompa, & potencia pode chegar a vestir como hum destes. Porque (como diz S. Ieronimo) que cousa ha tão vermelha como a rosa, tão branca como o lirio, tão roxa como a viola? juizo he mais proprio dos olhos q̄ do encarecimento das palavras: qual carmisi como o do crauo, qual mesclado, & variado como o das boninas ainda rusticas das charneças, & matos? A diuersidade quasi infinita de verdes, que pollas folhas das heruinhas, & plantas se encontram; que pode por mais Salamam que fosse remedallas, ou imitallas? E toda via he conhecida vaidade dos humanos, querer apostar seu artificio com a natural fermosura? porque a differença, que vai da mentira à verdade, essa diz S. Chrylostomo, que vai dos vestidos às flores. Desconfiar fazem a Salamam, porque he Sabio, muito se alentara o necio, porque he necio. As cores das pelles dos animaes, que são seus vestidos, são indicios de sua natureza: & os vestidos nos homens são indicios de seu fiso. Cada prouincia se differença no modo de vestir, porque se differença nos costumes. E o Doutor Angelico tem para si que Loth conheceo em Sodoma serem Anjos aquelles mancebos, pollos trages, & honestidade dos vestidos. A vaidade do vestido he indicio de animo vaã-glorioso, como o desprezo das roupas, & pompas he sinal de animo generoso. E nos mesmo animaes, que por isso o Senhor não quiz trazer por exemplo, ensinou a natureza que de ordinario as aues, que são de muita, & boa carne, como galinhas, & perdi- zes, não tem penas de preço, nem se

faz dellas caso: & logo outros animaes, cuja carne he ruim, & de pouco gosto, & estimação, tem as penas, & pelles de importancia, à vista.

28 A estes compara o feno do campo, o qual neste lugar se toma em genero por todas as heruas, & flores do campo. Por tanto chamou o Redemptor Iesus Christo gente de pouca fé a aquelles que do vestir tratauam com demasiado cuidado, por quanto eram mais vãos que o feno do campo, gente que tudo se lhe vai em flor, & nada curam do fructo, de quem diz Isaias: Toda a carne he feno, & toda sua gloria hũa flor do campo. Secouse o feno, & cahio a flor: verdadeiramente feno he o pouo. E David canta: Sejam feitos como feno dos telhados, que se seca primeiro que o colham. Donde se infere que dessas castas de feno são as que sem grado, nem proueito se mal logram. Hum he o do campo de que fala Isaias, & o Euangelho presente, que he o pouo, & a gente secular: outro he de que fala David, feno dos telhados, que na casa se cria. E este significa a gente Ecclesiastica, & religiosa criada na casa de Deos. E desta se entende moralmente a queixa, que Deos faz per Sophonias: No dia do sacrificio do Senhor visitarei (isto he farei meu castigo) sobre todos os principes, & sobre os filhos do Rei, & sobre todos os que andam vestidos de trages estrangeiros, ou peregrinos. Os principes são os prelados, & os filhos são os subditos, & os vestidos peregrinos, & alheios de seu estado, & profissão. E porq̄ estes são indicio de vaã gloria do animo, & da perdição da vida, & escandalo, & descredito da Igreja, & da Religião; acrescenta o Propheta: E visitarei sobre todo aquelle, que entra com arrogancia; os quaes encham a casa do Senhor Deos seu, de maldade, & de engano. Porque do que na casa de Deos he causa de se introduzirem ralaxações,

Hieron. hic.

Chrylost.
hom. 23. in
Cas. hicD. Th. apud.
Ortens. or.
Ciner.

Gen. 19. n. 1.

Isai. 40. n. 6

Ps. 36. n. 2.

S. ph. 1. n. 8.

Remig

as quaes sempre começam pollo vestido; bem se podem esperar todas effoutras perdições da vida, & procedimentos. Onde he de notar com Landulpho, que de quatro modos pode ser reprehendido o mau uso, & demasia dos vestidos. O primeiro serem demasiadamente preciosos, o segundo por serem muito curiosos, o terceiro por serem incompetentes ao estado da pessoa, o quarto por serem mui dobrados, & superfluos em quantidade, quando por ventura o necessitado delles anda mal arroupado. A preciosidade he reprehendida até nos seculares no ordinario trattamento. Como o foi naquelle rico malaventurado. E nas historias se le, que o primeiro que em Roma usou de purpura foi ferido do Ceo com hum rayo. A curiosidade he reprehensivel nos Ecclesiasticos todos; & a incompetencia semelhantemente polla distincção dos habitos. & trages delles. Porem o precioso, & dobrado das vestiduras he reprehensivel em todos aquelles que professam com mais estreiteza a guarda dos Evangelicos conselhos, hum dos quaes he que não se tenham duas tunicas. E ao voto da pobreza pertencem não serem preciosas as vestiduras do pobre.

LI F A M V.

Da consequencia do discurso.

29 **D**iscursadas todas estas razões com os exemplos referidos, se conclue em ultimo lugar com a consequencia de todo o discurso dizendo em o texto. Não queirais pois ser sollicito dizendo, que comeremos? ou que beberemos, ou com que nos cobriremos? Que estas cousas todas os gentios as buscam. Porque vosso Pae sabe que de todas estas cousas tendes necessidade. E repetição foi esta em summa, & por junto, do que per partes ja tinha ditto, o qual diz S. Remigio que fez o diuino Mestre polla necessidade da materia, para que

repetida penetrasse melhor nosso coração. Porque não tomamos homens com facilidade a lição de materias, que são fora de seu gosto, & inclinação natural. E porque esta era de materia tão alta como fiar da providencia diuina o remedio das necessidades humanas, & deixar as vaidades, & superfluidades, & contentar com o que basta; foi necessario tornarlhes a repetir a lição. A qual de nouo confirma com duas razões; a primeira que deixem este cuidado para os gentios; a segunda que o Pae celestial sabe que elles haõ mister, o que não se escusa para a vida humana. Como quem dizia: Deixai esses cuidados das cousas da terra para os gentios, que como não tem outro emprego, nem trattam das cousas futuras, todos se occupam com estas presentes. E por isso não he de espantar que esses taes possuam nesta vida mais bens que os que trattam da alma; & sejam os filhos deste mundo mais prudentes em seu genero, que os filhos da luz, como affirma a mesma verdade Christo. Para os negocios da terra mui vistos, para os do Ceo mui cegos como as Corujas, que não negoceam se não de noite: Donde se escreue em Baruch: Filhos de Agar, que buscaram a prudencia, que he da terra; negociadores da terra, & de Theman. Os filhos de Agar foram gentios, & como taes não trattaram mais que do presente. He especie de gentilidade nos que conhecem a Deos, o não fiar mais que em sua negociação. E por essa razão diz S. Ioaõ Chrysostomo, que o Senhor applicou este demasiado cuidado ao gentio, porque a gentilidade vulgarmente negaua a prouidencia, & veneração a fortuna, & por ella cuidaua, que se governauam estas cousas terrenas, que daqui mesmo alcançaram o titulo de bens da fortuna. Lance se fora da casa de Abraham o gentio Ismael filho de Agar, o qual logo desde pequeno tratta de idolos,

Land. 2. p. 116.

Baruch. n. 8.

Baruch. n. 26.

Chrysost. Cas.

Gen. 41. n. 10. 37. n. 28.

Remig. Cas.

& brincos de idolatria, progenitor dos Ismaelitas negociantes, que compram a Ioseph, & o leuam por escravo a Egipto. Lançese da Igreja, & da Religião, o que tratta per inclinação, & genio, do que só trattam os gentios idolatras; & a peyor idolatria he a cobiça, & negociaçãõ, que não he para a casa de Deos.

30 Fique na casa de Abraham só Isaac, que he filho de bençãõ; & aquelle que se prezãr de christão, & de filho, veja que tem pae que sabe, pode, & quer remediallo. Sabe (como Christo aqui o testemunha) & para isso tem sette olhos lançados por toda a terra, para lhe não escapat necessidade algũa dos que como em pae delle confiam. Pode quanto quer no Ceo, & na terra, no mar, & em todos os abismos. E suas são todas as feras dos mattos, & todos os mais animaes, com que pode sustentar. Rico (diz S. Paulo) para todos os que o inuocam. Quer, como quem tem amor paternal, do qual diz Isaias: Pode-se por ventura esquecer a mae da sua criança, para que se não compadeça do filho de seu ventre? Donde S. Ioaõ Chrystostomo: Não dixe: Sabe Deos o que haueis mister; se não: sabe vosso pae, para que nos alente a maior esperança. Porque se he Pae, & tal Pae, não poderã desprezar os filhos postos nos extremos males; pois he certo que nem os homẽs, q̃ são paes tal sofrem. Porque totalmente he claro que Deos conhece a nossa natureza, & he seu Creador: & como quem a creou atenta melhor pollo que ha mister, que tu mesmo que estã apertado com as taes necessidades; pois elle he quem permittio, que a natureza padecesse a tal necessidade. E S. Agostinho: Bem sabe o medico celestial o que nos ha de dar para consolaçãõ, & o q̃ nos ha de tirar, para exercitaçãõ. Porque nenhum homem tira ao seu animal o mantimento sem causa. Se elle pois sabe

(como ditto he) & quer, porque he pae; & pode porque he omnipotente: Logo não se ha de temer que nos dei-xe de prouer. E S. Boaventura acresenta: Pae vosso he Deos por amor da paterna creaçãõ, por amor da paterna affeicãõ, por amor da paterna procuraçãõ, & por amor da paterna hereditaria collaçãõ.

31 A paterna creaçãõ se proua do que Moyses escreveu: Por ventura não he elle teu pae, que te possuio, que te fez, & que te creou? Fez o corpo, creou a alma, possuio todo. Donde Agostinho: Hãse de amar o Creador, mas hãse de antepor o Creador. Queres saber se es filho de Deos? Ouue o que se diz: Tudo o que nasce de Deos, vence ao mundo, conuem a saber os vicios do mundo. E noutro lugar o mesmo S. Ioaõ: Se algũ ama ao mundo, não está nelle o amor do pae; por q̃ tudo o q̃ ha no mudo he cobiça da carne, cobiça dos olhos, & soberba da vida. O que pois ama as taes coisas, não he Deos seu pae, se não o diabo, de q̃ Christo diz: Vós procedeis do diabo, como de pae; & deste pae possuiraõ a herança, que he o fogo eterno. A paterna affeicãõ se mostra no pae do Pródigo, & no amor com que o recebeu, com os braços abertos, & com beijo na face. Com os braços abertos o recebeu cõtrito, & com o osculo o reconciliou perdoado. Nesta mesma forma de pae passou o Senhor Iesus deste mundo cõ os braços abertos, do q̃ o Psalmista diz: como tem misericordia dos filhos o pae, a teue o Senhor dos que o temem, que são os penitentes, & contrictos, que a elle tornam depois de terem gastado viuendo mal, os bens desse pae, que são os sentidos, a saude, o tempo, & tudo o mais. E o osculo deu aos homens, segundo o mesmo Doutor Seraphico, quando para esse osculo inclinou na Cruz a cabeça. A paterna procuraçãõ se manifesta no cuidado, com que acode com o comer, & vestir. O qual bem

Apoç 5. n. 6.

Ps. 134. n. 6.

Rom. 10. n. 11.

Isai. 49. n. 15.

Chrystost. apud. Land.

Aug. ibid.

Bon. ser. 2.
Dom. 14.
Pent.

Deut. 32. n. 6

Aug. apud. eund.

1. Ioaõ. 5. n. 14
C. 2. n. 15.

Ioaõ. 8. n. 44

Luc. 15. n. 20

Ps. 102. n. 17

Bon. sup.

Deut. 29. bem intimou Moises ao povo, a quem Deos sustentou no deserto quarenta annos, sem semear, nem recolherem, como a Coruos, & aues do Ceo: & proueo de vestido, & calçado, sem trabalharem, como as heruas do campo. A paterna hereditaria collação he tão alta, que não he menos que de Reino. Conforme ao que está escrito:

Luc. 12. n. 32. Não temais pequeno rebanho porque se seruiu vosso pae de darvos Reino. O qual Reino não se dá se não aos pequenos, & aos necessitados, que como em pae nelle confiam.

1. Reg. 16. n. 8. A nenhum dos irmãos de Danid, que em suas pessoas confiouam, se deu o Reino (como o aduertio o mesmo S. Boanentura) se não ao mais pequeno de todos, que por tal era desprezado. Ainda resta hum pequeno (dixe o pae) que anda apacentando as ouelhas. Mas esse pequeno he o filho, & he o herdeiro, porque desses he o Reino dos Ceos.

Matt. 19. n. 14.

Luc. 1. n. 11. 32 Para que desconfias logo Christão, se te tens por filho? Não sabes que dizo Senhor no Euangelho: Se vós outros, sendo maos, sabeis dar a vossos filhos o que he bem, quanto mais Deos que he bom? Donde S. Bernardo: Temo a Deos de minha vida não só gratuito dador, larguissimo administrador, pio conseruador, solícito governador; mas tambem copiosissimo Redemptor, eterno remunerador, enriquecedor, glorificador. O de cima he de S. Bernardo. E hase de notar que segundo Landulpho, por muitas causas padecemos, muitas vezes falta das cousas necessarias. A primeira pollos demeritos de nossos peccados. A següda por exercicio da virtude. A terceira polla importunidade de nossa auareza; porque a demasiada sollicitação de que nos não falte o necessario, faz que muitas vezes nos falte. A quarta polla superfluidade humana, porque justo he que o que busca o superfluo, careça do necessario. A quinta polla mau vjo das

Land. ubi. n. 1.

cousas temporaes, porque o que vja mal da creatura de Deos, digno he que essa lhe falte para a sua necessidade. A sexta he a ingratitude, porque merecedor he o ingrato que se lhe neguem os beneficios. A settima he para que creamos, que Deos he o que nos dá o que haemos mister, & que não procedem de nós os bens temporaes; porque em os elle tirar, quando muitas vezes cuidamos que nossa industria os tem grãgeado; mostra que he Senhor. A aquelle necio que se julgaua abundante de quanto hauiá mister para a vida humana para muitos annos, & disso pedia aluicaras a sua alma; dixe Deos: Paruo, esta noite te tornaraõ a pedir a tua alma, ou vida. Alma, & vida era emprestada a daquelle rico, que Deos logo lha tirou, para que soubesse que elle era o dono de tudo. Donde S. Ambrosio: Não são do homem os bens temporaes, que consigo não pode levar: só a misericordia he a que acompanha aos defuntos. Por isso logo lhe chamou necio, porque não sabia que sendo alheyo o que possuia, podia ser delle despojado, quando mais seguro estiuessse, confiado em sua agencia. Donde argumenta S. Paulo: Nenhã cousa trouxemos a este mundo, não ha duuida que nada podemos levar delle.

33 Com isto poem o Senhor a conclusão a todo o Euangelico discurso. *Buscai pois primeiro ao Reino de Deos, & a justiça delle, & todas estourras cousas se vos ajuntaraõ, ou acrecentaraõ.* A justiça, & santidade se entende de Deos, não do Reino, o qual na lingua Grega, em que se isto escreueo, he do genero feminino, & o pronome della, he do masculino. Por onde faz este sentido: Buscai primeiro ao Reino de Deos, & a justiça, & santidade de Deos. Em a qual conclusão torna a repetir a lição do pouco cuidado acerca das cousas temporaes, & muita confiança na providencia

Luc. 12. n. 20

Ambrosio lib. 2.

Tim. 6. n. 7.

Text.

dencia divina; porem com mais clareza. Ensinando juntamente em que se ha de empregar esse cuidado humano, que he no Reino de Deos, & na sua justiça desse Senhor. E finalmente assegura como em promessa, o effeito da providencia, acerca dos que assi souberem empregar seus pensamentos, & cuidados. Este he o perfeitissimo modo de buscar a Deos, & de achar com elle a todos os bens.

3. Reg. 3. n. 11 Como os achou Salamam, a quem o Senhor, porque vio que primeiro de tudo soubera buscar a sabedoria, dixe que pois soubera acertar a ordem de pedir, lhe daria tambem todas as mais couzas, que não auia procurado; riquezas, & gloria temporal. Este he o acerto de saber buscar, conforme a aquillo de Isaias: Se buscais (isto he se quereis saber buscar) ao Senhor, buscayo, conuerteuos, & vede. Acerca do qual o Doutor Seraphico: Buscayo assi como o enfermo a medicina, ou ao medico; como o cobizioso ao thezouro; como a querida ao esposo, como o herdeiro ao Reino.

Isai. 21. n. 12

Bon. ser. 5.
Dom. 14.

Idem. ser. 4.

Assi o buscai como a medico da penitencia, thezouro da graça, Esposo da Igreja, Reino da gloria. E porque em comparação deste Reino fica vil, & de nenhum preço tudo quanto na terra se pode hauer; por isso como bom mestre ensina o Senhor a antepor este Reino a tudo o mais, dizendo: Buscai primeiro o Reino de Deos. Em o que segundo o mesmo S. Boaventura, os amoesta para a diligencia da devida busca, & lhes declara a magnificencia da superna habitação, & introduz a efficacia da virtuosa operação. Por razão do primeiro, se dispoem a racional para o conhecimento da verdade, ordenandose o entendimento à diligente inquirição della, ordenada, & prudentemente. Por tanto diz: Buscai primeiro, conuem a saber diligente, & ordenadamente. Por razam do segundo, se conuida a concupiscivel para o amor

do bem attrahido a vontade, & affectoandoa polla preeminencia da real coroação no Reino de Deos. Por razam do terceiro se esfoça, & ordena a irascivel para acometter o arduo, & aspirar a guardar a justiça deste Senhor, a qual segundo a glossa, vema ser tudo o que Christo manda.

Glo. bic.

34. Logo a direita ordem he buscar primeiro esse Reino, & essa justiça com todo o cuidado, & affecto; interior, & exterior diligencia; E esta ordem troca, & confunde o que primeiro busca a miseria, & vileza da terra, & sua maldade, & maliciosa intenção de enganar aos outros, & adquirir para si. E este ja não fica à conta de Deos, se não à conta de si mesmo, & em trocar a ordem, que elle como justo deu, o desobriga desse cuidado. Porque o Reino de Deos (diz o Apostolo) não he comer, né beber; mas justiça, paz, & gosto no Espirito Santo. E tudo isto falta ao que esta ordem troca, antepondo o interesse, & cuidado das cousas deste mundo; porque não tem justiça, antes injustiça, & iniquidade, de que se diz por Oseas, que o furto, & o homicidio inundaram, & o sangue tocava o outro sangue, conuem a saber o sangue dos pobres ao sangue dos innocentes. Carece de paz, porque o Espirito Santo testemunha que o impio não tem paz, & finalmente não tem gosto, nem alegria no Espirito Santo, mas só se gloria em malicia como poderoso em maldade, de que falla o Psalmista. Donde diz S. Ioaõ Chrysofostomo, que o que cre que he governado pollo Iuizo de Deos, entrega o seu mantimento em sua mão. E S. Boaventura acrescenta, que esta promessa de não faltar Deos, he mui justa. Por quanto aquelle q̄ busca o Reino de Deos & sua justiça, he seruo, amigo, & filho desse Deos; porque os que são guiados pollo Espirito de Deos, esses são filhos de Deos. E mui peruerso sentir he que Deos haja de faltar

Rom. 14. n. 17

Ose. 4. n. 21

Isai. 48. n. 18

Pf. 51. n. 11

Chrysof.

hom. 16. in

Matth.

Bon. bic.

Rom. 8. n. 14

Aug. de
Dom. in
mon. l. b.
c. 24 in
leb. 7. n.

aquelle espirito da cobiça, inimigo capital de todo o bom espirito, se Capital, & capital guia de todos os males, & desventuras do mundo. Ama a teu bom Senhor, & entregalhe teu coração, cuidados, & pensamentos, & escuzarás de sofrer senhorio tão importuno, & tão afrontoso. Deixa para os que no mundo vivem, o cuidado do comer, & vestir, que se todo te entregaste a teu Deos, até esse tão precioso cuidado quer que lhe sacrifiques, & lho entregues. Date todo a elle, pois ves, quão desperdiçados são com o mundo os pensamentos fóra de Deos, q̄ so, & como quē os sabe conhecer, os sabe estimar. Guardate cō tudo como de veneno da ociosidade, q̄ he inimiga da alma; trabalha, para que sempre o tentador te ache occupado. E se não sabes, aprende, não polla cobiça do preço do trabalho, mas pollo bõ exemplo, & por lançar fóra a ociosidade. Contentate com o que te basta, sees da cipulo daquelle que nem nas mayores occasioens deixou de dar

sempre o melhor lugar à moderação. Porque se sem exemplo de Deos, antes com doutrina contraria, os homens tanto se demasiam; que fariam se nelle allegar pudessem exemplo? Considera tu antes bem os que teu Mestre Jesus Christo poem das aues do Ceo, & dos lirios do campo, & firuamente estas, & outras creaturas de materia mui accommodada para engrandecer a providencia do Creador; & de premissas mui forçosas para inferires, que quem com ellas vsou tão liberalmente, não será contigo escasso, se te tu quizeres accommodar com sua disposição diuina. Dalhe continuas graças como a Senhor, & rendelhe continuos affectos como a pae, que sabe melhor que ti o de que necessitas. Busca dentro de ti mesmo o Reino de Deos, & a justiça desse Senhor seja o caminho de tuas acçoens todas para o fim desse Reino. Entregate todo a elle, que nem te faltará com o menos desta miseravel vida, & te dará o mais da gloria da outra. Amen.

REFEICAM SPIRITVAL

CAPITULO DECIMOSEPTIMO.

Da resurreiçãõ do filho da viuua de Naim.

Luc 7 n. 1.
Postill Guill.
Castilho in
Perag. n. 14.



Inha Christo nosso Redemptor de Capharnaum, onde auia curado ao seruo do Centurio, quando obrou esta muito maes auantajada marauilha do Euangelho presente. A qual aconteeço depois da segunda Paschoa de sua pregaçãõ, quando ja S. Ioão Baptista estaua preso: Dizem que pollo mez de Iulho, & em Domingo; outros que em fete de Junho. Outra ves se canta este mesmo Euangelho na quinta feira depois da quarta Dominga da Quaresma por resaçãõ do que no fim delle se dis, que visitou o Senhor ao seu pouo.

LICAM I.

Do lugar em que aconteeço o milagre.

Conta o caso o Euangelista S. Lucas no capitolo settimo; E em primeiro lugar o sitio, & parte em que aconteeço o milagre, dizendo em o texto. *Hia Jesus para à Cidade, que se chama Naim, & hiam cõ elle seus discipulos, & grande multidãõ de gente.* Esta Cidade de Naim era hũa terra pequena, situada ao pé do monte Endor, pollo pé do qual corre a Ribeira de Cisson na Prouincia de Galilea, duas milhas, que he meya legoa

legoa do monte Tabor, para a parte do meyo dia: & naõ muito distante da Cidade de Capharnaum, Metropoli daquela Prouincia. Naim se interpreta, fermoso, ou fermosura; no qual se dà a entender que a fermosura mundana nunca carece de almas mortas pollo peccado. Herança parece que foi, que se trouxe do Paraíso Terreal, onde primeiro se semeou a morte: como se o jardim de deleites fosse o lugar, onde melhor a morte se daua. No mez de Mayo, que he o mez segundo, de que faz menção a Escrittura; notou Ruperto, que viera o diluio. Quando o mundo estaua mais fermoso, a terra mais florida, & o tempo mais sereno: entaõ sobreueyo a geral perdição. Entre as flores da mundana primavera, he mais certa a serpente da morte.

2 E diz em o texto, q̄ o Senhor hia para a Cidade de Naim; conuê a saber discurrindo pollas Cidades, & lugares todos, ensinãdo em as synagogas, & curãdo os enfermos. Poi q̄ mui certo he q̄ em mudo taõ necessitado, por força se haõ de encontrar males a que acudir. Os bens em o mundo ainda buscados naõ se acabam de achar, & os males ainda sem se buscarem, se encontram. Se toda a terra està pollo peccado cheya de espinhas, para que parte pode o homem ir, que naõ as encontre. Ao qual proposito diz S. Cypriano: fingiuos hum pouco que sois leuado ao mais empinado cabeço de hum alto monte: olhai bem da hi para todas as faces das cousas que de baixo ficã, & vede bẽ as turbulencias do inquieto mudo. Olhai os caminhos tomados com ladroẽs, os mares cercados com piratas, em todo o lugar as guerras diuididas com o cruẽto horror dos arrayaẽs, escorrer o mundo em sangue de huns, & outros. E que quando hum particular comete homicidio, he crime; & quando publicamente se faz, se chama virtude. Acquire impunidade às maldades,

naõ a razaõ da innocencia, mas a grandeza da crueldade. Pois se às mesmas Cidades leuares os olhos, vos digo eu: encontrareis hũa certa festa maistriste que toda a soidaõ. Por estas, & outras couzas, que S. Cypriano discorre, se conclue, que naõ ha lugar no mundo, onde os males se naõ encontrem aos montes: & por isso o Senhor Iesus Christo, sem ser chamado, nem rogado, vindo á Cidade de Naim logo topou com spectaculo taõ triste como o que ao diante se verá. E diz que hiam com elle seus discipulos, & outra muita gente: os discipulos hiam como discretos, & a gẽte popular, como interessada. Os discipulos como discretos, po q̄ (como diz S. Boauẽtura) indo cõ o Mestre queriã apreder, como quẽ sabia aquillo, que no Deuteronomio està escrito: aquelles q̄ se chegã a seus pés (que he em seu seguimento) receberaõ de sua doutrina. E o que diz Salamaõ: quem acompanha cõ os sabios, serã sabio. E q̄ no Ecclesiastico se escreue: Naõ desprezes o que contam os mais velhos sabios, & conuersa com elles, porque delles aprenderã sabedoria, & doutrina do entendimento. E a gente popular o seguia como interessada, porque andaua admirada na novidade de suas marauilhas; & na multidaõ de seus milagres, com que saraua quantas infirmidades, & remediaua quantos trabalhos achaua, & encontraua.

3 E aduertidamente faz o Euangelista menção em primeiro lugar, de que seguiaõ ao Senhor os discipulos, & depois a gente vulgar. Para nos mostrar que os discipulos de Christo (que saõ os Sacerdotes, & religiosos, & os mais Ecclesiasticos) andam como entre Christo, & o pouo; & assim seguirã a gente vulgar a virtude de Christo, como vir seguir àquelles que por officio tem obrigaçã de ir diante delles, por exemplo de virtuosas obras. Muito de notar he naquelle mysterioso carro de Ezechiel,

M m ij que

Gen. 7. n. 11.
Rup lib. 4.
in Gen. c. 25

Bon. hie.
Deut. 33. n. 3.

Prõu. 13. n. 26

Ecl. 2. n. 9.

Cyp. Epist.
ad Donat. ii.

Ezech. 1. n. 19.

que fizesse caso o Propheta de que ao passo dos espiritos, que o governavam, fossem andando as rodas sem alteraçãõ, ou differença. Porque as rodas, pollas que são entendidos os Christãos ordinarios, & gente popular, não mouem mais o passo na virtude, do que vem aos espiritos, que os governam. Se os vem subir por espirito de virtude, como não haõ tambem de subir as rodas por quem elles puxam? Mas se os virẽ decer por espirito de auareza, & deshonestidade, como não haõ elles tãbem de parar? Por isso se diz em Isaias: toda a cabeça està enferma, & todo o coração malenconizado. E logo se segue: desde o bico do pé até a cabeça não ha em todo aquelle pouo saude. Polla cabeça se entende o Prelado, & pollo coração se entende o Prégador, & Sacerdote, que são o principio da doutrina, & virtude, como o coração he principio da vida. Pois em estes andando enfermos, q̄ saude se espera no restante do corpo? Por isso aduertam bem os Prelados, Sacerdotes, & os Religiosos, que a elles ha de pedir Deos estreita conta do bem, ou mal, com que o pouo segue a virtude de Christo. O pouo de Israel foi o que peccou no deserto na adoraçãõ do bezerro: porem Moises a sô o Sacerdote delle reprehendeo. E certo he vergonha grande, que os discipulos fiquem mui atrás, & a gente popular siga diante delles a Christo.

4 Segue se em o texto. *E como o Senhor chegasse à porta da Cidade, eis que se traxia a enterrar hum defunto.* Esta he a outra circumstancia do lugar, em que Christo obrou o milagre, a saber a porta da ditta Cidade de Naim. E não se ha de entender que o Salvador ouuesse ja entrando a porta, mas que indo para a entrar, encontrou com o defunto fóra della. E a razão porque assi encontrou Christo aquelle defunto leuandose fóra da Cidade, foi porque era

costume entre os Iudeos, & ainda era preceito da ley, que os mortos fossem sepultados fora dos pouos, em lugares remotos, & não commús, nem frequentados; por quãto os taes eram reputados immúdos, como os mesmos corpos mortos. Ahi fazia cada familia seus sepulchros, ou abertos em rocha, ou talhados em pedras, de sorte q̄ pudessem caber em elles alguns corpos, ao modo, com que se agora entre nos usam os que chamamos carneiros; mas não subterraneos como os nossos, se não altos a modo de muimentos como se vé, & se dixe no sepulchro de Christo. E este costume de enterrar seus defuntos fóra dos pouos (ainda que não com superstição, nem sêpre) não he tão proprio dos Iudeos que não se vse entre os Christãos, principalmente entre os antigos: & entre outras gentes. Porem não carece de mysterio que se obrasse este milagre à porta da Cidade, onde a multidaõ da gente, que vinha acompanhando o defunto, se encontrasse com a que de fóra vinha acompanhando a Christo; para que assi ficasse o milagre mais celebre, & testemunhado, Deos mais louuado, & mais gente rendida.

5 E ainda moralizando a porta, por onde este defunto hia sahindo para a sepultura, tem para si o Veneravel Beda, que por ella se entende qualquer dos sentidos, por onde a morte da culpa entra, & a alma morta sae: eu cuido (diz elle) que a porta da Cidade, polla qual leuauam a enterrar o filho da viuua he algum dos sentidos do corpo. Porque aquelle que semea discordias entre seus irmãos: & aquelle que fala maldades, & blasfemias contra a Sacra Magestade do Rei do Ceo; morto he q̄ sae polla porta da boca. E aquelle que vê a molher, para cobiçalla com determinaçãõ de peccar com ella; final dà de sua morte, polla porta de seus olhos. E o que de bõa vontade abre suas orelhas

Leuit. 10.4

Ref. 1. 2. 8. 17.

Isai. 1. 1. 5.

Exod. 32. 1.

Tex.

Beda lit.

relhas às palauras ociosas, & às murmuraçoens, & aos cantares, que mo- uem a vergonhosos desejos; clara cousa he que as faz portas da morte de sua alma. E o que não guarda com diligencia os outros sentidos, aquelle abre para sua condemnação a porta da morte. O sobredito he do Venera- uel Beda. Mas por ventura que a por- ta moral desta Cidade he o consenti- mento da vontade, & do liure alue- drio. Para o qual se ha de saber que o liure aluedrio em quanto consta do entendimento que mostra, & da von- tade que elege; he húa Cidade, em que o homem mora, & se esconde de Deos, quando o chama polla inspira- ção, & o aduerte polla amoesção. Pollo qual Philo dixee, que Adam estaua escondido no paraíso dentro de si mesmo, quando Deos o chama- ua; & alli era só o lugar onde se lhe podia esconder, como em Cidade li- ure. A porta desta Cidade he o con- sentimêto; & os sentidos são as guar- das della. Por esta porta pois do consentimento he que a alma fae mor- ta, porque por mais que os sentidos in- troduzam a morte, como guardas maluadas desta Cidade, que atreyço- adamente mettem o inimigo dos limi- tes della para dentro: Se com tudo a vontade resiste, & suspende com o fa- uor de Deos, seu cõsentimento; ainda a alma não fae morta por ella fõra.

6 E quanto às duas sortes de gente, que foram dignas de se achar presen- tes a taõ notauel marauilha, a saber húa que seguia a Christo, outra que acompanhaua ao defunto: parecem duas sortes de gête, q̄ mais em parti- cular merecem fauores diuinos. Húa he a gente religiosa, que seguindo a Christo, anda mais perto de sua dou- trina, & se aproueita mais de seus conselhos, & de suas inspiraçoens. Outra he a gente secular, que viuen- do no múdo se occupa em obras de mi- sericordia, & recebe os fruitos de sua charidade. Estas duas sortes de gen-

te foram por ventura mysticamente representadas naquellas duas irmãs Luc. 10. n. 38. Maria, & Martha. E mui conue- nientemente, porque a misericordia he virtude, que pode competir com a mais qualificada justiça, como com- petiam aquellas duas irmãs diante de Christo. A Abdias, affirma Nico- lao de Lyra, que por hum pouco de paõ, & de agoa, que por obra de mi- sericordia deu aos necessitados Pro- phetas; alcançou o dom da prophe- cia, & o quarto lugar entre os Pro- phetas menores: ficando igualado com os Prophetas, & Religiosos, pol- la obra que fez de misericordia. An- tes o mesmo he ser justo, que miseri- cordioso: ou que por antenomasia se chama justo o misericordioso. Em o Pf. 4. n. 4. Psalmo quarto se diz: sabeis que o Se- nhor fez marauilhofo ao seu Santo; No Hebreo se lé: fez marauilhofo Dan 4. n. 14. ao seu misericordioso. A esmola cha- mou Daniel justiça; dizendo ao Bar- baro: remi vossos peccados com es- mola. No Caldeo está: com justiça. E até no proprio Deos se estima em mais o attributo da misericordia, que todo o resto dos outros. Pollo qual Emiff. hom. Dom. 3. Pentec. Pf. 14. n. 9. diz Eusebio Emiffeno: grãde he a vir- tude da misericordia, & a todas as ou- tras virtudes sobrepoja. Donde pollo Propheta se diz: suaue he o Senhor a todos, & suas misericordias são sobre todas suas obras. Pollo que bem en- tre os Gregos azeite he symbolo de misericordia, porque assi como em os liquores o azeite, assi em as bóas obras a misericordia sobre anda. Ate qui Emiffeno. Donde se collige quã igualmente mereceram ver aquella mara uilha os que seguiam a Christo, & os q̄ acompanhauam ao defunto.

LIGAM II.

Das qualidades do defunto resucitado.

7 **V**ista a circumstancia da pa- ragem, em que foi feito o milagre; se poem em segundo lugar as qualidades do defunto resucitado.

M m iij

Pollo

Tex.

Pollo qual se segue em o texto. *Leuauase a enterrar hum defunto filho vnico de sua mae, & esta era viuua.* Como quem aduertia bem quaõ maravilhosa obra fora aquella, pois se resuscitava hum moço, que nem sua mae tinha outro em que por os olhos, nem esperança de auello: & ella viuua, & sem elle totalmente desconso-lada, & desemparrada: & sem successão de geraçõ na casa de seu defunto marido. Pollo que diz S. Gregorio

Niss. in Cat.

Nisseno: com breues palauras explicou o Euangelista a grandeza da desgraça. A mae era viuua, & não esperaua maes gerar filhos: não tinha em quem por os olhos em lugar do defunto. Este só tinha criado, & este só vira em casa por alegria della; & tudo o que para aquella mae podia auer doce, & precioso, tudo este filho era. E S. Cyrillo diz: miseravel paixão, & poderola para prouocar a lagrimas, & a pranto. E Iansenio diz: por tres causas era este caso lastimoso. A primeira, porque o defunto era mancebo, fallecido na mesma flor da vida. Despois disso, porque era filho de hũa viuua, que com sua presença se consolaua da morte do marido. Vltimamente, porque era filho vnico (& o que mais era) vnigenito como tem o Grego: isto he só gerado de seus paes, que não ouueraõ outro. E não pouco acrescentou a dor da viuua, que desemparrada de marido, tambem fosse priuada daquelle, a que só gerara, & por amor disto o amaua ternissimamente. Do qual tambem ainda não auia tido netos, priuada ja não só de toda a consolação; mas ainda de toda a esperança de descendentes. O de cima he de Iansenio.

8 No que pois se diz que era mancebo, se deixa ver a vaidade da vida, & a igualdade da morte, com que a nenhũa idade perdoa. Em toda igualmente tem entrada, & ninguem pode dizer: em idade estou, com quem não possa a morte. Porque, como

diz S. Bernardo: a morte a nenhũa idade perdoa. Se não que aos velhos está esperando à porta, mas aos moços em ciladas. Quando o Espírito Santo quiz comparar a força, & pujança do amor, não achou outra coufa mais a proposito que a morte, dizendo: o amor he forte como a morte. Não só porque o amor mata, nem só porque o amor vence em todo genero de estado: mas porque assi como a morte a nenhũa idade perdoa, nem algũa se lhe isenta; assi tambem se ha o amor. Ninguem tem priuilegio contra a morte; nem pode allegar por si foro algum de idade.

Pollo qual diz o Santo Idiota: assi como todos os rios entram no mar; assi tambem todos os que vem a esta fluctuosa vida, de necessidade entram, na amargura da morte. Porque a morte he pena de todos, tributo de todos, carcer de todos, senhora de todos, & recolhimento de todos. E assi como o mar he hospicio de todos os rios; assi a morte he final paradeiro de todos os mortaes viuentes. O ditto he do Santo Idiota. Por isso o Propheta Ainos via na mão do Senhor hum cambicho de fruita, como qual se abaixa qualquer ramo, por alto que seja, & despoja de seus pomos. Não lhe escapa a fruita, nem por verde, porque entre a madura, se se quer colher, tambem se apanha: que nem toda a fruita se espera que amadureça para se colher da aruore: & por aquelle instrumento entendem ordinariamente a morte. Chegou a molher Thecuite a falar a David por seu filho Absalam; & o que lhe allegou foi lembrarlhe, q todos morriamos, & q como agua corriamos para terra. Não parecia bom genero de intercessão com hum velho, ir lhe lembrara morte; mais parece reprehender, que interceder: & quem pode, antes lizongea, que desgosta. Mas foi quererlhe dizer como auizada: para que he Senhor apressar a morte

Bern. ser.

Cant. 8 n. 6.

Idiot. de cor. templ. mort. c. 18.

Ecccl. 1. n. 77.

Amos. 1. n. 8.

2. Reg. 14. n. 14.

Cyril in Cat.

Ians. Cont. 4. 46.

ao Principe vosso filho? Por certo que por mais mancebo, & bizarro que o considereis, a morte virá por si, & com ella não se allega algum priuilegio de idade. Neste defunto de Naim está o exemplo bem viuo, em quanto se diz que era mancebo.

9 E no que se diz que era filho vnico, & ainda vnigenito (q̄ he só, que não teue irmão, nem seus paes outro) se dá a entender, quanto danna aos filhos o mimo dos paes: porque como não tenham outro filho, tanto empregam o amor em aquelle só, que não duuidam por elle descompor toda a ordem da charidade. Donde diz S. Ambrosio: amar aos filhos, doce cousa he; & o muito amallos, mais doce; porem muitas vezes o mesmo amor dos paes, se não tem moderação, faz mal aos filhos. Refere Valerio Maximo, que como o Emperador Decio determinasse dar Imperial Diadema a seu filho, que tambem chamauão Decio; recuou o filho dizendo: temo q̄ tanto q̄ for Emperador, deixe de ser filho. Mais quero não ser Emperador, & ser filho humilde; que ser Emperador, & ruym filho. Impe-re meu pae, & seja meu imperio obedecer humilde a hum pae Emperador; porque desse, a affectiõ, de pae, opprime ao ser filho com demasiada carga. Resposta por certo, polla qual este filho fora o mais digno de Imperio, pois conheceo moço, o que dá não os mimos, & faoures demasiados de hum pae velho. E nas sagradas letras vemos por ventura a David castigado nas desobediencias de Absalam, porque o amor demasiado lhe tolhia ate a lingua, para lhe reprehender liberdades, quando na Corte sollicitaua ambiciosamente; como em Adonias, o aduertio depois. E já pode ser que morrer a esta viuua o filho moço, & vnico, foi castigo de demasiado amor que lhe tinha, & do sobejo mimo com que o trataua.

10 Falando mais espiritualmente

por este filho vnico, & vnigenito, se significa o entendimento humano, conforme a Theophilo. E polla mae viuua a alma racional, que brota, & pare de si mesma as potencias intellectiua, & volitiua, & memoratiua, Pois dizer que este era filho vnico, que não tinha sua mae outro; foi dizer que a alma, que de tal modo se entrega ao entendimento, & habitos delle, que não trata da vontade, como se esse entendimento fora só filho dessa alma: este tal tem duuida ha de morrer espiritualmente. A operação, com que o entendimento neste mundo viue, & se faz glorioso, he em os habitos das sciencias. E morre em flor, porque he vnico, & porque a vontade, & suas operações não concorrem a darlhe bondade. Que aproveitou a toda a antiguidade a agudeza de seus engenhos? de que lhe seruiu a seueridade de sua disciplina? Em que parou a multidaõ de seus insignes habitos? E que fruto teue a fermosura de sua doutrina? Por ventura não morreo tudo em flor, & quando muito em cotaõ? Por ventura não ficou tudo enterrado antes que desse perfeito fruto? Por certo que na parabola dos talentos, que o pae de familias entregou aos seus, aquelle que ficou com hum só talento, foi o que delles todos pereceo. Não foi outra cousa, se não porque por nome daquelle só vnico talento, explica S. Gregorio o entendimento. Que mais torpe curiosidade, que mais torpe interesse, & que mais torpe vaidade pode ser, que empregar-se hũa alma tanto em as obras do entendimento, como se elle fora filho vnico de sua mae? Pollo que diz S. Bernardo: ha alguns que querem saber só por saber: & isto he torpe curiosidade. Ha outros que queiẽ saber para venderem sua sabedoria por dinheiro, ou por honras: & isto he torpe interesse. Ha outros que querem saber, para que elles mesmos sejaõ sabidos,

&

Amb. super. illud. Istant. diligit. Ioseph. Om. 37.

Val. Max. lib. 4.

1. Reg. 15. n. 1.

3. Reg. 1. n. 6.

Theoph. in Cot.

Matth. 25. n. 28.

Greg. hom. 9. Ber. 2. 35. in Cant.

& conhecidos: & isto he torpe vaidade. O ditto he de S. Bernardo.

11 E bem auia que sentir que neste filho morto, morresse a posteridade, & decendencia da geraçao de seu esposo: porque continuando o mesmo sentido, o esposo da alma he o Espirito Santo; & a decendencia, que de seu filho o entendimento espera a alma sua mae; saõas obras que ouuera de fazer se se desposara com a virtude. E assi o mesmo he morrer este filho sem geraçao, q̄ dizer q̄ o entendimento, por mais auantejado que esteja, & ornado que ande com o habito da fè; sem obras virtuosas, morto he. Assi como o corpo sem alma he morto; assi a fè sem obras he morta. Preceito era, que todo o primogenito se resgataſse com cinco siclos. O qual moraliza S. Bruno dizendo: o primogenito do homem he a fè, sem aqual he impossivel contentar a Deos. Esta primeiro que todas as virtudes nasce nas almas dos fieis: esta primeira que todas he gerada dos Sacerdotes nas almas dos Christãos; mas porque a fè sem obras he morta, he necessario remilla com preço. Es baptisado? Tens Fé? deixas de bem obrar, morre a tua fè. Se naquelles que cessam das boas obras, a fè ociosa he morta: quanto mais nos homicidas, nos adulteros, nos sacrilegos se ha de julgar a fè por morta? porque o Apostolo diz: aquelle que não tem cuidado dos seus, & principalmente dos mais de casa, não tem fé, & he peor que hum infiel. Logo não hũa só vez, mas muitas se ha de remir a fè. Resgateſe pois: mas por que preço? Por cinco siclos de prata: isto he pollos cinco sentidos corporaes: que entao por certo saõ de prata, quando por sua pureza se fazem dignos de se guardarem em os thezouros de Deos. E S. Agostinho definindo galantemente a fè, diz: A fè se chama daquillo que se faz. Duas syllabas soam quando se pronuncia: a pri-

meira syllaba he de fazer a segunda de Deos. Perguntote, cres? se cres, respondes creio; faze o que dizes; & isto he fé. Entao pois morre o entendimento sem geraçao, quando não faz obras de virtude, pollas quaes fique delle perpetua memoria no liuro da vida do Cordeiro: & configa a herança celestial, que não à fé só, mas às obras de charidade, que della procedem he promettida.

12 Segueſe em o texto. Esta (mae do filho defunto) era viuua. Pollo ^{Tex} mesmo caso que era viuua, parece que todas as desgraças se lhe chegauão. Porque esta he a natureza dos males, que sempre correm a hum miseravel: & a viuuez symbolo he, & cifra de todos os trabalhos. E falando moralmente por esta viuua he entèdida a alma deseparada, & desbituida do Espirito Santo, à qual logo morreo qualquer obra que queira começar, & se mal-logra qualquer inspiraçao, que haja concebido. Esta moralidade foi bem exprimida na parabola, ^{2. Reg. 14. 6.} que a molher Thecuite propoz a David, em aqual lhe dizia que ella era hũa molher viuua, & q̄ a hum so filho, que como reliquia de sua geraçao lhe ficara, quieriam matar, & extinguir os de sua familia. Porque no ponro que a alma perde o Espirito Santo de esposo pollo peccado mortal, logo toda a obra boa he opprimida: porque a pretende extinguir a multidaõ dos habitos viciosos, que sobreuem. E que muito he que a alma viuua perca logo o fruto de qualquer boa obra; quan- ^{ag. 1. 10.} do só a ausencia hum pouco mais ^{2. 10.} larga do esposo gastou todo o azeite das boas obras, que nas lanternas traziaõ nas mãos as virgens imprudentes?

13 E ainda falando allegoricamente por esta viuua a quem morre o filho, se pode entender a Egreja, ou congregaçao de Religiosos viuua de Prelado; naqual occasiao logo os filhos carecem, & os subditos padecem espirital-

1ac. 2 n. 26
Num. 3 n
n. 47
brun. apud.
Menj fides
n. 27.
Heb. 11. 9. 6.

1. Timoth.
9. 8.

Arg apud
Flor. Fides. A

ritualmente de virtudes. O qual significou o Propheta Baruch. Em o que refere que a viuua, & desemparrada Cidade de Ierusalem dizia a seus filhos: eu em que vos posso ser bõa? Andai filhos, andai a buscar vossa vida, porque eu sou deixada só, & viuua. Parecem palavras ditas da Egreja, ou congregação a quem falta Prelado; com que se queixa da perdição que logo a seus filhos se segue. Pois se a viuuez succeder por culpa do mesmo Prelado, & falta de sua residencia, que conta tem que dar a Deos da perdição, & morte de seu vnico filho? Porq̃ a assistẽcia, & residẽcia do Prelado ensina o Cõcilio Tridẽtino q̃ he de direito diuino. Nem se deue, nẽ pode dispensar sem grande causa q̃ aponta com S. Thomas os Theologos. Por certo que quando ao pouo dos Hebreos fez perder hũa ausencia, que de le fez seu Prelado Moyses, não a negocios seculares, nem a agencias de ambiçoens, & auarezas, carnalidades: se não a proueito do mesmo pouo, & a tratar cõ Deos, como o aduertio Lipomano. Por estas razõens todas a mae viuua perde o filho, que lhe leuão a enterrar.

L I Ç A M III.

Da compaixão, com que Christo consolou a mae do defunto.

14 **A** Pontadas as qualidades do defunto, se refere em terceiro lugar a compaixão, com que Christo consolou a mae d'elle. Pollo qual se segue em o texto. *A qual como visse o Senhor, mouido de compaixão, auendo misericordia della lhe disse: não queiras chorar.* Em o qual texto, segundo S. Boaventura, se ve juntamente a compaixão do coração, & as palavras da boca. Porque (como diz S. Bernardo) o coração q̃ está mui abrasado, por força ha de lançar amartellado faiscas polia boca. Não ha lingua muda para consolar a fflistos, se não a charidade no coração

para compadecer miserias. Os olhos de Christo forão as portas, por onde entrou a compaixão ao coração; & como era muiã, buscou por onde sahir, foi polia boca; para nos ensinar, (conforme ao Venerauel Beda) a seguir todo o exemplo de piedade. Ordem he natural que os olhos vejaõ, o coração compadeça, & a lingua console. E se o que o coração pollos olhos beber não se arrojã polia boca, final he, que não foi tanto que transbordasse o coração. Porem de noosso Deos sobeja tanto, que affirma d'elle o que desse coração bem sabe, como talhado à medida d'elle, que de sua misericordia està cheya a terra. Sobre o que assi discorre S. Antonio de Lisboa: tão cheya, que fazendo tudo (como diz a Sabidoria) em conta, peso, & medida; só a misericordia sua não quiz obrigar a estas leis, nem limitalla com algũa terrena. Antes ella inclue a tudo: & em toda a parte està sua misericordia; até no Inferno, porque não se castiga a hi tanto, quanto a culpa do delinquente merece. De sua redudancia recebemos nõs todos. Misericordia de Deos sou, isso que sou. Se vos Senhor tirardes vossa misericordia, cahirei na eterna miseria. Vossa misericordia he coluna da terra; & se a tirardes cahirà logo tudo. Ate aqui S. Antonio. E o mesmo Propheta cantaua da condição deste Deos: *façãse Senhor, vossa misericordia, para ella me consolar.* Como quem gabaua aquella compaixão de perfeita. Pois logo do coração sahia a consolar com a lingua. Aos amigos de Job tinha a tristeza em mudados; mas insistindo os olhos, & vendo (diz a Escrittura) todo o mal q̃ lhẽ tinha succedido, vieraõ lhe a dizer: se vos começarmos a falar, por ventura vos feremos molestos. Pois como molestos a hum homem, que tem librado todo seu aliuio, na consolação dos amigos? Por certo que a pertendia elle quando dizia: compadeceiuos de

N n mi

Baruch. 4. 17.

Trid. Cess. 23 de Reform. 61. Theologi q 96 ar. 5. C. 9. 91 ar. 4.

Lipom.

Tex.

Ben. hic.

Fern. in Vig. S. And.

Bed. hic.

Paduan. hac. Dom. a. Ps. 118. 74. Sapient. 11. 21.

Ioan. 1. 16.

Psal. 118. 76.

I. b. 4. n. 2.

Ibid. 16. n. 2.

mi os que sois meus amigos. Com tudo foi quererlhe dizer: tem nos tanto enrado vosso mal pollos olhos, & mandada tanta compaixão ao coração, que por força ao muito que della trãsborda, auemos de ser prolixos nas palauras, effeito do que no coração sentimos. E assi parece que he o mesmo alli, molestos, que prolixos.

15 Grande pois he a bondade dos olhos diuinos, que assi se deixam arrebatat das miserias humanas para consolallas, & remediallas. Onde pôs este Senhor seus diuinos olhos, que com elles não consolasse, & remediasse os padecidos males? Sobre quem derramou este Senhor seus diuinos olhos, que não curasse as mais mortaes feridas? Dos olhos de seu filho Iudas dixe o Patriarcha Iacob, que eraõ mais fermosos que vinho. Outra letra tem: mais a legres que vinho são seus olhos. Porque assi como o vinho lançado sobre a chaga a faz curar, & sarar: & ainda derramado he presagio de alegria; assi os olhos de nosso Deos em qualquer parte que se lancem, curam, & vngem. Outro si como o vinho tem virtude para esforçar, & confortar os fracos, & tristes, conforme ao que o Espirito Santo diz nos Proverbios; assi tambem os olhos de Christo. A Gedeon se deu tal fortaleza, que bastasse a liutar seu pouo de todas as affliçoens em que estaua: & sabido donde lhe veyo, diz Abulense, que de por os olhos nelle o Anjo, que lhe appareceo, & com elles lhe influio aquelle alento. Em quanto Deos não teue a seu filho feito homem, trazia os olhos tão fechados para ver miserias humanas, que dahi nãcia grande parte dellas. Porem depois q̄o teue, & elle se manifestou ao mudo; logo vio, porq̄ vio por seus olhos, por quãto elle he os olhos do Padre. E em se estes abrindo pollo mystério da Encarnação, logo o Padre por elles ficou vèdo, & vèdo compadecẽdose, & compadecendose, consolando

do. Por amor do qual diz o Prophe-
ta: vede ò Deos protector nosso, &
olhai para a face de vosso Christo. E
Genebrardo declara: olhainos Senhor
pollo vosso Christo. Como q̄ Chri-
sto seja os olhos, por onde o Padre nos
olha, & vé nossos males.

16 Tambem he de notar, que o
Euangelista dixe, que muita gente da
Cidade hia acompanhando a viuua,
& prestando obsequio de misericor-
dia: logo acrecentou, que o Senhor
puzera os olhos nella, & se mouera de
compaixão, & a consolara. Como se
quizesse encarecer tanto a bondade,
& piedade do Salvador, que lhe pare-
cesse que se punha em emulação com
a compaixão humana; & tiuesse por
cousa indigna que lhe fizesse com-
petencia qualquer humana misericor-
dia. E verdadeiramente Deos he tão
cioso, & tão presumido de sua miseri-
cordia, que sofre mal; que algum hu-
mano lha compita. A Saul mandou,
esse Senhor destruir, & extinguir a
geração de Amalech, por contas que
tinha em sua diuina justiça. E porque
o ignorante perdoou ao Rey Agag:
& a outras cousas do saque; Enojou-
se Deos de sorte, que lhe dixe Samuel
de sua parte: remoueo Deos de ti ho-
je o Reino de Israel, & entregou a
outro melhor que ti. Por tanto o
triumfador em Israel, não perdoará,
nem se dobrará com algum arrepen-
dimento. O que explicando Theodo-
reto diz, que importaua que aquelle
necio entendesse que húa gota da diu-
na benignidade, & clemencia, vence
toda a benignidade dos homens. Co-
mo se mais claro dicesse: andou Saul
mui paruo em querer contrapor sua
misericordia à misericordia de Deos:
& competila de modo que presumisse
perdoar quando elle não perdoaua:
& o mesmo foi chamar Samuel a Deos
em aquella occasião triumfador de Is-
rael, q̄ dizer q̄ em materia de miseri-
cordia, não tinha algué q̄ cõpetir cõ
elle, porq̄ sepre nella triumphaua. E assi
parece,

Gen. 49. n. 12

Proverb. 31.

n. 6

Iud. 6. n. 14

Abul. ibi.

Reg. 1. n. 8.

Theod. ibi
q. 34

Matth. 7

parece, que em emulação da gente, que compassiua acompanhaua ao defunto, ostentou as maravilhas de sua diuina compaixão, & misericordia.

17 Pollo qual dixeu o Senhor: não queiras chorar. Ditofas lagrimas, que tal consolador merecerao; ó ditosa desgraça, que tal remediador alcançou. Estes sem duuida são os interesses da aduersidade. Aristoteles diz que o mouimento obliquo do Sol, he a causa da geração: porque se o Sol sempre andar em hũa direitura sobre nosso Emisferio, de tal modo secará a terra, que a tornará esteril. E he assi que se toda nossa fortuna fora prospera, fora esteril sem duuida de virtudes a terra da alma. Por isto diz S. Agostinho q̄ se Deos misturou neste mundo as prosperidades com trabalhos, foi porque se buscasse aquella ventura, em cuja doçura não pode auer engano. Aos Israelitas nunca Deos quiz por em tal felicidade, q̄ carecessem de inimigos importunos, porque não se esterilizasse o fruto das virtudes. Nem o Imperio Romano se começou a perder, se não quando se começou a ter por supremamente venturoso. Na felicidade de seus Cesares se lançou a fundamental pedra de sua ruina. Por isto S. Ioaõ Chrysostomo chamou á prosperidade, madrastra das virtudes; pollo contrario das aduersidades, & lagrimas sempre a virtude fae como de fogo mais apurada, & a ventura mais segura. S. Gregorio Nisseno chama às lagrimas fiel custodia das virtudes. E sem duuida ellas são as negociantes da boa ventura, como nesta viuua enxergamos, a que o Senhor brandamente manda que não chore.

18 Por tres causas mandou o Senhor Iesus Christo à viuua que não chorasse: a primeira porque sentia que cousa tão preciosa como são as lagrimas, se esperdiçasse. Nem as pedras quer Christo que se lancem aos porcos; nem as lagrimas sofre que se

empreguem em perdas temporais. Não chores (diz) porque mais barato me ferá refucitarte o filho, que consentirte esperdiçar as lagrimas. Lagrimas choradas por perdas temporaes, & não empregadas no espirital regalo, são agoas perdidas, são agoas de charneca, que para nada aproveitam: como das agoas de Nemrim, préga Isaias, dizendo: as agoas de Nemrim serão desertas (que he esteriles) porque se secou a erua, faltou a grama, & toda pereceo. Taes são as lagrimas choradas por cousas temporaes: lagrimas sem fruto, lagrimas sem esperança: & por isso Christo lhe vai á mão, & diz à viuua que não chore. Estas lagrimas bem empregadas, foraõ significadas na myrra, que nas mãos da esposa gaba o Espirito Santo, por prima, & prouadissima; & com que Deos mandaua vngir, & consagrar seu Tabernaculo; dizendo no Exodo: tomai aromas de myrra prima, & escolhida. & vngi ao Tabernaculo, & Arca. Sobre o qual diz o Mestre Nicolao de Lyra, que ha dous generos de myrra; hũa que a aruore lança de si por modo de suor; esta he a que chama prima, prouada, & escolhida. Outra, que a aruore lança por força, & cortada; & esta he a segunda, de menos efficacia, & virtude. Assi poes ha tambem dous generos de lagrimas. Hũas que o coração naturalmente lança, por compaixão dos proximos, por culpas proprias, peccados alheyos, & amor de Deos. E esta he a que a Esposa vinha destilando, quando hia a abrir ao Esposo Diuino, & a que tem virtude, & graça. Desta diz S. Agostinho: em as lagrimas conhece (ó alma) a teu Esposo: abraça ao teu desejado. Com ellas te farta do atroyo dos gostos: que mamos peitos da consolação leite, & mel. As outras lagrimas são por cousas téporaes, & tão pouco aprovadas, que não as consente Christo, nem a hũa viuua por hũ filho vnico defuto.

ter.

Aristot. 2. de Gen.

Agost. 29. de ser. Mar. 10.

Chrysost. lib. 1. de Curia. 10. negot.

Agost. de vit. Moyses

Matth. 7. n. 6.

Isai 15 n. 6.

Cant. 5. n. 5.

Exod. 30. n. 23.

Lyr. ibid.

Aug. de Scil. Paradisi. c. 5. Vide. S. Leon. ser. omnium. fant.

19 A segunda rezaõ porque he manda que não chore, he, porque choraua escuzadamente por hum defunto, que estaua certo em ser resuscitado. Porque fazer extremos polla morte dos que nos doem, ou he desacreditar a fé no artigo da resurreiçãõ; ou desacreditar ao defunto no lugar onde o fazemos sospeitoso por nossa demasia. Por amor do primeiro diz S. Paulo: não vos entristeçais, como aquelles que não tem esperança. E por amor do segundo diz o Ecclesiastico: chorai pouco pollo defunto, se he que tendes por certo que descança. Onde se pode aduertir que nem nestes, nem em outros lugares diz a Escritura que totalmente não choremos, porque isto mais fora lei de barbaros, que de gente politica. E conta Plutarcho q̄ a ouue entre os Licaonios, que ninguem chorasse os defuntos, se não em habito feminil: estimando que não era homem o que choraua por algum defunto. Antes o Espirito Santo aconselha, que sobre o morto se derramem lagrimas, conforme a sua qualidade, & conforme a falta que fizer em o mundo. Porque os defuntos não por amor de si, se nam por amor dos viuos, se haõ de chorar, & sentir; mas isso moderada, & christanmente. Esta doutrina alcançou Lypomano no termo, que Abraham tiuera em chorar a Sara; dizendo que antes da sepultura de Sara pranteara hũa vez, & chorara o Patriarcha. Mas depois da sepultura não se lè que chorasse. Para ensinar a santa Escritura a seus fieis, que os mortos se haõ de chorar moderadamente, & entãõ só na occasiãõ do enterro. Porque tudo o que depois se faz, fora de oraçoens, & esmolas, & sacrificios por suas almas, parece procedido de infidelidade. E Ruperto tachando os Israelitas, que pranteassem a Moyfes, & Aron trinta dias, como os Egypcios a seus defuntos setenta; diz que não deuem imitar tal exemplo, os que se profes-

sam peregrinos, & hospedes sobre a terra; que não tem aqui permanente Cidade: mas pretendem a futura. Porque o dizerse na Escritura, que os filhos de Israel choraram a Moyfes, & Aron trinta dias; isto tinha ainda ficado do costume do Egypto ao pouo ainda indisciplinado. Porque depois costumado melhoer pouco, & pouco se desfez da quella superstiçãõ. Pois se o Abbade achou que era de gente mal doutrinado ainda, & imperfeita o chorar demasiado a seus defuntos; & aualiou por superstiçãõ o nojo dos trinta dias: como sofreremos esta demasia, & superstiçãõ em algũa gente religiosa, bem doutrinado, & perfeita por profissãõ de estado? Por credito desta verdade diz S. Pedro Chrysolologo, que no Sol, Lua, Estrellas, tempos, aruores, plantas deixou Deos no mundo escrita a lei da resurreiçãõ, na voz da trombeta da palavra diuina, que não pode menos em nós do que pode em todas as mais cousas, que fez por amor de nós. A voz da prouidencia de Deos resuscita cada dia o Sol, resuscita cada anno as plantas, & assi todas as de mais cousas.

20 A terceira causa porque Christo mandou a viuua que não chorasse, foi por razãõ do mysterio; porque nesta viuua estaua significada a Igreja. Pollo que diz S. Ambrosio: esta viuua rodeada da multidaõ dos pouos, entendo que he mais que mulher; que por contemplaçãõ de suas lagrimas torna desde a pompa do enterro, a vida, a resurreiçãõ de hum filho vnico, & moço; a qual se prohibe chorar a aquelle a quem a resurreiçãõ se deuia. O de cima he de S. Ambrosio. No que se vé quanto aproueitaõ ao peccador as lagrimas, & oraçoens, que a Santa Madre Igreja faz por seus filhos mortos pollo peccado: & quaõ certo està o resurgir delle, & consolar-se a mae, se derrama diante de seu Esposo lagrimas de compaixãõ. Porque se Esther pode

1. Thessal 4.
n. 13.

Ecclesiastico. 22. v. 11.

Ecclesiastico. 38. n. 16.

Gen. 23. v. 2.

Lypom.
ibid.

Num. 10. n.

29.

Dent. 34. n. 8

Gen. 50. n. 3

Rup. ibid.

Chrysol. 101.

Ambrosio.

Esther. 10.

Chrysol.

Lypom.

Tim.

com suas ternuras, & desmayosalcançar do barbaro Assuero perdaõ para seu pouo: quanto mais a Igreja com suas lagrimas poderà alcançar de seu benigno Esposo Iesus Christo vida de graça para seus filhos? S. Pedro Chrysolologo diz: as temporaes lagrimas de hũa viuua assi se moueo Christo, que lhe sahio ao encontro no caminho, para que estancasse as correntes distilladas das dores; para que tornasse a fazer desandar os mortos, refizesse a hum homem, resucitasse hum corpo, tornasse a trazer à vida, & conuertesse o pranto em gosto, & trocasse as tristes exequias em festiual nacença; & tornasse a dar à mae viuo da morte aquelle que estava entregue à tumba: que farà agora quando se abraça com todas suas forças, às lagrimas de sua Igreja, & aos suores de sangue de sua Esposa? E o Venerauel Beda acrescenta: nisto se confunde a heregia de Nouato, o qual pertendeo fazer de nenhum valor o perdaõ dos peccados dos penitentes; nega que com a esperança da vida, que se lhes pode restituir, se deua consolar a Madre Igreja, que chora polla espirital morte de seus filhos. E ainda nestes nossos tempos se confunde a perversidade dos hereges; que negaõ o proueito dos suffragios, & oraçoens, que a Santa Madre Igreja Romana faz por seus defuntos; os quaes encarecendo perversamente a Misericordia, ou Prouidencia diuina; vem a negar o respeito que às lagrimas do significado desta viuua, se deue; a quem Christo consola, & diz que não chore mais, porque resucitarà seu filho.

LIÇAM IV.

Da resurreiçãõ do defunto.

21 **C**onsolada assi com tanta compaixãõ a mae viuua; se conta em quarto lugar a maravilhosa obra da resurreiçãõ do defunto. Pollo qual se segue em o texto. *Chegou o Senhor, & tocou a tumba, &*

os que a leuauam, estiueraõ quedos; & dixeu: Mancebo, contigo fallo; leuantate. E sentouse o que fora morto, & começou a falar. Porque conforme S. Boaventura, à compaixãõ do coração, se segue a consolaçãõ de palavra: & a esta, a execuçãõ da obra: por isso diz o Euangelista que tanto que consolou a mae com as palavras; logo pos as mãos à tumba com a obra. Sobre o qual diz Iansenio: primeiro consola a mae com palavras dizendo: mulher não chores; porque se não deuia chorar a morte daquelle, que logo com maior gloria, & alegria da mae auia de viuer. Depois disso, porque he de pouca, ou de vã misericordia consolar sô com palavras, a quem podeis acudir com realidade, & obra. Para que não fosse vã sua consolaçãõ, chegou, & tocou a tumba, em que leuauãõ o defunto. Perfeita misericordia pois, fez o Senhor aqui, em quanto assi como no coração se moueo a compaixãõ, como nas palavras a consolou: como tambem com a mesma obra trata de a consolar, & remediar. O sobre ditto he de Iansenio. Não estorues o fazer bem a quem pôde; mas fazes bem se podes, diz Salamaõ. E na verdade (em quem pode) he vanissima cousa, consolar de palavra, sem remediar de obra. Fonte seca he a do coração, que compadecendo, não trattou do remedio. Dõde diz Agostinho, que a misericordia, & a miseraçãõ differem como fonte, & regato: porque o compadecerse he como fonte no affecto, & o fazer bem he como regato no effecto. E o mesmo S. Agostinho define a misericordia, que he compaixãõ da alhea miseria em nosso coração, com a qual somos confragidos a acudir, se podemos. Logo vãã misericordia he a que sô compadece, & quando muito consola por palavra, sem acudir por obra.

22 Por o qual se diz em o texto, que o Senhor em consolando a viuua mae,

Nã iij che-

Chrysol.: 6. f. 1.

Subic.

Don. hic.

Ianf. ubi. sup.

Prover. 3. n. 27.

Aug. apud. flor. miserit. Lit. A. 1.

Il. 9. de Cim

Tim.

Tex.

chegou, & lançou mão à tumba do defunto. E isto diz S. Beaventura que foi obra da diuindade, como até-qui auia sido da humanidade. Chegou, & sem detença applicou a mão à obra: para que fosse mais de agradecer o effeito della. Porque o beneficio tanto tem de charidade, quanto tem de presteza. Chegou, & logo lançou mão: nenhũa detença fez, como em muitos acontece, que ainda que cheguem por passos, ou da vontade, ou do corpo à necessidade do proximo; acabam tão deuagar de despachar o remedio, que ja vem a perder a razão de beneficio. Porem este de Christo nosso Redemptor teue todas as qualidades, & condiçoens, q̄ os Philosophos moraes apontão ao mais agradavel beneficio. Aquelles beneficios (diz Seneca) são os mais agradaveis, que são faceis, occurrentes, ou sahidos ao encontro: & em que nenhũa detença ouue, se não no pejo do que os recebem. A primeira condiçãõ he, que seja o beneficio apparelhado, quer dizer, que sem desculpas, nem dilaçõens, ou pretendidas preuençoens, se faça promptamente. A segunda que seja facil, sem carianca, nem molestia, que custe menos o padecer, que entender com a difficuldade do remedio. A terceira que seja como sahido ao encontro, sem passadas do miseravel, & necessitado. A quarta que seja apressado, de tal modo, que não aja mais detença, que receberse. Todas as quaes condiçoens teue este beneficio de Christo. Porque foi tão apparelhado, & prompto, como se não viera a outra cousa por aquella terra, se não a remediar as lagrimas daquella viuua. Tão facil, que sem rogador, nem intercessor pos os olhos na tal necessidade. Antes elle foi o que trouou a prattica, & quasi convidou com o remedio, mandando à mae que não chorasse. Tão occurrente, & vindo ao encontro, que a tomou á porta da Cidade; co-

mo que alli estivesse aguardando occasiao, pois era o lugar por onde os defuntos costumauão leuar-se à sepultura. Finalmente tão apressado, que não ouue mais detença que em quanto a mae recebeo outra vez viuuo ao filho, que a enterrar leuaua defunto.

23 A tumba por nome diminuti-uo, chama o latino, *loculo*, que quer dizer lugarzinho, ou pequenino lugar. Porque no proprio nome se deixa ver, o em que vem a parar todos os lugares, em que no mundo todo não cabe a altieza humana. E daqui veyo que hum Philosopho entre outros, que alli se acharam, dixe quando vio o ataude, em que auiam de sepultar ao grande Alexandre: o que hontem não cabia em todo o mundo, hoje lhe basta hũa pequena caixa. E diz que tocou com sua mão a tumba do defunto, conforme diz S. Cyrillo, *Cyrillo* para manifestar como aquella huma-
Cat. nidade sagrada era instrumento, por onde a diuindade obraua. Segue-se em o texto. E logo os que leuauão o defunto parãõ, & estierãõ quedos.
Tex. A saber respeitando a pessoa de Christo que no consolar da mae, & no pôr dos olhos no defunto, mostrou querer fazer algũa marauilha, das que elles, ou ja dantes saberiaõ, ou da gente, que acompanhaua à Christo aprenderiaõ. E ainda que do Evangelho não consta, se por ventura os portadores puzeraõ no chaõ a tumba, ou se assi nos hombros a tiueram quedos: toda via as palauras, com que se conta, mostram que foi este segundo. E por conueniencia do caso assi parece; porque os mesmos hombros delles fossem as bases do theatro, em que se auia de representar tão grande marauilha; para que assi fosse como de lugar mais eminente, melhor vista da multidaõ circunstante.

24 Falando espiritualmente, pollo exterior tocamento, que o Senhor fez na tumba com que, & por cuja virtude pararam os funebres portadores:

Ben. hie.

id. mo.

Sen. a. de
Ben.Sen. a. de
Ben.Sen. a. de
Ben.Sen. a. de
Ben.Sen. a. de
Ben.Sen. a. de
Ben.Sen. a. de
Ben.Sen. a. de
Ben.Sen. a. de
Ben.Sen. a. de
Ben.Sen. a. de
Ben.Sen. a. de
Ben.

dores: se exprime o tocamento interior, com que a poderosa mão de Deos toca ao peccador. E a este tocamento param as desordenadas affectoens, que leuauão a sepultar no inferno o peccador morto no ataude de sua propria razaõ, ou liure aluedrio, em quanto consta do entendimento, & vontade. Ou por ventura a tumba he a propria consciencia, da qual diz o Venerauel Beda: a tumba, em que o defunto se leua, he a mal segura consciencia do desesperado corpo. E os que o leuam a sepultar, ou são os immundos desejos, ou as lisonjas dos companheiros. Os quaes em o Senhor tocando a tumba, pararaõ. Porque a consciencia tocada do medo do supremo Iuizo, muitas vezes torna sobre si, reprovando os carnaes appetites, & os injustos louuadores. E Landulpho diz, que os quatro portadores são o gosto, & a tristeza, a esperança, & o temor. Dos quaes os primeiros dous são do presente, & os outtos dous do futuro. Ou que são o amor do peccado, o temor da penitencia, a esperança da emenda, & a confiança da misericordia de Deos. Ou que são tambem a confiança de mais larga vida, a consideração da culpa alheya, com que disculpamos a nossa; a esperança do perdão fundada na misericordia de Deos, & na impunidade de muitos peccadores. E certamente qualquer destes dous pares leua a alma à perdição, & a retarda da emenda. E se os portadores fossem seis, como mais se costuma; podemos dizer, que são os cinco sentidos, & a potencia motiua; das quaes seis faculdades usando mal o homem, he leuado à perdição. E S. Ambrosio allegoriza isto tudo dizendo: este morto era leuado à sepultura, pollos quatro materias elementos; mas tinha esperança de resurgir, porque era leuado no lenho. O qual ainda que antes nos não aproueitaua, toda via despois que Christo o tocou,

começou a aproueitar para a vida; para que fosse final que auia de vir ao pouo pollo lenho da Cruz a saude.

25. Segue-se em o texto. E dixe o Senhor: Mancebo, contigo falo; leuantate. Em tão imperiosa palaura, mostrou o Redemptor, que elle era verdadeiro Deos, que podia dar vida com mais facilidade, do que se esperata hum que está dormindo, conforme diz S. Agostinho. E por isso não fez outra algũa diligencia, mais que mandalo imperiosamente; porque se visse a differença que hia delle a Elias, & Eliseo, & outros Santos varoens, que não por authoridade propria, mas por alheya virtude diuina resucitaraõ mortos. E chamoulhe mancebo, & repitio o modo, para que assi ficasse o milagre mais apaziuel; pois resucitaua a hum moço na flor da idade a sua mae viuua. E fez aquella repetição: contigo falo; porque se visse o gosto, com que o resucitaua, que parecia que ja lhe tardaua na primeira palaura em obedecerlhe, & leuantarse. E tambẽ lhe chamou mancebo, falando moralmente; por mostrar que naquella idade costuma ser a voz de Deos menos ouuida, & aduertida. E a razaõ he, porque na mocidade anda a alma mais engolfada entre as turbulentas ondas das tentaçãoens, & como quem nellas anda labutando, ouue menos aos que lhe aconselhaõ remedio. Dõde S. Amorosio diz: mui artificada anda a mocidade porque a turbulencia de varias tentaçãoens, com o feruor da idade se inflama. E S. Agostinho diz: a mocidade he combatida com mais, & maiores tempestades de tentaçãoens; & soçobrada com os impetos mais a miude das ondas do inundante mudo. E endereça sua palaura ao morto, conforme a S. Boauentura, não só como palaura que tinha virtude para o resucitar; mas ainda como palaura, que tinha virtude de lhe restituir o sentido de ouuir; para mostrar que aquillo era verdadeiro: eu sou

Beda. bic.

Land. p. c.
1451.

Amb. bic.

Tex.

Aug. ser. 44.
de Verbis.
Dom.Amb. lib. de
Viduis.Aug. ser. 247
de temp.

Bon. bic

Ioan 8. n. 13.

fou principio, que vos falo: conuém a saber principio obrando interiormente, que falo refucitando exteriormente. Porque como em Christo a carne estaua junta ao Verbo Eterno, tambem a voz exterior estaua junta a aquelle dizer interior, que he principio de toda a creação, como se vê na obra dos seis dias. E assi he principio de toda a reparação. Como diz Salamaõ: vossa palaura Senhor, he a que fara todas as cousas. O de cima he do Doutor Seraphico.

Sap. 16. n. 12.

26. Segue-se em o texto. E logo o que estiuera morto se sentou no leito, ou tumba. Não diz que se levantou, & saltou logo fora della com prazer; porque não conuinha à authoridade de Christo diante de quem estaua, que fizesse descomposição, ainda que de alegria. Mas sentouse, de crer he que com as mãos levantadas. & em postura de agradecido. E sentouse, porque aquella postura conuinha mais à representação do lugar, em que estaua, & para a que fora de enfermo. Ou porque o costume de males não setira com facilidade, & elle ainda que refuscitado, escassamente poderia crer que estaua saõ de todo: mas ainda tinha o geito da cama, onde enfermara, & morrera. Ou por significar moralmente que o aproueitamento do penitente refuscitado da morte da culpa, nunca he decente ser de salto, & nunca seguro ser repentino. Mas quer-se pouco, & pouco por sua ordem: como o doente, que achando-se bem primeiro se senta na cama, depois se levanta sobre ella, depois a húa cadeira vizinha, até que finalmente conualece. Esta ordem parece que vemos guardada em Daniel quando lhe o Anjo falou, que primeiro do medo, que o tinha no chaõ, se levantou sobre os cotos dos dedos, depois sobre os geolhos: & não logo em pé, se não depois, & ainda tremendo. Segue-se em o texto. E começou o refuscitado mancebo a falar: conuema

Dan. 10. n. 10.

Ier.

saber lououres, & graças a seu Senhor, & refuscitador. Diuida por certo de qualquer beneficio, quanto mais de taõ extraordinaria merce. Finalmente o tomou o Senhor, & o entregou a sua mae, por consolação da qual tinha obrado taõ soberana marauilha.

27. Aqui tens pois toda a ordem da justificação debuxada, para que saibas o como nella te has de auer. A primeira cousa de todas he que Christo ponha os olhos em as lagrimas de sua Igreja que elle adquirio com seu sangue, & que pollos merecimentos d'elle merece misericordia. A segunda he a consolação pollas palauras de Deos, polla lição das Escrituras, & Padres, & pollas vozes dos préga-dores. A terceira he o tocamento de Deos polla graça excitante, sem a qual he impossivel vir a alma ao caminho da vida, deixando o da morte infernal. A quarta he o cahir a alma sobre si excitada, & tocada da mão diuina, & parar em seu errado caminho com seus desordenados appetites, que a leuauão à perdição. A quinta he falar Christo polla graça adjuuante, com que a alma positivamente propoem de com a graça de Deos levantar-se. A sexta he sentarse ja levantada por contrição. A settima falar por confissão da bota. A oitaua dar-se a sua mae a Igreja per satisfação, & per perfeita restituição das censuras, com que por ventura estaua apattado de sua Igreja. Que dizem pois os impios Pelagianos que sem auxilio de graça, & especial tocamento de Deos, podemos per proprias forças refuscitar a alma? E que dizem os abominaueis Lutheranos, que não he necessaria confissão da boca, & satisfação da obra? E que dizem os necios Nouacianos que a Igreja não recolha aos penitentes? Pois vemos que o moço não resurge sem tocamento, & voz de Deos: & que não refuscita, se não falando, & confessando: & que Christo

sto o dá a boã mae; pollo que diz S. Boaventura que em figura disto dixe Eliseo depois de resuscitar o minino: tomai este minino, & daio, & leuaio a sua mae: porque assi como a mae de bóa mente recebe ao filho resuscitado; assi Christo, & a Egreja alegremente recebe ao peccador penitente. E se quizermos mais apertar o sentido mystico, podemos dizer, que aquella defunto he o Religioso mau, & que deixada a obediencia dos Prelados, he leuado a enterrar por Apostasia fora da Cidade da Religiaõ, que como muro tem sua clausura; & que os que o leuaõ saõ a vontade propria; o desejo da liberdade; o pouco respeito dos Prelados; & o desprezo da regular disciplina. E a mae viuua polla falta do Prelado cuidadoso, ou polla tristeza do filho perdido, o segue chorando, & o não larga buscando por todas as partes. E quando o Senhor o toca, & o faz aduertir em o desconcerto de sua vida, & lhe fala interior, ou exteriormente, elle se afenta por quietação, & propria resolução, & finalmente he entregue a sua mae a Religiaõ, com a qual se alegraõ os bons, & perseverantes Religiosos.

LIÇAM V.

Do effeito. que o milagre fez nos circunstantes.

28 **R**esuscitado taõ miraculosamente o defunto, se conclue com o que resultou da tal maravilha, & effeito que fez nos circunstantes. Pollo qual diz em o Texto. Tomou a todos grãde medo, & engrãdeciaõ a Deos, dizendo: grande Propheta se levantou em nós. & Deos visitou ao seu pouo. Este medo foi o pavor grande, que tiueraõ todos os circunstantes de ver assi levantar se hum defunto, & começar a falar, & ficar viuo. E a mesma natureza ensina este pavor em qualquer semelhante acontecimento: porque conforme a Philosophia, cada hum dos animaes foge,

& tem pavor daquillo que lhe he desconueniente. E he cousa marauilhoza, que sendo que ninguem se espanta ordinariamente, nem tem medo de ver morrer hum viuo; todos tem pavor de ver viuer hum morto. E este foi hum dos effeitos do peccado de Adam. q̄ fez costume dos males, & dos bens fez estranheza. Que maior mal que a morte; & que maior bem que a vida? Pois aquella não se estranha, perdendose, & esta faz pavor cobrandose. E ainda mal porque esta he a causa de tantos males no mundo, porque fizeraõ os homens vida dos males, & costume da morte, as quaes cousas foraõ deixadas aos homens para remedio de peiores males, & para triaga de mais cruel morte, que he a espirital, & eterna. Porque como se crearaõ com esta posonha, o costume lhes não deixa obrar cousa de nouo. E que muito em tempos taõ largos, se no mesmo de Adam, em que esta morte podia ser mais estranhada, ja elle entaõ fez tanto vida dos males, que até aos que a viaõ antes ser appellidados mortos, chamou viuentes. Sobre o qual diz Ruperto, que he espantosa dureza de coraçã impenitente, & marauilhoza soberba da carne, pois se gloria na sua mesma pena.

29 Ou fõi este temor de reuerencia, & respeito, que se gera em o homem; ou de ver em a grandeza da gũa cousa dantes não imaginada, ou pollo menos não assi assentada. E tal era esta com que olhanaõ a Christo depois desta obra marauilhoza. Porque não ha duuida, que as obras grandes, façaõ respeitar a seus obradores, & serem differentemente olhados. Ou tambem se gera este temor de respeito, & reuerencia da contemplação das obras admiraueis: ou da admiração das obras contempladas. Da qual contemplação, & admiração diz S. Boaventura, que nasce o louuor de Deos obrador dellas: conforme a

O o aquillo

Bon. hic. in

4. Reg. 4. m. 19.

Gen. 1. 20.

Ru. 3. in
Gen. 6. 26.

Bon. hic.

Iob. 37. n. 24.

Isai. 59. n. 9.

Exod. 15. n. 11.

aquillo que no liuro de Iob se escreue: temellohaõ os varoens, & naõ oufa. raõ contemplallo todos os que se ti. nhaõ por sabios. E em Isaias: teme. raõ o nome do Senhor os do Occi. dente, & os do Oriente: & assi reme. doo (diz o Doutor Seraphico) o glorificaraõ com o coração & o en. gradeceraõ. E Moyfes em seu cantico, tanto que o prégou terribel, logo o profegiu digno de louuor. Don. de parece que a falta da deuoaõ no louuar a Deos, nace da pouca admi. raçaõ de sua grandeza; & a pouca admiraçaõ da pouca consideraçaõ. Porque quem o contẽplará que naõ pasme, & rompa em louuores admi. raueis? Donde se le que N. P. S. Francisco, & outros semelhantes es. piritos de qualquer rude materia fa. ziaõ instrumeto musico de louuar a Deos: & pollos caminhos, & montes conuidauaõ aues, & feras, & ainda as cousas insensiuais, a louuallo. O qual lhes nacia da consideraçaõ, que occu. pauaõ em qualquer obra sua: porque nenhũa ha taõ pequena a nossos olhos, que naõ contenha em si materia gran. de de admiraçaõ, ainda na propria ordem da natureza. Quanto mais em hũa taõ admirauel, & estupenda, qual era a repentina vida de hum defunto que a enterrar leuauaõ.

30 E se aquella promiscua multi. daõ, leuada da contemplaçaõ da obra de Christo, rompeo em louuores di. uinos: quanto mayor obrigaçaõ ferá a que tem as pessoas religiosas dedi. cadas a esses louuores? Porque esses verdadeiramente saõ os ministros do sacrificio de louuor, que se deue ao Se. nhor por qualquer obra, & beneficio. Quando os Israelitas recebiam de Deos algũa merce offerenciaõlhe ho. stias, & sacrificios em graças dellas: porem naõ por sua propria maõ, se naõ por maõ dos Sacerdotes, & mi. nistros. E assi quando o pouo recebe de Deos algum beneficio, dos Sacer. dotes, & pessoas religiosas he sacrifi.

car a Deos em o Coro, o sacrificio de louuor, cantando, & rezando em elle. Donde o Propheta Oseas amoe. stana aos seus, que leuassẽ com sigo palauras de louuor, & confissaõ, co. mo melhor explicaõ Caldeo. Sobre o qual diz S. Ioaõ Chrysofomo: Naõ diz: leuai rebanho de bois, ou medidas de farinha, mas diz: leuai com vosco palauras; porque o maior, & mais estimado sacrificio saõ pala. uras, & louuores de Deos. Confor. me aquillo do Psalmo: louuarei o no. me do Senhor com cantico, & en. grandefelohei com louuor: & con. tentará a Deos mais que hum noui. lho, que começa a brotar cornos, & vnhas. E o mesmo Propheta chama aos louuores diuinos; nouilhos dos beiços. (Isto he conforme S. Ieroni. mo) louuores, & acçoens de graças, victimas agradaueis. E he muito de nottar que se diz engrandecerse Deos com os humanos louuores, como que sũ com elles fique Deos grande, & se estime por engradecido aquelle que naõ cabe em o Ceo, nem em a terra. Porque ha logo o Religioso, que he o ministro deste sacrificio, ser negli. gente em acudir aos louuores diu. nos? Naõ ve o Religioso q̃ por isso he na Religiaõ, limpa, & honradamen. te sustentado, porque pague a Deos esta diuida do pouo, que o sustenta? Por certo, ladraõ he o Religioso, que retẽ aquillo que lhe foi entregue, para fazer pagamento ao acredor. Assi como elle mesmo chamara ladraõ ao almoxarife, que retiuẽ o que se lhe der para pagar, & satisfazer suas folhas. Pois por ventura ao Religioso naõ lhe he entregue o louuor diuino em sua boca, como o dinheiro em a arca.

31 Seguese em o texto. E deziã *ta.* (louuando a Deos) grande Prophe. ta se levantou em nos. Nisto confes. sauaõ a Christo por verdadeiro Mes. sias, pois entendiaõ ser elle aquelle Propheta, que Moyfes deixou escri. to

Osf. 4. n. 3.

Chrysof. hom. de pref. bit. tom. 5

Psf. 68. n. 3.

Osf. ubi sup. n. 4. Hier. ibid.

Vide Hier. ubi. 4. sup. math.

Deut. 18. n. 15.
16.
Act. 3. n. 22.

Gen. ult. n. 24.
Aug. 1 de
mir. 6 15.

to em o Deuteronomio, que auia de vir, ao qual como a elle mesmo ouuifsem. E com muita razaõ cahiram estes em a verdade do Messiado de Christo, & vieraõ em adoraçaõ de sua diuidade; porque obras taõ maravilhosas certo he que saõ merecedoras de honras diuinas. O sepulchro de Moyfes naõ quiz Deos que soubefsem os Israelitas onde estaua. Diz S. Agostinho que foi porque sendo Moyses homem, que tantas maravilhas obrara naquelle pouo, sem duuida honrariam por diuina sua memoria, & o idolatrariam em suas reliquias. Com o mesmo fundamento diz que Ioseph mandara aos seus, que depois de morto tirassem seus ossos, & os leuasssem de Egypto. Porque entendo como prudente, que auendo sido obrador de taõ admirauéis cousas, & preferuador de fome taõ importuna, auiaõ de julgar os Egypcios que elle era merecedor de adoraçaõ diuina. Quanto mais logo a causa soberana, & naõ sõ instrumento de maravilhosas obras, deuia ser adorado por verdadeito Deos, & homem? Por mais de mil annos idolatrou o pouo Hebreo na serpente, que Moyfes leuantou em o deserto, porque via que fora serpente, que tinha virtude da sarar feridos. Pois quantos mais feridos sarou o Redemptor Christo? Como naõ o auiaõ de adorar as gentes, dizendo: que grande Propheta se leuantara entre elles.

32 E bem aduertido foi deixar Moyfes chamado Propheta ao Messias, que ao mundo auia de vir a ser Rey do vniuerso. Porque Propheta quer dizer vidente, ou homem que muito vè ou q̄ ve de longe. E o q̄ gouerna nenhũa cousa mais ha mister, que agudeza de vista na discricaõ, com que nenhũa cousa lhe escape, de quanto a cerca de seus subditos passa. Em fè do qual mostrou Deos a Ieremias o instrumento de seu gouerno, & lhe perguntou: que he o que vés Ieremias?

E respondeo o Propheta: vejo, Senhor, hũa vara, que está vigiando, & S. Ieronimo testemunha, que os Setenta trasladaraõ: Baculo com olhos. Porque tal deue ser o Pastor, que tudo nelle sejaõ olhos, com que vigie. Daquelles quatro espiritos, que em figura de animaes diuersos rodeauaõ o trono do Cordeiro, diz o Apostolo Propheta, que todos estauam cheyos de olhos por todas as partes. Por estes quatro espiritos, ou animaes entende o Cardeal Pedro Aurelio, & o mestre Nicolao de Lyra os quatro principados. ou patriarchados da Egreja, a saber o de Ierusalem, o de Antiochia, o de Alexandria, & o de Constantinopla. Porque quanto mais alto he o principado, & prelazia; tanto mais olhos de aduertencia, & discricaõ ha mister por todas as partes. Pollo qual diz S. Ioaõ Chrysofomo, que muito conselho, & prudencia ha mister o pastor; & mil olhos (como se diz) para enxergar de todas as partes os achaques das almas, que gouerna. E naõ era muito que fossem taõ aduertidos, & vigilantes os que rodeauaõ a hum trono, onde estaua o mestre de todos os Prelados, que tinha sette olhos lançados sobre toda a terra, do qual aprendiaõ a ser Prelados vigilantes, & espertos Argos em toda a occasiaõ de guardar as ouelhas a elles comettidas.

33 E ainda lhes deixou chamado Propheta, polla grandeza da prudencia que deue ter, com que naõ sõ veja todo o presente, mas tambem aduinhar o futuro. Aos seus sabios punha pena de morte Nabuchdonosor que lhe auiaõ de aduinhar o que sonhara. Porque se eram sabios, & satrapas aduinhar deuiam. Donde da diuina sabedoria se diz que para dispor, & ordenar todas as cousas, forte, & suauemente toca desde hum fim a outro fim. Isto he abraça ambos os tempos presente, & futuro; por isso para descreuer a hum perfeito Prelado; pa-

O o ij ra

Hieron. ibid.

Apo. 4. n. 8.

Aur. & Lyr.
apud. Vieg.
vid.

Chrysof. lib.
2. dialog.

Apo. 5. n. 6.

Dan. 2. n. 5.

Sap. 8. n. 2.

Hierem. 2.
n. 11.

ra poder forte, suave, & acertadamente dispor. E ordenar: & porque tal he o dom da Prophecia, que todos os tempos corre, preterito, presente, & futuro; por isso para descrever a hum perfeito Prelado lhe chama Propheta, a cuja prouidencia nenhum tempo escape. Acerca do qual diz S. Ambrosio, o paruo não vé mais que o presente, que tem diante dos olhos, não olha ao futuro. E Seneca diz: se teu animo he prudente, por tres tempos ha de ser dispensado; ordena o presente, adivinha o futuro, & lembrate do passado; porque o que não cuida no passado perde a vida, & o que nada premedita do futuro, em tudo cae descautelado. Poes se tal prudencia do passado, & futuro he necessaria a qualquer sogeito; quanto será necessaria que seja Propheta, & que todas as cousas saiba adivinhar o Principe, & Pastor, & Prelado? Prelados ha por certo q̄ no governo presente se perdem; porque se não acordaõ do passado: & que de tal maneira se pegaõ ao presente estado, que se esquecem do que antigamente tiueram. E Prelados ha que se perdem porque não cuidaõ do futuro, & no que ao diante pode succeder. E huns, & outros são indignos do lugar, pois não sabem como prudentes dispensar nos tempos.

34 Concluese em o texto. E visitou Deos a seu pouo. Conuem a saber (diz o Doutor Serafico) pollo Redemptor Christo; segundo aquillo do Santo Zacharias: Bemdito seja o Senhor Deos de Israel, que visitou, & fez a redençaõ do seu pouo. E isto conforme a aquillo do Genesis: depois de minha morte vos visitará Deos, & vos fará subir desta terra à aquella que prometeo a Abraham. O qual se entende da visitaçaõ pollo mediador Christo. E assi parece do dito, como o Senhor foi manifestado quando a excellencia de seu poder. Ate qui S. Boaventura. Donde consta, que polas maravilhosas obras que o

Senhor fazia, vieraõ estes allumiados por elle, em conhecimento do Messia-do de Christo, que foi diuino pollo mysterio da Encarnaçaõ, que por nome de visitaçaõ he entendida. E com muita razaõ, porque por aquelle mysterio ineffauel foi a natureza humana visitada, não de qualquer modo, se não honrada, & amorosamente, que são os dous effeitos que qualquer visita de algum grande cauza naquella a quem vai a visitar. Honra recebe em quanto lhe vem a casa o que honra, & illustra toda aquella em que entra. Donde S. Isabel admirada dezia: & donde me veyo a mi, que a mae de meu Senhor venha a minha casa? E tal foi a honra que a natureza humana recebeu pollo Encarnaçaõ do Verbo Eterno. E bem prouou a honra que fez na largueza de que visou: porque hum grande quando honra não lhe escapa cousa que não ennobreça; sobre o qual diz S. Agostinho, que to-

mando forma de varaõ, & nascendo de femea, deu a entender por este modo, como hum, & outro sexo se auia de honrar, he porque julgaua o Santo como pollo mysterio da Encarnaçaõ hum, & outro sexo ficara visitado, honrado, & ennobrecido.

35 Foi tambem visitado o genero humano amorosamente, porque se abraçaram as duas naturezas naquella visita que Deos fez ao homem na casa do ventre Santissimo da Virgem Maria. E foi tambem figurado este mysterio em o termo com que o Pae Santo recebeu ao prodigo filho, em quanto diz o Euangelho, que o recebeu em seus braços, cahindo sobre seu pescoço, dando lhe amorosos osculos em sua face. Sobre o qual diz S. Agostinho: o cahir sobre seu pescoço he humilhar-se seu braço, que he nosso Senhor Iesus Christo, em abraçallo. E consolallo com a palavra da graça de Deos para a esperança do perdão dos peccados; isto he metecer do pae o osculo de amor o que torna depois

Amb. super.
illud: incedentes
retros.
Ium. Ge. 1.
Sen. e virtutib.

Tex.

Bon hic.

Luc. 1 n. 68.

Gen. 50. n. 23

Luc. 1 n. 43.

Aug. contra
Faustū.

Luc. 15. n. 10
Aug. in Cat.
ibi. lib. de 99.
Euang. lib. 2.
c. 13.

Luc. 14.

Guerric ser. 2
Quadr.

pois de largos caminhos. E Guerrico diz: Abraçouo, & beijouo, para que assi por ineff. uel virtude não só vnisse o homem a seu assumpto corpo: mas ainda o tornasse a vnir a seu espirito. Conforme a isto podemos dizer que bem confessauam os circústantes no milagre de Christo, o mysterio da Encarnação, pois apregoauão que Deos visitara a seu pouo. Não só honrando a natureza humana que tomou, mas tambem ajuntando a si por amoroso abraço, & mimoso osculo, & communicação de seu espirito. Donde parece que na Encarnação ouue dous ajuntamentos, & vnioes: hũa real de naturezas em hũa só pessoa em communicação de idioma: & outra mystica de communicação de espiritos em hũ só amor. Pollo qual conclue o Venerauel Beda que visitou Deos a seu pouo, não só incorporando hũa ves sua palavra mas sempre aos coraçoes amando.

Beda bñ.

Peroração exhortatoria.

36 **C**onsidera pois, ò tu, qualquer que por defeito de espiritual virtude te sentes levar à sepultura da condenação; o lugar, &

ocasião que tens do pecado, para saberes apartarte della. Contempla a vaidade da vida, & a verdade da morte; & como contra ella não val privilegio algum, nem isenção algũa. Tu que es moço, não te fies nos annos; & tu, que es velho, não te descuides das horas. Porque na que menos o cuidares, te has de ver levar à sepultura por todos os quatro elementos. Que assi como são principios de tua geração, o vão sendo de tua corrupção. Considera pois, ó alma, a tristeza, & lagrimas de tua mae a Egreja, que por ti como por filho vnico prantea, & chora. Desperta polla excitação, levante polla contrição, falla polla confissão, & torne a tua mae a Egreja por satisfação. E tu, qualquer que es religioso ouuinte, & curioso especulador destas marauilhas tão insignes; & diroso participador da companhia de Christo; rompe admirado em lououres continuos das marauilhas do Senhor; dandolhe infinitas graças por tantas obras, quantas em o mundo sua misericordia de continuo obra, para proveito, & remedio nosso, & para honra, & gloria sua. Amen.

REFEICAM SPIRITVAL.

CAPITULO DECIMO OCTAVO.

Do hydropico, que o Senhor curou em hum sabbado.

Luc. 14. 1. 1.

INtre outros enfermos, a que o Senhor miraculosa, & clementissimamente deu saude, foi: hum hydropico, que se lhe presentou, estando elle hum sabbado comendo com hum Phariseo principal. E não se pode saber ao certo em que lugar ou tempo obrou o Senhor esta marauilha, por quanto não consta da ordem de muitas cousas

que passaram desde a festa da Scenopogia em Settembre, quando por occasião das palmaras, que com os Iudeos teue no templo, pollas quaes o quizerao apedrejar, & elle se ausentou ate a festa das Encenias em Novembro, polla qual tornou a Ierusalem. Com tudo por boas circunstantias succedeo isto perto do mes de Novembro, conuem a saber andando o

Senhor de caminho para Ierusalem, para se achar na festa das Encenias, quatro, ou cinco mezes antes de sua morte, pouco mais, ou menos; & dizem alguns que a tres de Outubro, A cerca do qual he de saber que Encenia he o mesmo que Dedicacão: não só innouaçãõ, ou renouaçãõ, mas; noua dedicacão, quaes costumaõ ser na Igreja as dos templos insignes. E no antigo tempo dos Hebreos ouue tres festas de Encenias, por tres vezes que o templo de Ierusalem nouamente se dedicou. A primeira foi feita por Salamam aos des dias de Setembro, & se celebrou em o tal dia todos os annos até a destruiçãõ delle feita pollos Assirios. A segunda foi feita a doze de Março, pollos Princeses, & Capitaens, que trouxeraõ de Babilonia liure o pouo, & assim durou até o tempo de Antiocho Rei de Syria, que o contaminou, & profanou. A terceira, & que até o fim perseverou, foi a que fez Iudas Machabeo, & esta se celebraua aos quinze dias de Dezembro, (que he o mes chamado Casleu) E ainda que Theodoro diga que esta dedicacão não foi sômente do templo, mas de toda a Cidade por Antiocho profanada, & pollos Machabeos restaurada de muros, & edificios: com tudo ser só do templo, a festa he opiniaõ de todos. Alguns dizem que esta festa a que Christo veyo nesta occasiãõ, era a da dedicacão de Salamam; outros que à de Nehemias: mas o commum dos Doutores assenta com o Mestre Nicolao, que era a dos Machabeos em Dezembro. O qual bem se confirma com a aduertencia do Euangelista, de que era entãõ inuerno.

LIÇAM. I.

Da occasiãõ do milagre.

2 **A** Ndando pois o Senhor pré-gando, & curando por aquellas partes na entrada daquelle in-

uerno do anno trinta, & tres de seu nacimiento, fez este milagre da cura do hydropico, que S. Lucas conta no capitulo quatorze, pondo em primeiro lugar a occasiãõ, em que o fez; pollo qual diz em o texto. *E aconteceu que como entrasse Iesus em casa de hum Principe dos Phariseos, hum sabbado para comer paõ: elles tinham tento nelle.* Isto foi depois que o Senhor respondeo aos que lhe dixerã que se guardasse que Herodes tratava de o matar; q̄ dixessem a aquelle Raposo q̄ ainda tinha dias de obrar antes de morrer; & depois lamentou sobre a Cidade de Ierusalem, porque maltratava os que lhe eram mandados, & não queria receber o verdadeiro Messias, profetizandolhes de caminho sua destruiçãõ. Entrou pois o Senhor a comer com aquelle homem principal entre os Phariseos: ha se de entender que conuidado, & rogado delle. Sobre o qual diz o Carthusiano: não vinha aos conuites dos Phariseos, se não rogado; os quaes o conuidauãõ, não por deuaçãõ, mas cõ malicia. Porem aos dos publicanos hia ainda que o não rogassem. Porque os Phariseos se estimauam justos, & saõs, que não tinhaõ necessidade de medico: mas os Publicanos confessauãõse por peccadores, & enfermos, que tinhaõ necessidade de medicina. Por isso a estes para os alumiar se roga: & a aquelles para os humilhar espera que o roguem.

3 E S. Boaventura diz: nisto se mostra a marauilhosa benignidade de Christo, em que conuersaua com os mortaes homens, sendo Deos, segundo aquillo de Baruc: este he nosso Deos, & logo prosegue: depois disto foi visto nas terras, & conuersar com os homens. Maior por certo, porque conuersaua com os seus perseguidores, por onde se cumprio nelle aquillo de Ezechiel: filhos incredulos, & enganadores saõ com vosco os filhos dos homens, & habitaes com escorpioes.

Guillelm. in
Postilla.Theod. apud
Mal. I. Ioan.
30 n. 22.Apud Gu-
tierr. ibid. lib.
cap. 1.

Tex.

Land. 13.
c. 80.

Bon. bis.

Baruc. 3. n.

18.

Ezech. 3. n.

corpiceis. Mas grandissima familiaridade, porque conueciaua até a maior familiaridade; para que se comprisse aquillo do Apocalypse: eu estou à porta, & bato; o que me abrir a porta, entarei, & cearei com elle, & elle comigo. Nisto pois de entrar na casa alhea se engrandece a humildade de Christo; & no entrar na casa do Phariséo sua charidade; & no comer pão alheyo, sua pobreza. E em todas estas cousas sua humildade; porque o altissimo quiz por nós humilhar-se; o justissimo conuersar com impios; & o riquissimo fazer-se pobre entre os homens. Donde diz o Apostolo: sabeis a graça de nosso Senhor Jesus Christo, que por amor de nós se fez pobre, para que nós com sua pobreza nós fizéssimos ricos. O de cima he do Doutor Seraphico.

4 E diz que esta casa onde entrou a comer era de hum Principe dos Phariseos. Porque não são todos os Sacerdotes entre si tinham hum Principe, que era o Summo Sacerdote, & Pontifice, (conforme a opiniaõ vulgar); mas tambem cada hũa das familias dos Sacerdotes, & cada hũa das Synagogas, & ainda cada hũa das feitas tinha seu Principe. E não são os Sacerdotes, & feitas de Phariseos, Saduceos, & Essenos, & dos mais; mas cada hũa das artes, & officios. Assim vemos que Zachaeo era Principe dos Publicanos; & do Principe da Synagoga se faz mençaõ, & dos Principes dos Iudeos, em varias partes. E ainda hoje entre nós, assi no Ecclesiastico, como no Secular, ha estes cabeças principaes como são os Bispos, Abbaes, Reitores, & outras dignidades da Ierarchia Ecclesiastica: Corregedores, Vereadores, Iuizes dos officios mecanicos, & outros; & por isso este conuidou a comer a Christo, porque à conta dos principaes do povo está o prouer aos necessitados, & agazalhar os pobres, maiormente hórados, & religiosos, & virtuosos, qual

na opiniaõ de todos era entaõ Christo. Porque ainda que seus infernaes inimigos lhe impuzeraõ calumniosamente grandes culpas, nunca lhe calumniaraõ que trataba de temporaes riquezas. Tanto cuidado teve sua diuina providencia de ir guardando immaculada a santa pobreza, como aquella que auia de ser mae de tantas, & tam diuersas ordens de santissimos Religiosos; como do cuidado com que Deos guardou a Sara dixe o Rabino Philo, futura mae de gente escolhida, & Prophetas Santos.

5 Mas da tençaõ, com que este Principe dos Phariseos agazalhou a Christo, não sentem todos de hũa maneira. Euthymio o não attribue a outro mau fim mais que a vã gloria, & jactancia, por ostentar sua charidade; ou por mostrar que elle não era dos que naquelle tempo se mostrauaõ emulos de Jesus Christo, & o perseguiaõ por enueja. Porque na verdade he ella tal vicio, que com muita razãõ qualquer homem, quanto mais hum letrado, & Religioso, qual aquelle se presumia, se deue correr de ser notado delle. Porque como diz Alano: qual monstro ha mais monstruoso que a enueja? A Cain cahiam as faces no chaõ de vergonha de se ver conuencido de enuejoso; isso he o que Deos lhe dixe: porque razãõ te cahio o rostro? o Caldeo lé: rostros. Porque o enuejoso, se tem discriçaõ, dous rostros tem; hum com que interiormente enueja, outro com que exteriormente dissimula, correndose de ser notado de taõ monstruoso, & baixo vicio. Donde diz S. Pedro Chrysologo, que o irmaõ do prodigo bem mostrava vir do campo, & ser rustico, no que mostrava vir enuejoso. Tal era este Phariséo, que sendo tal como os outros, dissimulava com o rostro a enueja. Porem a sentença commum he, que conuidou ao Senhor por malicia, para que elle, & os outros o apanhassem aquelle sabbado em algũa

Apoc. 3. n. 20.

1. Cor. 8. n. 9.

Matth. hic

Luc. 19. n. 2.
Luc. 8. n. 11.
Iuan. 5. n. 1.

Phil lib. de
Abrah.

Euthym. hic

Alan. de Cõ-
plac. natur
Gen. 4. n. 6.

Luc. 15. n. 25.
Chrysol. ser. 4

algũa obra, ou palaura, com que o pudessem calumniar. E por ventura por allegar esse seruiço ao summo Sacerdote, & aos outros príncipes de Ierusalem, dos quaes como de corte dependiaõ para suas pretensõens; & ganhar o favor delles com o aluitre da calumnia, em que tinham apanhado aquelle que ja julgauam por infesto. E não sabia nada barato o comer a Christo, pois lhe custaua, se não trabalho de suas mãos, calumnia de sua vida. Nem caro ao Phariseo, pois compraua com a calumnia o gosto de o apanhar, & o interesse de agradar aos da Corte. E isto he o que diz, que elle, & os mais hiam com cuidado attentando quanto fazia.

6 E por ventura por esse mesmo malicioso respeito, o conuidaram em sabbado; dia em que como quebrantador, & despresador da lei, o podiam melhor apanhar. Assi conuertem estas aranhas peshêras as flores em veneno, & a graça de Deos em demasias, como diz o Apostolo S. Iudas: as obras de Deos, & suas sagradas obseruaçoens, em abundancias de malicia. Grandes, & estreitos guardadores do sabbado, & peruerlos quebrantadores da charidade, & perseguidores crueis da innocencia. Taes eram estes como o leão, que Sansam matou na estrada, que tinha na boca o fauo de mel, & o corpo por dentro todo estaua podre, & nojento. Com doçura de palauras de charidade conuidauam a comer a Christo, estando se comendo elles por dentro de enueia, & podres de odio. Toda via Sansam não reparou no podre do leão, aproueitouse do fauo de sua boca, & comeo, & leuou a sua mae. Porque assi deuemos auernõs com aquelles, que tem por officio o prégar, & ensinar, como tinha este Phariseo, que hospedaua a Christo (porque estes taes nunca tem a Deos se não como hospede, na hora que prégam; fora dalli são antes crueis perseguidores,

que seguidores da virtude): deuemos aproueitarnos do que polla boca lançam, que he suauidade da doutrina, & deixarnos de intrometer no podre de sua vida, segundo aquillo do mesmo Christo: fazei tudo o que vos dixerem, mas não façais segundo suas obras.

7 Aproueitouse Christo do cumprimento do Phariseo, & aceitou o comer, como outras vezes, para ter occasião de obrar, ou dizer algũa cousa, com que quebrantasse sua soberba, quando não grangeasse sua emenda. E entrou a comer pão; pollo qual se entende todo o manjar nas Escrituras, & tudo o que na mesa se poem, que como pobre, & necessitado aceitaua conforme a aquelle seu mesmo documento: quando fores hospedes de alguem, comei de tudo o que se vos puzer diante. Porque dos pobres he comer hum dia preciosamente com os ricos, & outro vilmente com os pobres. Assi estaua o cordeiro Iesus comendo entre os lobos, & aceitando o pão da mão dos lobos; & elles attentando por onde primeiro o auiaõ de agarrar, & começar a tragar. E isto he o que se diz no texto, que elles o olhauam, & hiaõ com cuidado attentando nelle, como ja outras vezes auiaõ feito, como foi com o da mão seca na Synagoga em sabbado. Taes são os que fazem semelhantes obsequios, como os que criam as rezes com cuidado para as venderem melhor, & terem mais gordas para o talho. A estes alcança aquella maldiçaõ do Propheta Abacuc: Hay por aquelles, que daõ de beber a seu amigo, lançandolhe seu fel, tirandõos de seu sentido, para verem sua nudeza: conuem a saber que lhe mostram fazer obsequio, & beneficio, para que deixando se elle entrar da vontade apparente, descubram suas faltas, & feitos. Taes eram os que estauã crucificando a Cristo, & dandolhe de beber; não quiz elle sequioso aproueitarse

Iud. 7. 4.

Iudic. 14. 7. 8.

Tex:

Luc. 6. 7.

Marc. 3. 2. 3.

Abac. 2. 20.

Matt. 27.

2. 33.

tarfe

tarfeda bebida, porque não approua semelhantes beneficios. Fel de dragoens chamou ja á semelhante vinho o Santo Moyfes. Por tanto este daua de comer a Christo, & ajuntaua outros, para que tiuesse contra elle mais atalayas, que descubrissem, & mais testemunhas, que affirmassem seus defeitos. Hum só a conuidar, mas muitos a calumniar; porque na casa do roim, sempre sobejam os q̄ mal fazem; & o mau nunca he só, porque sempre busca companheiros.

L I Ç A M II.

Do fogeito do milagre.

8 **V**ista a occasião do milagre, segue-se em segundo lugar o fogeito, & materia delle. Pollo qual se segue em o texto. *E eis que hum homem hydropico estaua posto diante delle.* Isto he diante de Christo, que à mesa estaua sentado com aquelle Phariseo, & com os mais que se auiam conuidados. Não falta quem diga que a malicia dos mesmos Phariseos deu ordem com que este pobre homem entrasse alli àquella hora, em que tantos assistiam sendo sabbado. O qual pode ser entraria com bóa fé; por quanto elles (posto que com maliciosa intenção) lhe diriam que fosse alli, porque costumaua aquelle bom homem sarar muitos enfermos: & ainda lhe acrecentariam que elles o ajudariam de sua parte, & intercederiam por elle. O qual depois foi tanto ao contrario como costumam fazer os que se vendem mui benignos no mundo, & promettem falar, & interceder com os Princepes, & Prelados em sua pretençaõ, & depois nem hũa só palavra dizem em seu fauor. Como estes mesmos o fizeram depois, quando perguntando o Senhor se seria licito curar no sabbado; diz o Evangelista q̄ todos callará. De modo que o hydropico era a isca, com que queriam pescar a Christo no anzol do

sabbado. Como aquelles que per experiencia bem sabiam que com nehũa couza tão facilmente se deixaua pescar, como com occasião de fazer bem. Com semelhante anzol na mo-
lher adultera diz S. Agostinho que em outra occasião lhe armaram, tendo por certo que sua benignidade não deixaria de arremessar-se a fazer bem como quer que fosse.

9 E se a malicia destes não foi tanta, pollo menos foi muita em o conuidarem para o apanharem em cbras, ou palavra algũa, tendo por sem duuida, que não faltaria materia, em que cahisse sua bondade. E em continente se lhes offeceo em hum enfermo hydropico, que se presentou ante elle. Não dixe palavra algũa com que representasse sua infirmitade, & necessidade; ou fiado em que os que estauam com Christo lha proporiam, como por ventura lho tinham promettido: ou com pejo de falar diante dos mais authorisados daquelle pouo, q̄ alli estauão juntos: ou por não se atreuer a pedir cura no dia santo; ou finalmente como quem sabia a condição do Senhor, que bastaua pôr-se diante delle, & presentarse-lhe necessitado, para que elle antes lhe offerecesse o remedio, que se quizesse rogado por elle. E segundo S. Boauentura, poz-se diante delle, para pedir misericordia, que os Phariseos lhe encontravam. Procuraua a misericordia de Deos por homem, porque se diz: a misericordia de Deos sobre toda a carne. E por enfermo; porque se diz no mesmo Ecclesiastico: He o homem enfermo, & tem necessidade de cobrar saude; mui falto de forças, & sobejo de pobreza. E q̄ os olhos do Senhor o olhem para seu bem. Por isso exprime que era homem, bastando dizer que era hydropico; porque o ser homem he a razaõ formal de todas as miserias, & achaques, como diz S. Agostinho sobre aquellas palavras do Senhor: Vinde a mi todos

Ioan. 8. n. 46.
Aug. Tract.

Bon. hic.
Ecc. 18. 12.

Ecc. 11. n. 12.

Mat. 23. n. 18.

Aug. de Verb. Domini.

os que trabalhaes. Porque trabalha-
mos todos, se não porque somos ho-
mens mortaes, & que trazemos às co-
stas vasos de lodo? E S. Leão vendo
os muitos, & grandes trabalhos que
nosso Redemptor quiz sofrer, poden-
do remit o mundo com muito me-
nos, diz, que tudo foi por justificar,
& verificar mais a verdade, & pro-
priedade da natureza humana, que em
si tinha. Assi que quanto mais homê,
mais natural fogeiro de miserias. E
se por homem bastava presentarse,
para mouer a piedade; não menos
por hydropico, para sollicitar o reme-
dio. Porque (como diz Landulpho)
a mesma infirmitade falaua, & o tur-
mor de seu inchado ventre, & as
mais miserias, que a tão torpe doença
seguem, estaua encarecendo a necessi-
dade do remedio. He a hydropezia
o mesmo que doença de agua, porque
da muita que se bebe, & sempre com
mais sede, se oppilaõ as veas, & incha
disformemente o corpo. E na ver-
dade males ha, que estão mesmo de si
gritando por cura. E tais são os pu-
blicos, & escandalosos, significa-
dos em aquelle hydropico, cuja mise-
ria era por si mesma euidente. Ou-
tras infirmitades ha, que são mais oc-
ultas; & estas hão mister inculcadas,
& descubertas, & que por ellas fale
alguem; & tais são os peccados se-
cretos. E por isto se mandam ao pec-
cador confessar, & declarar ao medi-
co espiritual para curallos.

io E diz que estaua posto este hy-
dropico diante do Senhor, como en-
fermo ante o medico, & como neces-
sitado ante o poderoso, & como mi-
serauel ante o piedoso. Nê duuidou
entrar em aquella hora, como o que
sabia, que a necessidade não tem lei,
nem a piedade tem porta, nem a vō-
tade de fazer bem tem hora. Tudo
tem seu tempo (diz Salamam) & de
tudo ha hora, porque não conuem
fazer tudo em todo tempo; só de fa-
zer bem não ha hora, porque todo o

tempo he tempo de fazer bem: como
todo o tempo he de amar a Deos, &
amar ao proximo. Pois como de a-
mar a Deos sempre he tempo; assi de
fazer bem sempre he hora. E punha-
se ante os olhos do Senhor o hydiop-
ico, não só pollo que tinham de di-
uinos, mas tambem pollo que tinham
de humanos; porque o mal, & a ne-
cessidade vista com os olhos, abala
mais depressa as entranhas; pollo ma-
ior impressão, que na alma faz, o que
pollo sentido mais viuamente se rece-
be (Porque como per adagio diz S.
Bernardo) O que o olho não vê, não
doe o coração. Oh quantas necessi-
dades se não remedeam, só porque se
não sentem, & não se sentem porque
se não vem. Se o Iuiz vira com seus
olhos a deshumanidade do carcer, o
rico o desamparo dos hospitaes, o no-
bre a necessidade dos miseraueis não
pudera deixar de compadecerse, &
compadecendo se tratar de qualquer
modo do remedio. Até Deos, cujos
olhos sempre estão pregados no po-
bre; & inquirindo das necessidades
dos filhos dos homens: para se com-
padecer, ou a nosso modo se mouer;
manda pôr as lagrimas ante si, porque
vistas, mais misericordiosamente o es-
pertem ao remedio. Mas como ha de
abalar o coração, quem não quer vi-
rar os olhos? quantos apartam os olhos,
& fazem que não vem; porque ven-
do, ou não se compadeçam, ou não se
obriguem ao remedio?

ii Moralmente falando, pollo ho-
mem hydropico he entendido o ho-
mem peccador: & porque na hydro-
pezia ha sette accidêtes, ou qualidades
de doença; significa a septenaria vni-
uersalidade dos peccados mortaes; os
quaes assim applica o Doutor Seraphi-
co. O primeiro he inchação no cor-
po; & por este se entende a soberba;
conforme a aquillo do Deutorono-
mio: para que ninguem se inche com
soberba. O segundo he a infaciauel se-
de; pollo qual se entende a auareza;

con-

Leos. 2. de
Ascens.

Land. sup.

Eccles 3. 7.
Diaz. hac.
Dom.
n. 10.Ber. ser. 2.
Omni. Sant.

Ps. 10. n. 2.

Ps. 55. n. 9.

Bon. hic.

Dent. 17. 2.

conforme aquillo do Ecclesiastico: o auarento não se fartará de dinheiro. O terceiro he a torpeza das partes vendidas; pollo que se entende a luxuria; conforme aquillo do Psalmista: Meos lombos se enchéram de illufoens, & não ha cousa saã em minha carne. O quarto he o mau cheiro da boca; pollo que se entende a ira; conforme a aquillo do mesmo Psalmista: A boca delles he hũa sepultura aberta. O quinto he a forma da pelle, & partes exteriores; pollo que se entende a gula, que tratta de curar o corpo; dos quaes diz o Apostolo, que seu Deos he seu ventre, & só sabem tratar do gosto das cousas exteriores. O sexto he compressão dos espiritos, & respiração. Pollo que se entende a enueja; conforme a aquillo dos Proverbios: A enueja he podridão dos ossos. O settimo he a difficuldade no andar. Pollo que se entende a preguiça; conforme a aquillo de Salama. Seus pés são preguiçosos para andar. E S. Paulo a Tito, os Cretenses (que são os de Candia) sempre foram mentirosos, bestas mãs, ventres preguiçosos. Mas reduzindo a hydropezia a specie figuratiua de peccado, significa mais propriamente, ou a cobiça, & a sensualidade: que estes são as duas sanguisugas, de que diz o Espirito Santo, que sempre estão pedindo mais; & porque ambas conspirão contra o spirito, pollo cuidado dos interesses terrenos, & gostos carnaes; por isso melhor se figuram no hydropico. No qual (como diz S. Ambrosio) demasiandose a sobejidaõ da carne, embaraçaua os officios da alma, & apagaua o ardor do espirito.

12. Porem com muita mais propriedade parece ser o hydropico figura moral do ambicioso. Porque a ambição ja mais matta a sede de mais ser, & de mais subir, & de maior lugar alcançar. E assi como da charidade diz o Espirito Santo, que nenhũas agoas a podem apagar: assi a ambição

que (como diz S. Pedro Chrysologo) he humbugio, que morre por arremedar a charidade; nunca he farta de agoa, & quanto mais bebe, mais apetece, & nenhũa ha que lhe matta a sede. Arde sempre o coração & appetite do ambicioso, & como continuo arde, continuo sobe, segundo aquillo do Psalmista, que a soberba sempre sobe. Em o liuro de Job se diz do Principe dos soberbos, & ambiciosos, que sempre tras os olhos no alto, & em tudo o que mais affima. Ihe fica. Sobre o qual diz S. Bernardo: Suba sempre tua soberba, segue a teu Rei, vaõ sempre teus olhos vendo o mais alto; da te pressa a multiplicar prebendas, da hi voa ao arcediagado, logo aspira ao Bispado: nem te aquietes a hi para ter descanso, porque assi se caminha para o Ceo. E em outro lugar diz o mesmo Bernardo: oh perversidade dos filhos de Adam, que sendo o subhãõ difficultoso, & tão facil o deter: elles leuemente sobem, & com difficuldade decem; aparelhados para as honras, que são aos mesmos Angelicos hombros formidancis. E pollo que a maldica ambição he mais perigosa, & difficultosa de curar, diz S. Ambrosio: Muitas vezes faz criminosa ambição, a quelles a quem nenhũa sensualidade pode mouer, nenhũa auareza enganar. Porque tem certa graça de persuadir, & he hũ domestico peccado, que para mandar aos outros primeiro serue.

13. E pollo que fica ditto se vé que esta hydropezia he figura mais propria da sensualidade, cobiça, & ambição, as quaes são tres cabeças, que S. Ioaõ aponta ao feo, & torpẽ monstro do peccado. Dizendo que quanto ha em o mundo he concupiscencia da carne, cobiça dos olhos, & soberba da vida. Não he mais fera a Hydria por ter sette cabeças, que esta monstruosa hydropezia com ter tres sumente. E ainda mal porque este monstro se não cria, nem acha só nos desertos, & matras

tas do mundo; mas também com monstruosidade mais para estranhar, nos fertis campos da clerecia, & fechados jardins da Religião. Sobre o qual diz S. Ieronimo. Sendo a soberba propria dos demonios, ou das molheres; a luxuria dos bratos; & a auareza dos mercadores; de todas estas se faz hum monstro, & he o mau clerigo. E Landulpho acrescenta: Por semelhante modo entre os Religiosos poderás achar hum monstro composto destas mesmas cousas. Porque muitas vezes he o Prelado soberbo, & ambicioso, que tratta só de mandar, & procura por todos os modos permanecer no officio. He também com isto entregue à concupiscência da carne, buscando continuamente occasioens de se entregar às delicias, & gostos. E sobre tudo he muitas vezes cego com a cobiça dos olhos, & auareza, discorrendo por todas as partes, por fazer seus interesses; & usando todas as traças de adquirir, ou conseruar o adquirido. Se alguém pollo ditto se indignar contra mi, que o escreuo; pollo mesmo caso confessará de si, que he o que aqui se reprehende. Porque muitos quando se lhes propoem a verdade, o sofrem muito mal, & como não tem outra sahida; respondem que elle não fazem consciencia de semelhantes cousas. Mas esta he a má consciência, pois he contraria à verdade, & à razão. O sobredito he do Carthusiano, 14. E sem duuida esta he a hydro-pica consciencia daquelle bestial monstro; de que se lé no liuro de Job, que tem confiança que o Iordão lhe entre polla boca dentro, ou que beba todas as aguas do Iordão. Não apontou o Iordão por ser o maior rio, mas por levar as aguas mais sagradas. Porque tais hydropicos dissipam, bebem, & malgastam as cousas sagradas, as rendas ecclesiasticas, os peccados do pouo, & o sangue dos pobres, que muitas vezes por substannellos deixaõ de comer, & por satisfazerlhes suas obri-

gaçoens, cortam por seus gastos, & por seus gostos. Em os quaes empregandose estes, fazem a monstruosa transformação, de que o Apóstolo se queixa, que conuertem a graça de Deos em demasias. A estes tais applica S. Antonio o que Isaias diz, que as aguas de Nensim estão desertas. Porque Nensim, diz que significa Pardo, animal monstruosamente cruel, & de diuerfas cores, que sempre anda appetecendo sangue humano. Abismo (diz) que carece de fundo; abismo de gula, que chama o abismo de luxuria; abismo de comer, que chama o abismo de gastar; abismo de dinheiro que chama o abismo do inferno. Segundo aquillo de Ionas: Cercaraõ me as aguas ate a alma, cercoume o abismo, & o pego se cobrou minha cabeça. O remedio pois de semelhantes males he vir ao Senhor por contrição, & por diante delle por confissão. Que se o Senhor está à mesa alegre sobre piedoso, dará o remedio. Assi diz o texto, que este enfermo estaua posto ante elle. E assi diz o mesmo S. Lucas, que Zacheo estando o mesmo Senhor à mesa se poz em pé diante delle, & dixeu: Eis aqui Senhor (com effeito) dou a metade de meus bens aos pobres; & se algũa cousa leuei mal a alguém, o torno quadrupado. Pozse em pé per contrição, dixeu per confissão, & deu per satisfação. Mas como não alcançai à logo saude, & perdaõ o que está diante de Christo? Como poderà ter mau despacho, quem colhe o Senhor na mesa? Oh que diferente mesa, que diferente banquete, & que diferentes convidados temos nós outros, para podermos mais confiadamente entrar, & presentarnos a Christo? Mas ainda mal porque hoje nem todos consideram bem o respeito, que se deue à mesa; & taõ pouco se aproueitam do banquete, & respeitam os convidados. Hay quantos, & quantos estão continuamente diante do Senhor hydropicos, enfermos, & torpes

Isai. 15. n. 16.

Paduan. h. c. Dom.

Ps. 41. n. 9.

Ion. 2. n. 6.

Tex.

Luc. 19. n. 8.

Hieron. apud Land. citandum.

Land. 1. p. c. 68. Land.

Land. 1. p. c. 68. Land.

Land. 1. p. c. 68. Land.

Land. 1. p. c. 68. Land.

Job. 40. n. 18.

Bir. Com. Cler.

Tex.

Ed. h.

Mat.

1. Cor.

Luc. 6.

Bir. ser. de
Conu. ad
Cleric. c. 29.

torpes sem tratar do remedio de seus espirituas achauques. Acerca do qual diz S. Bernardo: Trattaõ os homens sem reuerencia, & sem consideraçãõ os mysterios, que os Angelicos espiritos reuerenceam. Aquelles, em quem a auareza reina, a ambição gouerna, a maldade assenta, a luxuria domina, & a soberba manda.

L I § A M. III.

Da questaõ, que o Senhor propoz.

Posto o homem hydropico diante do Senhor em o dia do sabbado; se refere em terceiro lugar a questaõ, que o Senhor propoz aos da mesa acerca do remedio daquelle necessitado, dizendo em o texto. *E respondendo Jesus, dixit ad Leviticos, & Phariseos: Se he licito curar em sabbado? O q̄ diz que respondeo, sem referir que algum daquelles, ou tiuesse perguntado, ou falado: he fra-si costumada nas Escrituras, quando se começa a falar, ou se moue practica.* Tambem he segundo Beda, & a Glossa, que respondeo o Senhor naõ às palavras, mas aos pensamentos, & a intençãõ, com que elles obseruauam, & tinham tento em suas açoens, para calumniallas. Como em outro lugar semelhante dixit a outros taes como estes: *Para que cuidaes mal em vossos coraçoens? E por ventura que estes ja em alguns gestos mostrassem, ou enfado do enfermo, como soberbos; ou certeza da calumpnia, como maliciosos.* E pegou o Senhor primeiro na practica, porque ja as piadofas entranhas estauãõ abaladas de ver a miseria, & deuocãõ daquelle triste homem. Porque a charidade sendo taõ paciente para o mal, como diz S. Paulo, he com tudo mui impaciente para o bem. E estaua como abafado ja por dar principio a aquella obra de misericordia. Por tanto propoz a questaõ conforme a sua malicia, dizendo: *Se he licito curar em sabbado? Esta mes-*

ma questaõ lhes tinha o Senhor proposto quando quiz curar o homem que tinha secca a maõ direita. E essa mesma questaõ aduertio S. Boauentura que lhe fizeraõ a elle os Pharisios, & Letrados. Mas logo o Evangelista exprimio que fora tentandoo maliciosamente. E (como San-Tiago diz) da mesma bocca procede a maldiçãõ, & a bençãõ: & com as mesmas palavras se declaram diferentes coraçoens.

16 As dos Phariseos pretendiam calumpnia, & as de Christo nasciam de sabedoria, charidade, & ainda de respeito. Porque lhes perguntaua como a Sacerdotes, & Letrados, de que elles mesmos se jaçtauaõ, pollo respeito que sempre o Senhor por exemplo para os outros lhes mostraua. E os Letrados, & mestres do pouo obrigaçãõ tem de responder às duuidas, que acerca da consciencia se lhes propoe, & de estudar para estarem prestes a responder, segundo aquillo de Malachias: *Os beiços do Sacerdote guardarãõ sciencia, & buscaram a lei em sua boca.* Sobre o qual a Glossa diz, que perguntado da lei responde: doutra maneira em vaõ se jaçta da dignidade, o effeito da qual naõ practica. Mas agora ha muitos, que querem gozar da preeminencia, & titulo de mestres, & se lhes perguntam hũa questaõ de consciencia acerca da lei, ficaõ mudos, como estes Phariseos, de que se segue em o texto: *Mas elles callaram-se.* He que naõ quizeram responder, como outras vezes faziam, escarmentados de que a diuina prudencia de Christo apanhaua de suas bocas a sentença contra elles. Ou porque se viam descubertos no que maliciosamente intentaram, & receauam sua resposta. Onde diz Beda: *Com muita razeõ se callaram, porque se diziaõ que era licito, tinham contra si o estillo obseruado se o curaua, para o accusarem: & se diziam que naõ, tinhãõ contra si o cuidado que elles mesmos*

P p iij tinham

Tax.

Bed. Gl. iii.

Mat. 9. n. 4.

1. Cor. 13. n. 4.

Luc. 6. n. 12.

Matth. 12. n. 10.

Bon. hic.

1. Jo. 3. n. 10.

Malach. 2. n.

Gloss. ibid.

Tex.

Bed. in Cat.

tinham de seus animaes ao sabbado. Pollo que callando fingiam ignorancia para encobrirem a malicia.

17 Prudencia fora, so por encobrirem a ignorancia, callaram; por que muito tem de sabio, o que sabe callar no que não sabe. Mas estes diz S. Boaventura, que callavam; porque quando lhes faltavam as folhas das palauras, recotriam ás trevas da ignorancia, & à falta de palauras, maliciosos, não prudentes; segundo aquillo do Sabio: Ha huns que callam, porque não tem juizo: E ha outros que callam, porque sabem o tempo accomodado. E Euthymio diz, que callaram, porque a lei não o prohibia, & a charidade o persuadia. E Theophilo diz; que em esta sua pergunta zomba o Senhor delles como de locos. Porque abençoando Deos o sabbado, elles prohibiam fazer se bem nelle. E o dia, que não permite obras boas, malditte he. Para entendimento da qual questãõ he de saber que Deos nosso Senhor por Moyfes mandou guardar o dia do sabbado com estas palauras: Lembrate que santifiques o dia do sabbado, porque nelle descansou Deos de suas obras: seis dias trabalharias o setimo he sabbado de teu Deos: Não faras em elle obra algua. Seruil se entende, & de trabalho corporal, ou que embarace o empregar em Deos aquelle dia, que para si fez, dandote seis para tuas corporaes, & temporaes occupaens. Mas os Iudeos modernos entre outras vanissimas constituicoens, que introduziram sobre a lei, a que chamarã tradiçoens, & metteram esta de não curar em sabbado, estendendo a obra prohibida à cura dos enfermos. Deue se entender aquella que não depende precisamente daquelle dia, & pode fazer se em outro, como o Principe da Synagoga em outra occasiãõ dixeu à molher derreada, que em sabbado curava: seis dias ha em que conuem trabalhar; vinde nelles, & curaiuos,

& não ao sabbado.

18 E estas tradiçoens fazião elles guardar seuerissimamente, nem reparavam se se encontrassem com quem brantar a lei divina, spon guardar inteira a tradiçãõ humana. Cargo, que Christo em outro lugar lhes fez, dizendo lhes por reconuençaõ do que arguiam a seus discipulos a cerca da tradiçãõ de suas maõs lauadas. E porque vós traspassais os preceitos de Deos por amor de vossas tradiçoens? E logo lhes fez evidente demonstraçãõ da iniquidade dellas no preceito de sustentar os paes, que elles em suas tradiçoens conuertiam em proprios interesses, ficando os paes impiamente morrendo de fome. Mas quantos ha hoje que fazem guardar melhor suas constituicoens, & actos humanos; que os preceitos diuinos, & obrigatorios do estado; q̄ fazem mais caso dos costumes, que das leis: das Decretaes, que do Decalogo? E assi como entãõ os conuenceo no quarto preceito da lei contra suas tradiçoens. assi foi agora no terceiro, curando o hydroptico em sabbado. Ensinando a estes cegos obseruadores mais da impiedade do coraçãõ, que da guarda do sabbado; que não quer Deos santificaçãõ em seu templo, & maldiçãõ em seus membros: adornos em seus altares, & dezemparos em seus pobres: festas em suas solenidades, & falta de charidade dos proximos nas necessidades. Não quer que lhe façam differença entre si, & seus mēbros: entre seu amor, & do proximo. Que se em estes dous preceitos, como em duas columnas consiste toda a lei, & Prophetas: como faltando qualquer delles não cahirà logo o edificio da lei? Dizendo pois a lei: lembrate que santifiques o dia do sabbado; como o santificaras se podendo nelle fazer bem ao proximo. o não queres fazer? Não he isto santificallo, mas amaldiçoallo: não guardallo, mas esperdiçallo. Gētio era por certo aquelle Emperador Tito,

Bon hic.

Ecc. 10. n. 1.
Euthym. hic.Theoph. in
Caten.

Exod. 10. n. 8.

Luc. 13. n. 14.

Id. 22. n. 40.

Exod. 1.
Aug. 49.
Gatur.
149.

1/41. 22.

Tito, que ceando com seus amigos hū dia, que lhe auia escapado fazer bem a algum, lhes dixe sentido: Oh amigos, que perdi este dia.

19. O sacrificio no dia do sabbado nāo cessaua. Antes se todos os dias era ordenaçāo diuina que se offerecessem dous cordeiros em holocausto, polla manham hum, a tarde outro:

Nm 18. n. 9.

ao sabbado se offereciam quatro, dous polla manham, & dous a tarde. Pois porque auia de cessar o que Deos mais estima que o sacrificio, que he a obra de misericordia?

Matth 12. n. 7.

Pollo que em outra occasiāo escusandose, de que seus discipulos em hum sabbado trilharam, debulhando entre as mãos as espigas para se desjeuarem, dixe aos calumniadores:

Osai. 6. n. 6.

Se vōs soubereis o que quer dizer aquillo: Misericordia quero, nāo sacrificio; nunca condēnareis os innocentes; porque senhor he o filho do homem, & tambem do sabbado.

Exod. 23. n. 11.

Os annos na lei tambem tinham seus sabbados, como os dias na semana; & mandaua que em o settimo anno ninguem recolhesse nouidade dos campos, mas a deixasse ficar para os pobres, assi estrangeiros, como naturaes,

Aug. apud.

& ainda para os brutos. Sobre o que nota S. Agostinho, que nāo prohibia Deos que a terra se semeasse no sabbado do anno, que era o settimo daquela hebdomada, ou se cultiuasse; mas que se recolhesse; porque a verdadeira obseruancia queria que fosse a esmola, & bem fazer dos necessitados.

Gaiet. ubi.

E o sabbado significa descanso, por Isaias diz o Senhor: Este he meu descanso, acodi ao cansado. Logo o bem fazer he que Deos estima polla maior obseruancia do dia santo.

Isai. 28. n. 12.

Como pois estes crueis obseruantes do que nāo importaua, q̄ sopram, & coā escrupulosos os pequenos mosquitos, & engolem camelos inteiros (como o mesmo Senhor lhes dixe algūa hora) reparam ignorantes em que se cure hum enfermo em dia santo?

20 Por isso quando aqui lhes per-

gunta, se he licito curar em sabbado? Suppoem que o curar que he fazer bē, como ja em outra occasiāo lhestinha proposto. Porque achandose na Synagoga hum sabbado, estaua alli a-

quella da mão secca, & elles nottando o como se auia com elle, para o condēnarem por cruel, se o nāo sarasse;

ou por quebrantador da lei, se o curasse, como diz Beda. E pergūtādolhes, elles, se era licito curar em sabbado? elle sem lhes mudar a substancia da questaō, mas os termos; lha propoz assi.

Perguntouos eu, se he licito nos sabbados fazer bem, ou mal? Saluar a alma, ou fazella perder? como se dixerá: valerá mais curar eu este pobre homem podendo em sabbado, ou fazello padecer mendigando, pois nāo podia trabalhar como ja pode? Porque segundo S. Ieronimo diz, este-

leijado conforme o Evangelho, de que vsāo os Nasareos, auia sido pedreiro, & deralhe o ar na mão direita. E vendo ao Senhor alli dizem que lhe falara assim. E era hū homē pedreiro, que ganhaua de comer por minhas mãos, peçouos Iesus, que me torneis a saude, porque nāo ande vergonhosamente mendigando.

Pois que sacrificio podia ser mais agtadauel ao Ceo aquelle sabbado? onde o Venerauel Beda reparando q̄ os principais milagres em materiade sarar, fizera o Senhor em sabbado; diz que em sabbado mais vezes polla maior parte ensinaua, & obraua o Senhor, nāo só para ensinar o espirital sabbado, mas tambem polla maior celebridade de concurso em aquelle dia.

21 Em sabbado deu Christo vista ao cego denacença, mandandoo lauar os olhos na piscina de Siloe, que he hum tanque, que se faz das aguas de hūa fontē, que nace ao pé do monte de Sion, & castello de Ierusalem, junto da qual (& deue ser a mesma agua) estā a fonte, onde he tradiçāo que a Virgem Maria nossa Senhora

foi muitas vezes buscar agua para si, &

para

para

para

para

para

para

para

Matth. 22.

n. 10.

Beda. ibid.

Luc. 6. n. 9.

Hieron. apud

Landulph.

1. p. c. 72.

B. d. b. i. c.

Landulph.

c. 85.

para seu filho, & a hi lavava a roupa de ambos. E os Phariseos dezião que não podia fazer milagres em virtude de Deos hum quebrantador do sabbado. Sobre a qual ignorancia, ou maliciosa cegueira, & demasiada observancia de suas tradições contra o direito natural, & diuino diz S. Ioaõ Chrysofostomo: Antes elle he o que guardaua o sabbado, porque estaua sem peccado. Porque guardar espiritualmente o sabbado, he não ter peccado. E isto auiza Deos quando encomenda o sabbado: não fareis nelle (diz) algũa obra seruil. E que coufa seja obra seruil, da boca do Senhor o ouui. Todo o que faz peccado, seruido he do peccado. Mas estes guardauam o sabbado carnalmente, & espiritualmente o quebrantauam. Observando com tanta superstição, que conta Synesio, que indo embarcado em hum nauio de Iudeos, sobreuindo hũa tormenta, pondose o Sol ao dia do Parasceue, o Piloto Iudeo largou o leme, & nunca se pode fazer com elle que o tomasse a té se acabar o sabbado. E outras muitas cousas ridiculas refere delles Baronio, maiormente dos Dositheos, feita que com grande rigor obseruaua os taes sabbados. Deste seu imperrinente modo de guardar os sabbados escatnecendo dos Iudeos escreue Seneca. Viuem estes ao sabbado a modo de marisco na concha, & esperdiçam a settima parte da vida (hay daquelles que a esperdiçam toda) Não se mouem de hum lugar como estatuas, não acendẽ fogo, mas deixaõse morrer de frio no inuerno, não fazem de comer, mas sempre comem friambres ao sabbado. Isto choraua ja Ieremias dizendo: Viram os inimigos a Corte de Ierusalem, & escarnecerã de seus sabbados. E ainda mal porque os inimigos da fé hoje tambem zombam temerariamente de nossos Domingos, que são os dias de festa, & de guarda, que sucederam aos sabbados da synagoga. O legitimo

modo de guardar as festas he o que refere o sobredito Baronio na festa das Cabanas, que liam em seus liuros, & orauam, & alegres folgauam com hofciãna, q̄ he com ramos, & brincauã como cabritos.

22 E tanta mais observancia, & veneração se deue ao sagrado dia do Domingo, quanto mais superiores, & soberanas são as razões, & respeito q̄ os dos sabbados. Porque os respeito do sabbado são somente os da criação, por quanto ao sabbado acabou Deos a fabrica do vniuerso, & cessou de toda a obra, que fizera. Mas os respeito do santo dia do Domingo são da redempção, & glorificação, assi em figura, como em especie. Dia, que não ha de ter noite, dia eterno, & coroa dos dias. Mas a principal razão he a da Resurreição, que he solenidade das solenidades: a qual para a Igreja celebrar em eterna memoria, fez que toda a semana tiuesse hũa oitaua, & todos os Domingos fossem dias de oitaua da alegre Pascoa de Resurreição. E em ordem a este santissimo dia chamou a Igreja feias a todos os outros, segunda, terça, quarta, quinta, & sexta; porquanto o Domingo (que quer dizer dia do Senhor) deue ser a primeira, & principal feria; dia de cessar de toda a mã obra, & vituperavel acção: retendo se somente o nome do sabbado por reuerencial memoria da antiga lei, que nelle acabou. E com isto se desterrou do mundo Christaõ o titulo dos sette planetas, que intitulauam os dias do Sol, da Lua, de Marte, de Mercurio, de Iupiter, de Venus, de Saturno. E posto que algũas linguas ainda rerem seus vocabulos nos cinco dias, o que he sabbado, & Domingo todas o chamam de hũa mesma maneira.



Ioan. 9. n. 16.

Chrysofost.,
apud.
Land. 62.

Ioan. 8. n. 34.

Synes. apud
Baron.
Asparat. 6.
20.Senec. apud.
Gutierr. sup.

Thron. 1. n. 7

LIXAM. IV.

Da cura do hydropico.

23 **C**allados pois os Phariseos, & não respondendo à pergunta do Senhor, conta-se em quarto lugar como Christo os deu por convencidos, & curou com effeito o hydropico; pollo qual diz em o texto. *Mis elle p gando do enfermo, o curou, & o deixou ir.* A particula aduerfatiua (Mas elle) faz relação ao callarem elles; como se dixerá: Visto callarem elles, tomou o homem, & sarou-o. Não se lhe deu da resposta dos Letrados; porque a vontade de fazer bem consulta ao entendimento; mas não se para em rezoens friuolas, para deixar de fazer bem; se não que como fenhora magnifica prosegue o que determina. E não se lhe dá ao coração benigno do que dirão, ou tomando a mal, callarem os mal inclinados, mas acode a fazer o bem intentado. Pollo qual diz Theophilo, que não reparou Christo em escandalizar os Phariseos, mas só tratou de acudir com remedio ao necessitado. Ou também como a Letrados os deu por outorgados em callarem; porque regra he de Direito, que o que calla consente. E que o mesmo he não contradizer que consentir. Mas ainda ha no mundo muitos destes maliciosos ignorantes, que em presença callam timidos, & em ausencia ladram afoutos: porque se a ignorancia os açaima, a malicia os desfata, quando não tem ja quem os confunda. Taes são também muitos, que quando os Princeses seculares, ou os Prelados Religiosos propoem ante elles algũa cousa tocante ao bem commun de dar remedio a algũa necessidade, ou curar algũa demasia, callam, consentem em presença; & tal vez louuam, & engrandecem o arbitrio; & depois esses mesmos vão murmurar, quando não podem da obra, porque em si he boa,

da intenção, & modo de obrar, achá-dolhe mil escrupulosas subtilizas.

24 E pegou o Senhor do enfermo para sarallo, branda, & charitatiuamente, chegando para si, & dando-lhe confiança de chegar, que antes não tinha, antes pejo grande; & acrecentandolhe a fé, com que viera a procurar delle a saude. Como diz o Psalmista: chegaiuos a elle, & fereis ali-miados, & vossas faces não se vossafarão vermelhas. No qual nos dá o Senhor exemplo como os Prelados, & os Sacerdotes não de tratar os enfermos & os penitentes que a elles vem por remedio. Primeiramente não os afastando de si, nem lançandoos com confusão fóra de sua presença: antes pegando delles afagandoos & chegandoos a si. Porque assi ao filho prodigo, de mandado roto, & perdido, sahio o pae ao encontro a recebello. Depois disto não lhes ha de tirar a confiança, & envergonhar de maneira que se queira antes perder de todo, que afrontar-se. Antes se deveu acrecentar a confiança, & diminuir a vergonha, honrando em publico, & facilitandolhe o remedio. Assi ao prodigo não só sahio o pae a receber, mas o tomou em seus braços. Finalmente não lhes ha de afear a culpa tanto, que percam com a fé a esperança; antes allumiallos, & acrecentarlhes prudentemente com a esperança a fé. Assi ao prodigo não só recolheo o pae em seus braços, mas o beijou na face, & allumiou como a filho. Sobre o qual diz S. Pedro Chryfologó: Assi julga o pae, assi emenda. Com o osculo sara os peccados do filho, cobreos com o braço, para que não descobrisse pae crimes de filho; porque hum pae, a hum filho não manchasse. Assi cura hum pae chagas de hum filho; para que ao filho não fique sinal da chaga.

25 E não pegou, & tocou o Senhor ao hydropico por não poder doutra maneira, ainda ausente sarallo. Mas

711.

Theoph. in
Lu.

C. q. sac. 43
de Reg. juris.
L. an adop-
tionis de
adoptionib.

1731. n. 6.

Chrysol. ser. 3

por honrar aquella humanidade, que na pefca diuina sustentaua, fazendo instrumento de sua diuidade, para que os homens assim pollo interesse della o venerassem, & adorassem com dobrado respeito. E com esse autorisaua essa humanidade santissima, para que a reuerenciassem os homens como instrumento de todos os interesses humanos, & glorias diuinas. E assim como da espada do Gigante, que foi instrumento da liberdade, & honra do pouo de Israel, & da gloria do Ceo; fez Dauid tanta estimação que a collocou por trofeo de suas victorias no Tabernaculo diuino. Assim o Verbo Eterno fez de sua humanidade glorioso instrumento de suas maravilhas, & façanhas, pendurando por trofeo, consagrando no corpo, & sangue, que em sacramento de victorias deixou para sempre na Igreja. E tocou ao hydropico pondolhe (como parece cruél) as mãos, ou mão direita no inchado ventre, & sarandoo daquella importunatanto, como mortal enfermidade. E este era seu estilo em semelhantes miraculosas curas, hũas vezes com só a palavra, outras com applicar a mão, & outros physicos contactos de seus mēbros ou vestidos. E largou-o, ou deixou-o ir, para q̄ mais liuremēte contasse as maravilhas de Deos, para saude doutras muitas almas, segundo S. Boaventura. Semelhantemente ao que tinha vsado com aquelle que liurouo demonio, dizendo: Tornate a tua casa, & conta quanto Deoste fez. Assim tambem dixe o Anjo Raphael a Tobias, que contasse a todos as maravilhas de Deos. Ou como diz S. Antonio, deixou-o ir a lograr mais liuremente sua saude, como a Lazaro: Soltaio, & deixaio ir.

26 E ainda o deixou ir liure para mostrar o desinteresse com que o curara, o que de nenhũa maneira acontecera com os Sacerdotes, se por sua via, intercessão, ou officio, fora cura-

do. Por onde diz o Doutor Seraphico, que asi como no tocar ao hydro-^{B. n. vic.} pico proua o clementissimo Senhor sua humildade: assi em o largar mostrou sua liberalidade. E porque este fora não só o derradeiro, mas o mais gostoso prato daquelle banquete para o Senhor, curar aquelle enfermo, & remediar aquelle necessitado: quiz com elle acabar, & começar sobre elle a conuersação de sobre mesa, porque o gosto de ter feito aquelle bem fora para elle o postre della. E pegando dos dous pontos de humildade, & desinteresse dixe aos da mesa, como em satisfação tambem, & justificação da obra que auia feito. Qual jumento,^{Tex.} ou boy vos cairá em hum poço, & não o tirará logo em dia de sabbado? Como se dixerá: qual de vos ha de ser tão supersticioso de guardar o sabbado, que queira perder a sua caualgada, ou o seu boi que lhe caisse em hũa barroca donde se não pudesse per si tirar, & o perdesse por não tirallo em dia de sabbado? Por certo nenhũ, se não fosse totalmente perdido, & insensato. E o tal supersticioso, & necio guardador do sabbado, merecia que a elle lhe fizessem o que se conta que aconteceu a hum destes miseraueis sabbatistas. O qual caindo por desastre em hum lugar de muitas immundicias em dia de sabbado, não consentio que o tirassem dalli por obseruallo: & querendo tirar o dia seguinte não o consentio o Iuis porque era Domingo, querendo que se guardasse com elle o nosso Domingo, como elle quiz que se guardasse o seu sabbado. E indo para o tirar ao terceiro dia acharam ao Iudeo morto, entre as immundicias, afogado dellas, & atormentado com os fedores do lugar.

27. A este argumento chamamos logicos, per lugar de menos a mais. Porque se tendes por licito em sabbado acodir ao vosso jumento, ou vaca, porq̄ não pereça; quãto mais ao vosso r mão? Semelhante argumēto tinha feito,

I. Reg. 17. n.
54.

B. n. vic.

Luc. 8 n. 39.

Tob. 12 n. 21

Padua. sup.

Joan. 11 n. 44.

Luc.

Exod.
21.

Aug.
lib.
Eua.

Galat.

Coloss.
n. 5.

Drog.
super il.
Ret. ar.
m. tem.
G. Ma.
n. 3.

feito, quando curou em sabbado aquella pobre molher, que auia de-
 soito annos que padecia, & andaua
 toda derreada, & inclinada, que não
 se podia indireitar. Hipocritas, qual-
 quer de vós não solta o seu boi, & a sua
 caualgadura, & o leua a beber em sab-
 bado? Pois esta filha de Abrabam,
 a quem teue Satanas atada de soito
 annos, não conueyo desatalla neste
 dia de sabbado? O que diz que se estes
 animaes cairem em poço, quer dizer
 em algũa barroca, donde se não possaõ
 fahir. Ou por poço entende cister-
 nas, ou lagoas, em que por aquellas
 partes da Palestina costumaõ recolher
 aguas para o veraõ? das quaes se mã-
 da na lei; que se algum abrir cister-
 na, & a não cobrir, & cahir nella al-
 gum boi, ou caualgadura; pagará o
 dono da cisterna o preço do dono do
 animal que assi perecer. E poem o
 exemplo nestes animaes, porque os
 taes soem ser mais ordinarios no ser-
 uiço. E com propriedade ficou o Se-
 nhor cõforme S. Agostinho, compa-
 rando o hydropico ao animal que ca-
 hio em agua polla natureza da doen-
 ça: & a aquelles brutos pollas quali-
 dades dos vicios. Porque o boi he fi-
 gura do rico, & soberbo, ou ambici-
 oso: & o jumento do sensual. E nisto
 ficou o Senhor tambem reprehendê-
 do a auareza daquelles que não repa-
 rauaõ em ser sabbado, para grangea-
 rem sua fazenda, & temporal interes-
 se; porque a auareza de sentença de
 S. Paulo, he seruidaõ da idolatria. Isto
 he que não repara em idolatrar, &
 quebrantar qualquer lei diuina, o que
 serue a sua cobiça, & temporal inte-
 resse. E como tal estima mais a fa-
 zenda, que a Religião; & os animaes,
 que os proximos. Mas que muito se
 estima mais o dinheiro, que a si? Que
 por isso diz Drogo Hostiense que lu-
 das fez guardar o dinheiro no templo,
 & a si poz em hũa torca: do que
 mais largamente se dirá a baixo.

28 Tambem se podiam estes Letra-

dos por outra via conuencer: Se não
 he licito liurar a hum homem vosso
 proximo, & ainda natural, & patri-
 cio em sabbado: porque liurais o vos-
 so animal bruto? Mas a resposta por
 parte dos Phariseos está na mão: Por-
 que he nosso; E como he nosso por
 mais bruto que seja, o liuramos como
 nosso, & defendemos, & saluamos
 como nosso: & estoutro se he homem,
 não he nosso. Pereaça embora esse,
 & acudase ao nosso. Oh palaura pha-
 risaica, oh aphorismo diabolico, oh
 soluçãõ infernal, que no mundo intro-
 dusio o fogo do Inferno, com que
 chamando a si todo o calor do cora-
 çãõ humano, expirou de todo a chari-
 dade. Por tanto lhe chamou palaura
 fria, (que he procedida da frieza da
 charidade) a aquillo de meu, & teu
 S. Ioaõ Chrysofomo, quando assen-
 tou por prerogatiua, & excellencia
 grande da Cidade Celestial, & Cida-
 dãos da patria, o carecerem de tal
 practica. Onde (diz) não ha meu,
 & teu, aquella fria palaura. Confor-
 me a este pharisaico dogma, sentẽ mais
 os homẽs a perda de hũ boi, de hũ ca-
 ualgadura, & de hũ caõ, que a de hum
 proximo. E cõ mais cuidado acodem
 ao remedio, & regalo dos caës de ca-
 ça, & dos ginetes, que a dos mise-
 raueis pobres, & melquinhas viuvas,
 & os desemparedos orfaõs. E misti-
 camente fallando, entãõ cae o animal
 em barranco, ou poço, quando o Re-
 ligioso descuidado de seu estado, cae
 em occasiãõ algũa de transgressãõ de
 sua regra, ou por malicia, & de propo-
 sito, como boi: ou per ignorancia, &
 engano doutros, como o jumento. Ao
 qual não ha de esperar o Prelado que
 mais se enlode, & pereaça; mas logo
 em esse mesmo dia o ha de tirar do
 perigo, em que vir que tem cahido.
 E o que o cõtrario faz por guardar o
 sabbado, por conseruar sua quieraçãõ,
 & repouso (q̃ isto quer dizer sabbado)
 Scriba he, & Phariseo, não verdadeiro
 pastor, que deue deixar o repouso, & a

Qq ij todo

Lut. 11. 13.

Exod. 21. 27.

Aug. in Cat.
lib. 1. 1. 1.

Eua g. 1. 29

Galal. 1. 20

Colloffen. 3.

Drog. Host.
super illud.
Ret. argent.
in templum
& Matth. 27

Chrysof. serm.
de S. philob.

Greg. hom.
17. in Lm. 10

todo custo sarar a infirmitade, & a-
chaque do subdito. Aos quaes amoe-
sta S. Gregorio dizendo: Vos outros,
os que sois pastores, lembrai uos que
apacentaes os animaes de Deos.

29 Etão conuencidos, & corridos,
ficaram os Phariseos, que nenhũa
coisa se atreueram a responder. Por-
que q̄ auia de respõder a tão conclu-
dente argumento? Mas que hão de
responder os que hoje não tem aos
dias de guarda mais que para tempo
de maior regalo, comer mais esplên-
dido, & folgar mais à larga. E não
lhes parece que he dia santo, se as
iguarias se não acrecentam. Sobre o
qual diz Landulpho: Achareis que
o pouo hũa só vez no anno faz entru-
do; mas ha alguns Ecclesiasticos que
cada dia. Costume era dos Iudeos,
que ignorauam o verdadeiro sabbado,
regalar-se mais esse dia. Aos quaes
hoje imitam bastantemente alguns,
que nos dias de festa mais largamen-
te comem: nem tem por dia de festa,
se não o metterem-se mais no comer,
& beber. O de cima he do Carthu-
siano. Em o qual não entende re-
prouar o costume santo, que a chari-
dade tem introduzido, & ainda em
as Religioens mais reformadas, de se
acrecentar no dia de festa a porção,
& refeição corporal; suppõdo (como
he razão) que os corpos estaraõ, ou
mais debilitados das vigalias, a exem-
plo de Iesus Christo nosso Mestre,
que depois de jejuar tomou das mãos
angelicas corporal refeição: ou mais
cançados da assistencia, & seruiço da
maior solênidade. Mas condêna as
demasias daquelles, que so tomam o
dia de festa por occasião de maior re-
galo, & superfluidade no comer. E
as obras dos taes dias de festa ensina
assi S. Ioaõ Chrysofostomo: o sabbado
não foi feito por amor do ocio, para
que totalmente no sabbado não tra-
balhem: mas para que repousados
meditem em ser seu Deos o Creador,
& para que pollo descanso se lembriê

Land. 1. p. 6.
68.

Chrysof.
apud.
Laud. c. 7. r.

das obras de Deos; porque quando
se faça por razão daquella folga, se
mostre Deos pör obrador de todas as
couzas. Porque dando elle mesmo a
lei do sabbado: Nada fareis (diz)
fóra aquillo que for da alma. Porque
isto he o ser festa, se se trattarem as
couzas do espirito, & se apartarem as
da terra, & descansarmos com espiri-
tual folga.

LIÇAM V.

Da practica sobre a mesa

30 **F**Eito o milagre, & dada sa-
tisfação delle se refere em
quinto lugar, a practica, que sobre
mesa o Senhor teue; polia qual se se-
gue em o texto. *E de xta aos conuida-
dos hũa parabola, vendo como escolhiã
os primeiros lugares nas mesas.* Esta
refeição moral lhes deu o Senhor co-
mo pagando o gasto, & agasalhado
com a doutrina. Ou por diuertir, &
dar por acabada a practica da cura do
hydropico. E por dar documento a
seus ministros, que sempre em seus
fermoens, & espirituas refeições
trabalhem por introduzir moralida-
des, & doutrina, conforme ao tempo,
& ouuintes. E porque via que o tem-
po era do dia sabbado, em que se co-
stumauam conuidar huns aos outros
para as ceas, & que os circunstantes era
gente notada de ambiciosa, & arro-
gante, & que leuados da vaidade an-
dauam sempre a procurar os primei-
ros, & mais principaes lugares nos ban-
quetes, & actos publicos; lhes pro-
poz parabola, & moral semelhança
acerca disto. Dizendo: *Quando fores
conuidados às vodas, não te sentes no
primeiro lugar.* Parabola chama a
isto, assi porque debaixo do nome de
conuidados, & de vodas queria signifi-
car outros taes sogeitos, & outros taes
actos publicos: como tãbem por q̄ foi
esta practica como introducção para
a parabola, que logo seguio, de que se
trattará em o capitulo vinte hũ, a qual
he

Maldon. bic.

he do que fez a grande cea, para que chamou a muitos : a qual he propria, & formal parabola. Ou finalmente (como outros dizem) porque por ventura dixe aqui algũa parabola, que se não conta, mais que a doutrina della, o que não parece tão prouauel. E diz que via como elles, (os Phariſeos) pretendiam sempre os primeiros lugares, conforme ao que o mesmo Senhor dixe delles em outra parte : Amam os primeiros assentos nas ceas, & as primeiras cadeiras nas Synagogas. & saudaçoens nas praças, & serem chamados Mestres.

Matth. 23. n. 6.

Hieron. ibid.

Raban. in Cat.

Chrysof. Cat.

31 Sobre o qual diz S. Ieronimo : Coitados do nos outros, aos quaes tem passados os vicios dos Phariſeos. E Rabano diz : Não tolhe o Senhor sentaremse nos primeiros lugares, a quem por ordem do officio compete; mas a aquelles que indiuidamente, sem os ter os procuram. E Chrystomo diz : Não reprovã aquelles que se sentam no primeiro lugar; mas a aquelles que o pretendem: sem causa se humilha aquelle, q̄ em seu coração se levanta. Tal ambicioso ha, que ouuindo dizer que o sentarse no ultimo lugar he cousa louuauel; se assenta depois de todos. E não somente não tira do coração a jaſtancia; mas ainda acquitem de nouo à jaſtancia na humildade. Sobre o qual diz tambem Landulpho: Muitos ha ainda Religiosos, que fingem não appetecer dignidade; mas quando lhas offercem, com as mãos, & com os pés se vão a ellas. E muitos que postos nos lugares fingem querer não os hauer tido, & com tudo per si, & por seus medianeiros procuram sollicitamente occasioens de permanecerem nos officios. E he de nottar, que por nome de vodas, ou de ceas se entendem todos os lugares, & actos publicos, onde andam sempre à caça destas honras. Os quaes são tres, segundo o mesmo Carthusiano. Porque os homens, ou se ajuntam a tratar nego-

Land. 1. p. c. 61.

Idem. 2. p. c. 37.

cios carnaes, quaes são os da gula, como nas ceas, ou os espirituaes, como na Synagoga: ou os temporaes, como na praça. E tudo isto entende por nome de vodas neste lugar.

32 Seguele em o texto, como dando razão porque se hauia de escolher sempre o ultimo lugar na casa a-lhea, que isto quer dizer: *Quando fores conuidado às vodas, não te assentes no primeiro lugar, porque a caso não seja conuidado outro mais honrado que ti. E vindo o que te chamou a ti, & mais a elle, te diga a ti: Dã lugar a este, & comeces então com vergonha a tero derradeiro lugar.* Em o que se vê que o que sem ser legitimamente posto no primeiro lugar o toma, de tres vicios he notado. O primeiro de arrogancia, pois lhe parece que elle he o mais honrado da mesa. O segundo de gula; porque nos grandes concursos sempre os do primeiro lugar da mesa comem a melhor ração, & mais perfeita, & o olho da panella (como dizem) O terceiro de descortezia; porque sem comprimento se assenta. No qual se vê claro quanto politica, & conforme à urbanidade, & boa criação he a doutrina Christã. E que não tolhe, nem encontra a cortezia politica; antes a ordena, & a informa. Porque as cousas que são de Deos (diz S. Paulo) ordenadas são. Isto he feitas com muito concerto, & policia, & quada hũa posta em seu lugar; não como no reino da confusão, onde nenhũa ordem ha, mas perpetuo horror, & desconcerto. O dar a cada hum o seu lugar, he instrucção apostolica, como vsar cada hum de comprimento, & cortezia, no sentar, trattando de ganhar por mão na humildade, que he o fundamento da cortezia, & o esmalte da policia, & principio de toda a moral philosophia, sem o qual tudo seria discordia, & confusão. Porque (como diz S. Ioaõ Chrystomo) Nenhũa cousa ha de que Deos tão amigo seja como

Text.

Rom. 13. n. 2.

Iob. 10. n. 22.

Rom. 12. n. 10.

Chrysof. apud.

Landulp.

ubi. sup. c. 80.

de se querer o derradeiro lugar; porque isto he o principio de toda a Philosophia. Não he por certo rustica, nem mal criada a princesa das virtudes, antes cortez, & asseada. Sobre o qual diz S. Ambrosio: Não he de louvar a humildade grosseira; mas a que tenha moderação, & saber. Quer dizer moderação, & discrição, para não dar em extremos, que a estremoza he viciosa. Donde diz S. Jeronimo: Não queiras parecer demasiadamente Religioso, nem mais humilde do necessario; porque te não aconteça que fugindo à honra a busques.

33 Em consequencia disto mesmo, diz o Senhor, que virá com vergonha a ter o ultimo lugar; porque ainda para com o mundo nos termos da policia d'elle, he afrontosa cousa a arrogancia, & soberba, como a necia, delcortes, & grosseira. Porque de sentença de Aristoteles, mais afrontoso he ainda o ser soberbo, que ser mentiroso. Sendo que tão mentiroso he o que mente nas palauras, como o que mente na presunção, pois cuida o que não he, como o mentiroso diz o que não ha: em o hypocrisia (que he o terceiro genero de mentiroso) faz o que não entende. E assi como o arrogante fica afrontado, assi fica honrado o humilde; Pollo que se segue em o texto. *Mas quando fores chamado ás vodas vai, (porque o ir he cortezia, & doutrina de Christo que chamado foi) & sentate no derradeiro lugar (visto que o não tens proprio na casa alhea) para que quando vier o que te convidou, te diga: Amigo sobe cá para cima. Então teras gloria diante de todos os que ahí estão sentados. Porque todo aquelle que se levanta será humilhado, & o que se humilha será levantado; não a quem a fortuna humilhou, se não o que se humilhar a si voluntariamente: nem o que a Igreja levantar, ou o sangue; mas o que se levantar temerariamente, será humilhado. Nem desta sentença de Chri-*

sto se verifica neste mundo, mas no outro: Se bem he verdade que ainda neste se vem maravilhosos exemplos de seus efeitos. Antes (segundo S. Cyrillo, & Theophilo) vemos que neste mundo quem se humilha, & abate, nunca d'elle he honrado: & os que procuram honras, & lugares, nelles ficam, poi mais alheios que sejam de seus merecimentos, & estejam no derradeiro lugar aquelles, a quem a justiça grita, & diz: Amigo sobe cá para cima. Mas a violencia, & negociação lhe occupa o lugar, & faz ficar em baixo a esses mesmos humildes, & cortezes.

34 Mas quantos vendo o termo, que o mundo tem em honrar a quem faz pollas cousas, & deixar pollos cantos os que não as procuram; dizem comfigo mesmos o que aquelles temerarios, & desaconselhados soldados, & Sacerdotes do tempo dos Machabeos: hora trattemos nós tambem de grangear honra. E por sua temeridade, & pouco conselho foram afirotosamete desbaratados, & mortos. Acerca do qual conta o Catthusiano, que como hum certo, que por agencia sua estava em hum lugar alto, ouviu ler na Igreja estas palauras do Evangelho: Todo o que se levanta será humilhado, & o que se humilha será levantado: se poz a zombar disto. E tinha para si que o contrario era verdadeiro, & cada hum era o que procurava ser, se sabia pretendello, & tinha ventura para alcançallo. E dizia: Se me eu deixara estar humilhado, mal estiuera agora neste lugar, que tenho tão alto. E dizêdo isto foi alli mesmo afogado pollo demonio. Então era fantissimo, & felicissimo tempo da Igreja, quando os bons se punham nos lugares tão vltimos que era necessario hum sinal de húa colúna de fogo para dar com elles, como aconteceu a S. Gregorio quando o elegeram em Papa, & outros grandes varoens. Não agora que elles mesmos

Amb. de O-
ffie.

Heiron. apud
Eborac.

Arist. Et hic.
4.

Text.

Cyrrill. &
Theoph. apud
Landulph.

1. Machab.

Landulph.

Matth.
Marc.
Luc. 2.

mos se andam não só inculcando para as dignidades; mas ainda tomandoas, & asentandose nos primeiros lugares por suas negociaçoens, & valias. Dõde diz S. Bernardo: Ouvi as queixas do Senhor, que fez sobre esta temeridade: Reinaram elles, mas não por mi; foram Princepes, mas não os chamei eu.

35 Daqui veyo que perguntando hũa vez S. Luis Rey de França a hum varaõ santo: porque os Bispos agora não eram assi santos como antigamente; respondeo allumiado por Deos: Porque entãõ se elegiam os Bispos por inuocaçaõ, & inspiraçaõ do Espirito Santo; & agora pollas petiçoens, & negociaçoens. O qual ouuido o Rey dixe, que dalli por diante não pediria mais por ninguem. Oh que seguro estado he o da humildade, pois està liure de cahir o que não subio, & de ser humilhado o que nunca fez por se por em alto. Se carecia de partes, & talento para gouernar; com a humildade se preferuou do mal q̄ podia succederlhe: E se muito era para isso, pou-pou grande trabalho, & se assegurou dos riscos, que correm os que em alto andam. Se verdadeiramente he humilde, pouco sente de si: & pouco sente o estar no vltimo lugar: & nunca esta sentença de Christo he taõ escassa, que ainda neste mundo não grangee a honra, que de si mesmo consigo tras a

virtude, daqual he infallivel premio a honra, como diz Aristoteles.

Arist in. Eth

Peroraçaõ & hortatoriã.

36 **C**onsidera pois tu, ó alma deuota, a pobreza de teu Senhor Iesus Christo, q̄ por esmola aceitaua o pedaço de paõ, que o Phariséo lhe offerencia: & com os semelhantes conuersaua, por pagarlhes espiritualmente a corporal refeição. Olha como suas entranhas se abalam de ver nossa necessidade, & como se não pode ter que não faça bem, em qualquer tempo, & qualquer infirmitade. Presentate tu tambem arrependido de tua espiritual doença ante os olhos de sua piedade, para que sejas saõ da espiritual hydropesia, de que tantos achaques contra a virtude te tem procedido. Gargea com tua penitencia sua medicinal maõ, que te toque, & te sare, & te largue para procederes em seu seruiço. Attenta bem quanta obrigaçaõ te fica de honrar agradecido a Deos, seus santos dias, & suas santas obras. Rogalhe muito que attentando tua humildade, que com todo o coração deues procurar, que sejas de seus conuidados para as eternas, & celestiaes vodas, que para seus escolhidos tem ordenado: & fazendo quanto puderes por humilhar-te aqui sejas por elle sublimado na gloria. Amen.

REFEICAM SPIRITVAL.

CAPITULO DECIMONONO.

Do mayor mandamento da lei, & do segundo seu semelhante.



Staua o Senhor Iesus Christo no Templo ensinando publicamente na terça feira da semana de sua paixãõ, quando os Iudeos o molestaram com tres importunas

questoens, & taõ maliciosas, comõ importunas. A primeira foi a dos discipulos dos Phariséos com os Herodianos acerca do tributo de Cesar. A segunda dos Saduceos acerca do ar-tigo

Ex. 20. 12.

Luc. 11. 20.

Matth. 22.
Mar. 11.
Luc. 20.

tigo da Resurreiçãõ, que elles negauam, & cuidauam que tinham repro-uado, com o caso da molher, que tiuera sette maridos.

LIGAM. I.

Da proposta da questãõ.

1 A Terceira foi a presente do mandamento mayor da lei, a qual foi a derradeira que em sua vida se fez ao Redemptor; & a refere S. Matheus em o capitulo vinte & dous, apontando em primeiro lugar a proposta della; pelo qual se diz em o texto. *Chegarãmsse os Phariseos, & perguntoulhe hum delles Doutor da lei tentandoo: Mestre, qual he o grande mandamento da lei.* Esta pergunta fez aquelle Rabbino tomãdo a mão pollos de sua feita dos Phariseos, vendo confundidos aos Saduceos, de feita contraria, segundo antes se diz em o mesmo texto. ouindo os Phariseos (por relaçaõ dos seus discipulos) que tinha posto silencio aos Saduceos, ajuntãram se para vir a tentar ao Senhor. Naõ se a juntaram em algum concilio, mas conuidados hũs aos outros, se acharam alli muitos juntos, como querendo lizongear a Christo, de ter feito callar aos Saduceos com a impertinencia do artigo, que negauam. E por isso diz o texto de S. Marcos, que o que se chegou a elle a fazer a pergunta, foi hum scriba, que tinha assistido à questãõ. E assi queria a malicia destes derribar dous de hũa pancada; a saber a feita dos Saduceos approuando a doutrina de Christo; tentandoo com a noua questãõ, que lhe punham. Donde se vé que os Scribas naõ faziam algũa feita diferente, mas eram os Doutores, Mestres, ou Rabbinos da lei, & os que tinham por suas letras officio de interpretar as Escrituras.

2 Hum Letrado pois, ou Scriba da feita dos Phariseos propoz por todos

os que de sua feita ajuntãra, aguçaudo a maliciosa lingua para fallar por muito mãs bocas, que presentes estauam. Sobre o qual diz S. Chrystomo: Iuntãramse os Phariseos todos para vencer com a multidaõ aquelle a quem naõ podiam vencer cõ razaõ: de plano se confessãram despidos da verdade, os que com a multidaõ se armãram. Diziam entre si: falle hum por todos, & fallemos por hum só: porque se vencermos, todos pareçamos que vencemos, & se for conuencido, elle lã pareça o confundido. E S. Ieronimo diz: Auendo sido estes Phariseos confutados na questãõ da moeda, & auendo visto desbaratada a facçaõ cõtraria, ouuerãmse de mouer para que mais naõ trattãsem de maquinar filadas; mas a mã vontade, & enueja cria o defenuergonhamento. Assi sente S. Ieronimo que foi desaforo do odio o que podera chamar se tambem cegueira da paixãõ, pois he paruo aquelle que podendo escarmentar em cabeça alheya, se artifica a escarmentar na propria: como aconteceu a estes no fim do Euangelho, onde se diz que vista a resposta do Salvador, nenhum dalli por diante ousou a perguntarlhe mais algũa cousa com semelhante malicia. Por tanto naõ de balde apontou o Euangelista primeiro que tinham visto como puzera silencio aos Saduceos. Que foi o mesmo, conforme Origenes, que tapar a verdade a boca à mentira. Porque o prudente calla a seu tempo, como a seu tempo falla; mas o mentiroso apanhado, naõ se calla tanto como emmudece.

3 Olha pois como andam todos os emulos de teu Senhor acelos, & diligentes, & ainda conformes os que fóra dalli eraõ em feitas taõ distinctos, & em bandos taõ contrarios. Parece que se ensayaua o Senhor para este genero de tormento, que sem duuida he cruel, de ver conformes em seu dãno, aos que eram entre si inimigos, para quando

Chryst. C. ten.

Hieron. ibid.

Orig. ibid.

Tex.

Marc. 12. 28.

do dalli a tres dias visse a té a Pila-
to, & a Herodes feitos amigos con-
forme se auia delle profetizado em o
Psalmo: conuieram entre si os Prin-
cepes contra o Senhor, & seu Christo.
E chegando se com lizongeira, & fal-
sa submissão o Letrado dixe: Mestre,
qual he o mandamento grande da lei?
Quiz dizer, o mandamento principal,
& mais graue de todos os que tem a
lei escrita. S. Marcos refere: Qual
he o primeiro mandamento? não em
ordem, porque nesta claro era, & fô-
ra de questaõ; assi o da primeira co-
mo o da segunda taboa da lei. Mas
quiz dizer, o primeiro em dignidade,
& o mayor de todos, & por excellen-
cia grande; & moueo maliciosamẽ-
te o Rabbino esta questaõ, porque se-
gũdo S. Ieronimo, auia entre os Letra-
dos daquelle tẽpo altercaçaõ grãde, se
era mais graue o preceito de amar a
Deos por obras de charidade, (co-
mo parece entender o Exodo, &
Deuteronomio) se por obras de cul-
to diuino em sacrificios, & oblaçoens,
como se dispoem no Leuitico. Mestre
chama a aquelle, de quem não queria
fer discipulo; antes este com os ou-
tros de sua facçaõ costumauam a lan-
çar por maldiçaõ aos que se punham
da parte de Iesus Christo: Discipulo
seu sejas tu. Mas daualhe o titulo de
Mestre para o encher do vento da so-
berba, com que viesse confiadamen-
te a alargar se em palauras sobre o en-
tendimento da lei, em que o apa-
nhassem.

4 E por isso mesmo lhe perguntã
ponto tão substancial da lei, como
querendo lisongeallo de grande Le-
trado, & famoso na opiniaõ dos
mesmos Doutores, & Mestres, & que
como a oraculo de letras o vinham a
consultar sobre aquella celeberrima
duuida. Porem o intento destas ra-
posas era fazello espraiaer na exposi-
çaõ da lei. E como o tinham por ho-
mem de particular capricho, & que
se queria singularisar entre os outros

todos, faziam conta que algũa cousa
auia de acrecentar, ou diminuir na lei
de Moyses, como aquelle que preten-
dia emendalla, ou de todo mudalla,
(como elles cuidauam) para por isso
mesmo o acusarem, & malquistarem
com o pouo, que de ordinario he tenaz
em aquillo com que o criam. Não
errauam estes, medindo erradamẽ-
te a Christo com a regra, com que
S. Paulo mede aos Letrados do mũ-
do, que a sciencia incha. E assi como
incha vem muitas vezes a fazer re-
bentar de muitas letras, de maneira
que atroam o mundo com o estoiro
de suas deprauadas opinioens, & per-
uersos dogmas, com que por seu ca-
pricho, & singularidades vem a de-
struir a Egreja. Destes he que Deos
se queixa por Ezechiel: Hay dos pro-
fetas ignorantes (sabios presumido)
que seguem a seu espirito (não o das
Escrituras, nem o dos Santos, & anti-
gos Padres) & nada vem. Porque
são cegos de ambiçaõ, & de van gl'o-
ria. Cegos são, & guias de cegos
(dizo o Senhor) & se hum cego guia a
outro, certo he que haõ de cair am-
bos no barranco.

5 Todas as heregias começaram na
Egreja em particulares caprichos, em
que veyo a dar a arrogancia de sabios,
que quizeram tresler presumindo
acrecentar, ou diminuir a lei Diuina;
seguir a seu espirito na interpretaçaõ
das Escritturas, adulterandoas por sua
 vaidade, & interesse. Dos quaes diz
o Apostolo, que apartando se da inten-
çaõ direita, & verdadeira, deram em
vãs palauras; querendo ser Doutores
da lei, não entendendo nem o que fal-
lam, nem o que affirmam. Primeiro
começaram em singularidades, pro-
seguiram em porfias, & acabaram em
heregias. Pollo qual aduerte o mesmo
S. Paulo, & grita: Não queiras saber
mui alto, antes teme. E não se ha de
saber mais do que importa, mas tem-
peradamente. Parece que toma a se-
melhança do beber do vinho, que se

R r bebe

Ps. 2. n. 2.

Tex.

Marc. ubi.
sup.

Hieron. sup.

Jan. 9. n. 28.

1. Cor. 8. n. 7

Ezech. 13. n. 3

1. Tim. 1. n. 7

Rom. 11. n. 20

bebe fora da regra da temperança, dà em falar demasiado, & logo em fereza, & finalmente em borracharia. Acerca do qual diz S. Ambrosio, que a sabedoria ha de ser como o vinho, que moderado conforta, & alegre, & demaziado faz mal. Essa foi a razão porque o Esposo comparou a garganta de sua Esposa a vinho suauissimo, não qualquer, mas digno de brindes. A garganta da Igreja são seus Mestres, & Pregadores, que com a voz da pregação ensinam aos fieis, & explicação em o espirito dos Santos Padres, as diuinas letras. Achaste mel (diz o Espirito Santo) não te mettas demasiadamente nelle, porque virás a vomitar tudo. Ionatas si, que achou o mel, & não fez mais que tocallo, & logo se lhe allumiaram os olhos. Pollo mel entende o melifluo Bernardo a sabedoria, que de si mesma affirma ella: Minha herança he mais doce que o mel. Como o liuro de Ezechiel lhe foi tão doce como mel, porque era o da prudencia. E como diz Salamaõ: Ditofo o que acha a sabedoria, & sabe governalla com prudencia. Os primeiros paes a acharam, mas vendo ser suaue a fruta se metteram tanto nella, que vieram a querer tresler, & acrescentar na lei diuina, dizendo Eua, que Deos mandara que não tocassem na aruore vedada. E logo diminuhio dizendo com clausula de duuida: Porque por ventura não morramos, affirmando Deos por certo que auiam de morrer, se comessem, & não com duuida.

6 Por isso diz San-Tiago em sua Catholica: Não he esta a sabedoria, que vem de cima, se não terrena, animal, & diabolica. Porque onde ha mau animo, & teima, ahi está a inconstancia, & toda à ma obra. Mas a sabedoria, que he de cima, primeiramente he honesta, depois disso pacifica, modesta, facil de persuadir, amiga de se chegar aos bons, cheya de misericordia, & de bons fruitos. So-

bre o qual diz S. Bernardo: Ouçam juntamente os que andam contaminados da lepra da vontade propria, & do proprio parecer, o que o Espirito Santo diz às Igrejas em húa breue sentença: A sabedoria, q̄ he de cima, he honesta contra a impureza da vontade propria, & he pacifica contra a obstinada rebelliação do proprio parecer. O ditto he de S. Bernardo. Por este fim logo, tentava este Phariseo a Christo, como a puro homem, & do numero dos sabios deste mundo. Perguntava tentando, & hontauo com o titulo de Mestre, sem lhe passar da garganta para baixo a reuerencia, & obsequio, que fazia: como acontece a muitos ainda Religiosos, que com titulos vãos honram a aquelles, de quem não querem imitar a vida. Dõde diz Origenes: Não em quãto discipulo de Christo, lhe chama Mestre: & todo o que não aprende algũa cousa da palavra, nem se lhe entrega de todo o animo, & com isto lhe chama Mestre, irmão he deste Phariseo. E S. Ioaõ Chrysosto diz: Pergunta do mayor mandamento, o que nem o mais pequeno guardaua: & da mayor Iustica, so pode perguntar quem a menor ja tem comprida,

LIGAM II.

Da resposta da questão.

7 Proposta a questão do Rabino, se refere em segundo lugar a resposta do Senhor, pollo qual se segue em o texto. *Amarás ao Senhor Deos teu de todo o teu coração, & de toda tua alma, & de todo teu sizo. Este he o mayor, & primeiro mandamento. E o segundo he semelhante a este: Amarás a teu proximo, como a ti mesmo. Nestes dous mandamentos consiste toda a lei, & Prophetas.* Differente resposta foi esta que o Senhor Iesus Christo deu a este Letrado, que a que deu à precedente questão do tributo de Cesar. E não dixe: Para que me tentas,

Amb.in Ep.
ad Rom.

Cant 8.n.9.

Prouerb. 25.n.

16.

1. Reg. 14.n.

27.

Ber. ser. Beatus homo.

Eecl. 4.n.27

Ezech. 3.n.3.

Prouerb. 3.n.

23.

Gen. 3.n.3.

Lyr. ibid.

Iacob. 3.n.15

Bern. ser 4.
Pasch.Orig. in Ca-
ten.
Tract. 2. in
Math.Chrysost. ibid
hom. 42. imp.

Tan.

Prou
n.1.Euth
Theop
C
hom.
Mar.B. d. C.
Marc.

Ioaõ. 8.

Marc.

Aug. li
Confer

tas, hypocrita? Como là tinha ditto aos discipulos destes: Para que mentaes, hypocritas? Antes formalmente respondeo à pergunta. Do qual pode ser a primeira razão, porque nem sempre se ha de responder às perguntas asperamente, mas releuar, & dissimular de quando em quando. Porque assi como està escripto: A resposta branda quebranta a ira; assi tambem abranda a dureza do coração. E deste Phariseo o crem Euthimio, & Theophilato com S. Ioaõ Chrylostomo, que com a resposta raõ sabia como branda de Christo se conuenço, & compungio, segundo o que no texto de S. Marcos se diz, que elle respondeo: Bem fallastes, Mestre na verdade; porque hum só he Deos, & não ha outro fóra d'elle. E o amallo de todo o coração, de todo o entendimento, de toda a alma, & de toda a fortaleza; & amar ao proximo como a si mesmo, mayor que todos os holocaustos, & sacrificios. E vendo Iesus que respondera sabiamente, lhe dize: Não estás longe do Reino de Deos.

8 Porque segundo o Veneravel Beda, ja não estaua longe do Reino de Deos aquelle, que cahia na perfeição do Evangelho, & a quem ja parecia bem as cousas celestiaes. Porque grande sinal he de vir a ser bom, o ter affeição ao bem; & a quem parecerem bem as palauras bóas. Porque o que de Deos he, ouue as palauras de Deos de boa vontade. E se este Scriba não tiuera ja algum sinal de bom, não lhe dixerá Christo, que não estaua longe do Reino de Deos: Mas dixerá lhe (como pouco antes auia ditto aos Sadduceos) que hia muito errado. A segunda razão porque taõ brando lhe respodeo, conforme a S. Agostinho, he que por ventura este Letrado não fez a pergunta com tam mau animo, como os outros tinham feito as duas primeiras. Por quanto a palaura, tentar, nem sempre se toma

nas Escriaturas em iuim parte; antes tem dous fendidos. Hum he tentar para prouar, ou examinar, em o qual sentido se diz que Daniel rogou ao Eunucho seu padagogo, que os tentasse dez dias dandolhes a comer somente legumes, para vér se appareciam seus rostros menos fermosos, que os dos outros moços, que comessem dos regalados manjares da mesa do Rei. E a Rainha de Sabba se escreue que veyo a tentar (que he a examinar) a Salamaõ em enigmas. E até o mesmo Deos se diz neste sentido que tenta, como a Abraham, & a outros seus seruos. O outro modo de tentar he enganar, & fazer mal; do qual modo diz San-Tiago, q̄ Deos não tenta a algué. Antes he officio do diabo o tentar, & dos inimigos espirituaes, & seus maos ministros. Dõde he aquillo de Ricardo: Deos tẽra para ensinar, o diabo para enganar; o mundo para engodar, o homẽ para saber, & a carne para sujar.

9 A terceira razão pode ser, porque tambem eraõ diferentes as materias das questoes. Para ensinar o Senhor aos seus, que em cousas seculares, & impertinentes ao estado da perfeição; não queiramos metternos, qual era a do tributo de Cesar. Porém em as que podem ser de edificação, & proueito dos proximos, nos empreguemos sempre, sem se nos dar do intento, com que nos daõ occasião para ellas: qual era a explicação da lei diuina, & doutrina do amor de Deos, & do proximo, que aqui se propunha. Por respeito do primeiro, se escusou Christo de ser Iuiz na causa da herança, que o outro lhe trazia contra seu irmão, de quem pretendia auer partilhas. Dizendo o Senhor: Homem, quem me fez a mi Iuiz, & partidore entre vós outros? E S. Paulo amoesta a Thimotheo, que auize a seus subditos, que se não occupem em fabulas, nem em geneologias, que são nunca acabar, & vem a ser cousas que seruem mais de questão, que de edificação.

R r ij cação.

Proverb. 11. n. 1.

Euthim. Theoph. hic & Chryost. hom. 72. hic. Mar. 12. n. 34

Beda Cat. Marc.

Ioaõ. 8. n. 47.

Marc. 12. n. 17

Aug. lib. 2. de Confess. c. 73

Dan. 1. n. 12.

3. Reg. 10. n. 1.

Gen. 22. n. 1.

Iacob. 1. n. 3.

Rich. in Ps. 9

P. 2.

Luc. 12. n. 14.

1 Tim. 1. n. 4.

Tit. 2.º 9.

cação. E a Tito, que se guarde de questões paruoas, & gerações, & porfias, & altercações sobre a lei; porque são inuteis, & vãs. Em o qual são muito de reprehender muitos Religiosos, que se poem a desperdiçar o tempo (de que Deos tão miudamente lhes ha de pedir conta) em levantar questões impertinentes nas sciencias, que professam; metterse no governo, & discutir materias politicas; dar, & ouvir nouas das Cortes, & guerras do mundo; averiguar gerações, & nobrezas; & porfiar descompostamente, sobre o que não he materia da oração, & aproueitamento espiritual, & conuersação religiosa, ou pollo menos scolastica, conferencia speculatiua, moral, ou positiua, para aproueitamento seu, & dos proximos.

10 Por isto o Senhor na questão do tributo de Cesar se não quiz metter, & asperamente lançou aos que com ella lhe vinham; & na dos mandamentos da lei respondeo mui a proposito, & muito em forma. Porque como seja para louuor de Deos, & seruiço da Igreja, de toda a occasião se ha de lançar mão. Como S. Paulo *Philip. 1.º 1.* prezo escreue, dizendo aos Philipenses: Alguns prégam a Christo, assi por enueja, como por teima; outros por bóa vontade; outros por charidade, sabendo que padeço por defença do Euangelho; & outros por afinte prégam a Christo, não sinceramente, cuidando que acrescentam por isso algum aperto a minha prizaõ. Mas que importa? com tanto que se pregue Christo, ou por occasião, ou por verdade: folgo muito, & folgarei sempre. Por isso não repara o Senhor Iesus Christo em se por a responder em forma ao Phariseo Scriba da lei; mas muito em forma repete della: Amarás a teu Senhor Deos sobre todas as cousas, & ao proximo como a ti mesmo. A primeira parte que he do amor de Deos se to-

ma do Deuteronomio onde diz: *Deut. 6.º 5.* Amarás ao Senhor Deos teu de todo teu coração, & de toda tua alma, & de toda tua força. E a segunda parte do amor do proximo tomou do *Leuitico, Leuit. 19.º 18.* onde diz: Amarás a teu amigo como a ti mesmo. Onde por nome de amigo se entende proximo, conforme a versão dos Setenta, que diz: Amarás ao proximo como a ti mesmo. A qual versão no tempo de Christo era a mais corrente. Onde he de notar, segundo o Doutor Angelico, que nenhum destes preceitos he particular *D. Th. 2.º 1.º 44.º 1.* nos dez mandamentos, nem primeiro, nem segundo: nem algum dos dez especialmente manda q se ame Deos, ou que se ame o proximo. Mas são somente estes dous mandamentos como húa quinta substancia de todos os dez, & húa cifra, & compendio de todos elles.

11 Duas foram as taboas que Deos deu a Moyses com os dez preceitos. Em a primeira se continhão os que pertencem a Deos, & em a segunda os que pertencem ao proximo. E em nenhúa dellas está expresso o amor de Deos, nem do proximo; mas a isso he ordenada húa, & outra taboa. Dõ- *Nauarrin Manual, p. 5.º 11.º 18.º D. Th. 2.º D. D.* de parece que anda alheya da verdade cõta dos mandamentos da lei de Deos, que o primeiro seja, amar a Deos sobre todas as cousas. E tão alheyo, quão longe vai da virtude moral da Religião, á virtude Theologal da fé. Porque o amar a Deos sobre todas as cousas pertence á virtude da fé, & honrar a hum só Deos, & não idolatrar, pertence á virtude da Religião. Nem dizendo o Saluador: Este he o mayor, & primeiro mandamento; quiz ensinar a ordem, que no Exodo estaua bem clara; se não o fim, & dignidade d'elle, em o qual se enferam todos os da primeira taboa; como os da segunda em amar ao proximo, pollo qual razão lhe chama semelhante ao do amor de Deos. E por isso acrescenta, que nestes dous consiste

Tim. 13 n 10
Colof. 2. n. 14
1. Tim. 1. n. 5

ste toda a lei, & Prophetas. Porque o comprimento, perfeição, & summa da lei he a charidade: vinculo da perfeição, & o fim de todo o preceiro. O primeiro mandamento pois da lei he propriamente não adorar outro Deos, nem honrar outra algũa cousa com honra, & veneração de latria, se não a Deos; & tudo o mais pertence à virtude da Religião verdadeira, Iudaica entã, & Christã agora. Mas este primeiro, & os outros seguintes todos se enferam nisto de amar a Deos sobre todas as cousas, ou de todo coração, alma, & forças.

Chrysoft.
apud Land.
2. p. c. 16. cit
hom. 42. 1. m.

12 Sobre o qual diz S. Ioaõ Chrysoftomo: Não diz: Temers, mas Amaràs; porque o temor he dos seruos, o amor he dos filhos. Nem diz: Conheceràs, mas: Amaràs; porque o conhecello he da humana natureza, porem o amallo he do coração religioso, & justo. Não quer Deos ser temido dos homens seruilmente como Senhor; mas amado como pae, que concede aos homens o espirito de adopção. Todas as mais clausulas, que se apontam, são como modos desse amor; como tomando os portos a toda nossa afeição, para que por qualquer parte, que queira entrar outro amor, que não seja este, a ache tomada polla mesma lei diuina; coração, alma, juizo, & forças de todas as potencias, que todas neste amor se empreguem. E assi como na ordem da natureza não se consente, que algũa cousa, ou parte do vniuerso, por pequena que seja, fique vazia, & para a encher aodem todas as outras partes, & defençaixandose cada hũa de seu lugar, para remediar a que se não dé aquelle vacuo: assi na ordem da graça andã todas as partes da razaõ a trabalhar que não falte este amor de Deos no homem. Pollo qual diz S. Agostinho: Quando dixes: De todo teu coração, & de toda tua alma, & de todo teu juizo; nenhũa parte de nossa vida deixou, que possa estar vazia, &

Aug. de
Doct. Chryst.
c. 22.

dar lugar para se poder gozar doutra cousa. Mas tudo o mais que vier ao pensamento amarse, seja leuado para alli, para onde corre todo o impeto do amor. Porque entã he o homem cabalmente bom, quando toda sua vida encaminha para o immutavel bem.

13 E segundo S. Ioaõ Chrysoftomo; Amar de todo coração, he amar de modo que teu coração não se inclina outro amor, mais que ao de Deos. E amallo de toda a alma, he ter hum animo certo na verdade, & firme na fé. Porque hum he o amor do coração, & outro o amor da alma. O amor do coração he em certo modo, carnal; para que tambem amemos carnalmente a Deos, o que não podemos fazer, se nos não apartarmos das cousas carnaes. O amor pois do coração, no coração, se sente. Porem o amor da alma não se sente, mas somente se entende; porque consiste no juizo da alma. Porque o que cre que em Deos está todo o bem, & fóra de Deos bem nenhum ha; este ama a Deos em toda a alma. E amar a Deos de toda a mente, ou juizo, he fazer que todos os sentidos nelle se empreguem. Porque aquelle cujo entendimẽto serue a Deos, cuja sabidoria acerca de Deos anda, cujo pensamento do que he de Deos trata, cuja memoria só do que he bem se lembra; este ama a Deos de todo seu fizo. E ainda segundo a Glossa com o mesmo Chrysoftomo, amallo de todo coração he com todo o entendimento sem erro: de toda a alma, he de toda a vontade sem contradição: de toda a mente, he de toda a memoria sem esquecimento. Finalmente segundo Theophilo, tres facultades tem o homem, cõforme às quaes viue, animal, natural, & racional; com todas as quaes quer Deos ser de nòs amado. A animal (a que pertence a ira, & desejo) se entende polla alma; (A natural) a que pertence a nuttição, & augmento) se de clara polla coração. A

Chrysoft. in
Cat. Marc. cap.

Glossa. hic.

Theoph. in
Cat. Marc.

R r iij ratio-

Theoph. & Niff. de opif. hom. o. 8. apud. Barrad Bellarm. tom 1 lib. 2. de Monah. c. 13. & Mald. hic.

Thuse. lit. R. §. verba con- ci. 85. n. 73. Plures apud. Martic. de. coniect. lib. 8. lit. 18. n. 18.

racional (a que pertence o discurso, & liberdade, se significa polla mente, ou razaõ. Todás estas differenças, & modos vem a fazer hum encareci- mento, & recommendação grandis- sima de como Deos deue ser de nos a- mado: porque o que muito se deseja cumprido, não basta encomendar-se hũa só vez, mas por muitos modos se repete. Por isso em S Marcos se a- crecenta tambem o que se exprime no Deutoronomio: De toda tua fortale- za, forças, & potencias. E assi val tá- to como dizer: amarás a Deos sobre todas as cousas, muito, & mais de mui- to, & tudo o que pude ser, com o vltimo de tua potencia. E o que com muitas palauras se repete, he final, conforme ao direito, que se quer asse- gurar, & recommendar muito para seu diuino effeito.

LIÇAM. III.

Da recommendação do primeiro preceito.

14 **A** Sentada pois a respõsta do Senhor, prosegue em terceiro lugar a recommendação do primeiro preceito; pollo qual se segue em o texto. *Este he o mayor, & primeiro preceito da lei.* Não em or- dem aos dez do Decalogo, se não so- bre todos elles, & a que por todos el- les se espalha, & transcende, & o que por todos elles se estende. Por isso diz que he grande, porque de tres mo- dos pode ser grande; per semelhança à grandeza da quantidade corporal. O Apostolo Propheta descreue da santa Cidade, que seu comprimento, altura, & largura (que são as tres di- mensões que os Philosophos reco- nhecem na quantidade) eram entre- si iguaes, medidas polla vara de ouro. Ou segundo a altura, ou segundo a largura, ou segundo o comprimento. Segundo a altura he tamanho este pre- ceito, que posto que nesta vida mise- ravel pode o homem ajudado da gra- ça diuina chegar a amar a Deos de to-

do coração, & muitos seruos seus de feito o amem assi, como de Dauid, Io- sias, & outros o affirmam as Escri- turas: toda via o amalho perfeittis- sime sem temor de perdello, nem embaraço doutra affeição, só na patria acontece. E isto quer S. Agostinho quando diz: A aquella vida immor- tal pertence o amares a Deos de todo teu coração: porem a esta, que não reine peccado em vosso mortal corpo. Em o qual complemento de charida- de se comprirá là aquelle preceito: por quanto ha ainda algũa cousa da ani- mal concupiscencia, que seja necessa- rio enfrear-se; polla qual não se deixa amar Deos de todo o coração. Tal he a excellencia deste preceito, tal a difficuldade de chegar a empregar em Deos todas as potencias, sentidos, fa- culdades, & forças, que fazem exce- der no encarecimento. Mas tal he a virtude do auxilio diuino, que ajudan- do o lume natural da razaõ, o come- ça aqui a cõprir, para là na patria dar com o premio a perfeição de seu com- plemento.

15 Segundo a largura he tal qual o Psalmista o canta dizendo: Mui- largo he o vosso mandamento. Taõ largo, que comprehende em si toda a lei; & taõ capaz, que todos os pre- ceitos se contem dentro nelle. Assi como o Oceano abarca todas as a- guas, & assi como a mayor spha- ra cõprehende todo o Vniuerso. Com a- guas diza Escriitura, que cobrio Deos todos os superiores Ceos. As aguas (diz S. Agostinho) são a charidade, que se derramou em nossos coraçõens pollo Espirito Santo, que nos foi da- do. Esta contem em si todas as Escri- turas com todos seus preceitos, & or- denaçõens. Esta alarga o coração hu- mano de maneira, que sendo de na- tureza apertado, estreito, & acanhado; o faz capaz do mesmo Deos, a quem sobre tudo ama. Todas as virtudes, & os cumprimentos, obseruancias, dos preceitos diuinos, tomados todos juntos

Palatin. sig

Aug. de Sp. & lit. c. ult. Rom 6. n. 11. Aug. de per- fect. iust. Ber. & D. The. apud Barrad.

ps. 118. n. 76.

ps. 103. n. 3. Aug. ibid. Rom 5 n. 5.

Text.

Apo. 21 n. 16

juntos em toda sua largueza ; menores são que a charidade, & sem ella são nada, como largamente discorre S. Paulo escreuendo aos de Corinto. Se se medir a alma ornada de todos os dons naturaes da saude, fermosura, sciência, eloquecia, valétia, & riqueza: & dos sobrenaturaes, & da ordem da graça, da fé, esperança, religião, penitencia, castidade, temperança, & justiça, & fortaleza ; ainda he estreita alma, não pode chegar à largura da immensidade do Ceo. Mas se se medir polla medida de ouro de charidade, mais larga he que os Ceos ; porque he tamanha como Deos, com quem pollo amor se faz húa mesma cousa. Porque o amor, diz o Areopagita, que he húa virtude de vnir extremos, por mais distintos que sejam per natureza. Donde S. Bernardo affirma, que a quantidade de cada húa das almas se mede polla medida da charidade. Se grande charidade tem, grande he ; se pouca, pequena he a alma, & desprestuel. E que muito se até nas ordens dos Espiritos Celestiaes, aquelles são mayores, que polla medida do amor são achados mais auantajados, quaes são os Seraphicos.

16 Segundo o comprimento, este preceito do amor, não só he maior, mas infinito, & interminado, & sem limite. Pois começando nesta vida, se não contenta com tempo algum para consumarse, & acabar-se; mas busca outra vida, & outro mundo, tendo aos termos deste por curtos espaços para seu comprimento. Chorou de ambição Alexandre quando o Philosopho lhe intimou, que não auia mais que hum mundo, parecendo-lhe curto, & estreito para tamanho espirito. E infinitos mundos, se os considerar o amor de Deos, deixados por elle; curtissimos são para o comprimento do mandamento da charidade, & só no outro mundo, & na outra vida pode ter termo, porque não

tem elle termo. Donde S. Bernardo diz, que a causa de amar a Deos, he Deos : o modo de o amar, he não ter modo. Porque assi como aquelle que tem hum largo caminho que andar, por muito que tenha caminhado, lhe parece pouco em respeito do que lhe resta : assi o que tratta de amar a Deos, por muito que faça, tudo lhe parece nada ; porque ve o muito q̄ ainda lhe fica por amar. E quanto mais amar, mais verà que lhe fica para amar. Por isto, segundo S. Agostinho, chamou o Apostolo ao amor caminho, & de qualquer modo que se ande, sempre he infinito, & immenso como seu objecto. E os pés, com que se ha de andar, são dous. O primeiro he por lembrança aos diuinos beneficios, porque mui ingrato he o que acordandose do muito que deue, não paga em amor. O segundo he a consideração da diuina excellencia, porque (como diz o Sabio) por mais que glorifiquemos suas perfeições, sempre resta que louuar. E mui necio he o que não ama o que por perfectissimo conhece.

17 Assi he grande, ou mayor que todos este preceito ; & tambem he primeiro em muitas maneiras. Em primeiro lugar he primeiro em necessidade de obseruação, a qual se faz de dous modos: hum he o desprezo de todas as cousas mundanas : porque injuria he que se faz ao que muito se quer, o igualar-lhe outra cousa. E como diz S. Agostinho: Menos Senhor vos ama, quem fôra de vos outra cousa ama. E S. Ieronimo: Mui avaro he aquelle, a quem Deos não basta. O outro he a detestação de todo o peccado, pollo menos mortal: porque com amor não cabe offensa; nem pode hum coração seruir a dous contrarios senhores. E segundo o Carthusiano, não ama a Deos o soberbo, ou amador de vã gloria, que antepoem o pó della. Não o sensual, que por húa momentanea deleitação o deixa. Não o auarento,

Ber. Traç. de dilig. Deo. c. 1. Diaz conc 1. hic.

1. Corint. 13. n. 31.

Aug. in Ps. 103.

Eccl. 43. n. 33.

Aug.

1. Cor. 13. n. 1.

Dim. cael. hier.

Ber. ser. 27. in Cant.